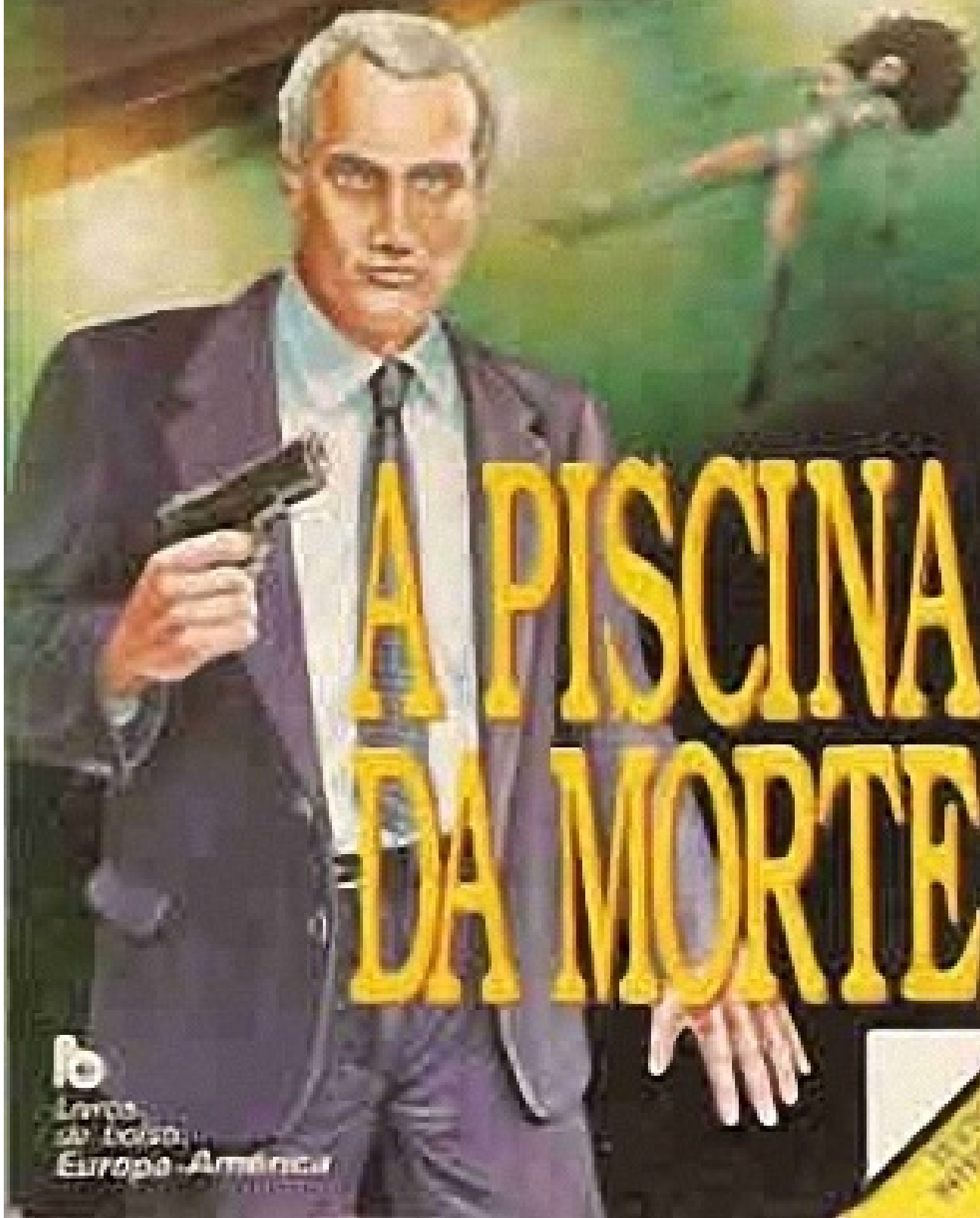




Alcance
CRIME

ROSS MACDONALD



A PISCINA DA MORTE



Luca
de Lollo
Europa-América

ALCANCE
CRIME

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [Le Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [Le Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [lelivros.love](#) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados [neste link](#).

"Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não mais lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade poderá enfim evoluir a um novo nível."



TÍTULO

ROSS MACDONALD

A PISCINA DA MORTE

(The Drowning Pool - 1950)

Detetive Lew Archer #02

* * *

ÍNDICE

Capa	
Título	
Índice	
O Autor	
Série	
Resumo	
Capítulos	
<i>Um</i>	
<i>Dois</i>	
<i>Três</i>	
<i>Quatro</i>	
<i>Cinco</i>	
<i>Seis</i>	
<i>Sete</i>	
<i>Oito</i>	
<i>Nove</i>	
<i>Dez</i>	
<i>Onze</i>	
<i>Doze</i>	
<i>Treze</i>	
<i>Quatorze</i>	
<i>Quinze</i>	
<i>Dezesseis</i>	
<i>Dezessete</i>	
<i>Dezoito</i>	
<i>Dezenove</i>	
<i>Vinte</i>	
<i>Vinte e Um</i>	
<i>Vinte e Dois</i>	
<i>Vinte e Três</i>	
<i>Vinte e Quatro</i>	
<i>Vinte e Cinco</i>	

O AUTOR

ROSS MACDONALD foi pseudônimo de Kenneth Millar, (Los Gatos, Califórnia, 13 de dezembro de 1915 - Santa Barbara, Califórnia, 11 de julho de 1983) um escritor americano-canadense de novelas policiais, famoso por criar o personagem do detetive Lew Archer. Kenneth Millar estudou em Kitchener, Ontário. No colégio, ele conheceu a também escritora Margaret Sturm, com quem se casou em 1938. Eles tiveram uma filha, Linda, que morreu em 1970.

Começou sua carreira literária em revistas, enquanto estudava na Universidade de Michigan, onde concluiu o seu primeiro romance, **TÚNEL ESCURO**, 1944. Em seguida, escreveu sob o pseudônimo de John Macdonald, para evitar confusão com sua esposa, que escrevia com sucesso sob o nome de Margaret Millar. Assim, seu nome se tornou John Ross Macdonald e mais tarde em Ross Macdonald, por causa da homonímia com John D. MacDonald. De 1944 a 1946, foi oficial de transmissão de um navio e, em seguida, voltou para a faculdade, onde fez o seu doutorado em 1951. Durante os anos cinquenta Ross voltou para a Califórnia e passou seus últimos anos em Santa Barbara, onde a maioria de seus livros estão aclimatados.

Macdonald foi o primeiro herdeiro do legado literário de Dashiell Hammett e Raymond Chandler como escritores de novelas policiais. No estilo de seus antecessores acrescenta alguma densidade psicológica e personagens de maior design. Além disso, os quadros de Macdonald são mais complexos e sempre com segredos de família lamentáveis; filhos pródigos são tema recorrente. Inspirado por Francis Scott Fitzgerald, Macdonald escreveu para os fãs do gênero e para críticos literários. William Goldman chamou seus romances "a melhor série de romances policiais escritos por um autor americano".

* * *

LIVROS DA SÉRIE DETETIVE LEW ARCHER

1. 1949; *The Moving Target*;
2. 1950; *The Drowning Pool*;
3. 1950; *The Drowning Pool*;
4. 1951; *The Way Some People Die*;
5. 1952; *The Ivory Grin*;
6. 1954; *Find a Victim*;
7. 1956; *The Barbarous Coast*;
8. 1958; *The Doomsters*;
9. 1959; *The Galton Case*;
10. 1961; *The Wycherly Woman*;
11. 1962; *The Zebra-Striped Hearse*;
12. 1964; *The Chill*;
13. 1965; *The Far Side of the Dollar*;
14. 1966; *Black Money*;
15. 1968; *The Instant Enemy*;
16. 1969; *The Goodbye Look*;
17. 1971; *The Underground Man*;
18. 1973; *Sleeping Beauty*;
19. 1976; *The Blue Hammer*.

* * *

RESUMO

A MANSÃO de Mrs. Slocum se assentava sobre um riquíssimo veio petrolífero, próximo da costa da Califórnia. Mas, Mrs. Slocum, quase sexagenária, viúva, de grande vitalidade, não deixava explorá-lo. Por sua obsessão com a paisagem ou para se reservar o poder de manter em uma decorosa miséria a quem a rodeava: seu filho James, de duvidosas inclinações artísticas e sexuais; sua nora, Maude, de trinta anos, com uma existência que permitia a extorsão; e sua neta, Cathy, de dezesseis anos, mas com experiência muito superior a idade. Todos odiavam Mrs. Slocum. Uma noite ela apareceu morta na piscina de sua casa. Depois foi Maude quem se suicidou com estricnina. Enquanto estes graves acontecimentos se sucediam. Lew Archer, que havia perdido sua cliente, Maude, continuou investigando o caso, sob risco de morte, não porque se interessava em fazer justiça, mas sim pela verdade.

* * *

Um

SE NÃO a olhasse no rosto, pensaria que ela tinha menos de trinta anos. Seu corpo era ágil e esbelto como o de uma moça. Sua roupa destacava este fato: um conjunto a medida de raíom e elevados saltos que punham em tensão suas panturrilhas recobertas pelo nylon. Mas havia uma expressão de pesar em seus olhos e uma tensão em sua boca. Os olhos eram de um azul escuro e tinham uma espécie de dupla visão. Viam claramente, de maneira total, mas ao mesmo tempo olhavam mais à frente. Tinham anos para contemplar retrospectivamente, e mais coisa para ver neles que os olhos de uma moça. Uns trinta e cinco anos, acredito, e ainda em bom estado. Permaneceu na porta sem falar durante um tempo muito longo para que eu pensasse todas essas coisas. Seus dentes mordiscavam o interior do lábio superior, e mantinha com ambas as mãos sua carteira negra de camurça ao nível de sua cintura. Deixei que o silêncio se prolongasse. Ela tinha tocado e eu tinha aberto a porta. Indecisa ou não, ela não podia esperar que eu a levantasse no colo por cima da soleira. Já era uma moça feita e por alguma razão tinha vindo. Sua atitude demonstrava embaraço e ansiedade.

— Senhor Archer? Disse finalmente.

— Sim. Pode entrar.

— Obrigado. Desculpe minha vacilação. Deve tê-lo feito se sentir como um dentista.

— Todo mundo odeia os detetives e os dentistas. Nós lhes retribuímos o ódio.

— Realmente? Na verdade, nunca fui ao dentista. Sorriu para demonstrar sua asserção, e estendeu a mão com soltura. — Nem ao escritório de um detetive, adicionou.

Localizei-a em uma cômoda cadeira junto à janela. A luz não pareceu lhe importar. Seu cabelo era de cor castanho natural, sem uma mecha prateada, que eu pudesse ver. Seu rosto era espaçoso e bronzeado. Perguntei-me se toda ela seria limpa e bronzeada.

— Que dente lhe incomoda, senhora...?

— Desculpe-me. Meu nome é Maude Slocum. Sempre esqueço a boa educação quando estou alterada. Desculpava-se muito para uma mulher com essa figura e esses vestidos.

— Olhe, disse, — Tenho pele de rinoceronte e coração de ferro. Trabalhei em divórcios em Los Angeles durante dez anos. Se você conseguir me contar algo que eu não conheça, doarei meus lucros de uma semana na Santa Anita para obras de caridade.

— E você realiza sua tarefa com eficiência em casos escuros, senhor Archer?

— A escuridão me aterroriza, mas o povo é pior.

— Sei o que quer dizer. Seus belos dentes brancos começaram de novo a lutar com a cálida boca. — Quando era mais jovem, adicionou, — Estava acostumado a pensar que o povo só quer viver e deixar viver, você sabe? Agora não estou tão certa disso.

— Você não veio nesta manhã para dialogar sobre moral abstrata. Pode me dar algum exemplo específico? Depois de uma pausa, respondeu:

— Sim. Ontem sofri uma comoção. Olhou-me no rosto e em seguida mais à frente. Seus olhos eram tão profundos como o mar além da Catalina. — Alguém está tentando me destruir.

— Matá-la, quer você dizer?

— De destruir as coisas que me importam. Meu marido, minha família, meu lar, o ritmo de sua voz titubeou e logo cessou. — É tremendamente difícil explicar. A coisa é tão secreta.

Voltamos para o início, disse para mim mesmo. Uma verdadeira manhã de confissão, com Archer de sacerdote.

— Eu devia ter ido ao City College e estudado para dentista, e me dedicar a algo simples e inócuo como extrair molares. Se você realmente precisa da minha ajuda, terá que me dizer em que posso ajudá-la. Alguém a enviou para cá?

— Recomendaram-me você. Conheço um... Homem que é policial. Disse-me que era honesto e discreto.

— É estranho que um policial diga isso de mim. Poderia me dizer seu nome?

— Não, não posso. A ideia pareceu alarmá-la. Seus dedos se crisparam sobre a carteira negra de camurça.

— Ele não sabe nada disto.

— Tampouco eu. Deixei escapar um sorriso e ofereci um cigarro. Ela o aspirou sem prazer, mas pareceu se relaxar um pouco.

— Maldição! A fumaça a fez tossir. — Estive acordada toda a noite tentando me decidir e ainda não pude. Ninguém está informado, você sabe? É muito difícil contar a alguém. Depois de dezesseis anos se adquire o hábito do silêncio.

— Dezesseis anos? Acreditei que tinha acontecido ontem. Ela se ruborizou.

— Oh, sim! Simplesmente estava pensando no tempo durante o qual fui casada. Isto tem íntima relação com meu casamento.

— Já começo a suspeitar. Sou bom para as adivinhações.

— Me perdoe. Não quis ofendê-lo ou insultá-lo. Sua contrição era inesperada em uma mulher de sua classe. Não estava de acordo com trajes de cem dólares. — Não é que eu pense que você difundirá ou tentará me chantagear...

— Alguém está tentando chantageá-la? A pergunta perturbou-a até o ponto de lhe provocar um sobressalto. Cruzou as pernas e se inclinou para frente.

— Não sei. Não tenho ideia alguma.

— Então estamos no mesmo barco.

Tirei um envelope da gaveta superior de minha mesa e comecei a ler a folha mimeografada que continha. Inteirei-me de que tinha uma probabilidade sobre três de entrar no ano próximo em um hospital, de que não podia estar sem o amparo de um seguro de saúde e de que quem vacila está perdido.

— Quem vacila está perdido, disse em voz alta.

— Você debocha de mim, senhor Archer. Mas, qual é o acordo? Se você se encarregar do caso, naturalmente se regerá pelos meus interesses. Mas se não for assim e eu o informo do que

aconteceu, posso confiar que você esquecerá o assunto? Deixei que minha irritação se filtrasse na voz; e desta vez não sorri, nem fiz gesto algum.

— Deixemos disto. Você está me fazendo perder tempo, senhora Slocum.

— Já sei. Havia em sua voz um tom de desgosto de si mesma, talvez mais de que devia haver. — Este assunto foi um golpe para mim, um golpe à traição. Em seguida falou com repentina decisão e abriu a carteira com seus rígidos dedos brancos. — Acho que devo permitir que a leia. Agora não posso voltar para casa e esperar que chegue outra. Olhei a carta que estendia. Era breve e ia ao ponto, sem cabeçalhos nem assinatura.

Estimado senhor Slocum:

Os lírios quando apodrecem cheiram muito mal. Você pode apreciar o papel de cornudo complacente? Ou é que, curiosamente, ignora as atividades amorosas de sua mulher?

A mensagem estava escrita à máquina em uma folha de papel barato e tinha sido recortada até alcançar um tamanho que coubesse em um envelope pequeno.

— Isto estava em algum envelope?

— Sim.

Pinçou em sua carteira e estendeu um envelope branco enrugado, dirigido a James Slocum, Esq., Trail Road, Nopal Valley, Califórnia. O selo do correio se lia com clareza: Quinto, Calif., julho 18.

— Hoje é quarta-feira, disse — Foi enviada na segunda-feira. Você conhece a alguém em Quinto?

— Quase todo mundo. Esboçou um sorriso tenso. — Fica a poucas milhas de Nopal Valley, onde nós moramos. Mas não tenho a mais remota ideia de quem pode tê-la enviado.

— Nem por quê?

— Suponho que tenho inimigos. A maioria das pessoas tem.

— Imagino que seu marido não a viu. James Slocum é seu marido?

— Sim. Não a viu. Estava ocupado em Quinto quando chegou. Habitualmente vou de bicicleta até os Correios.

— Ele tem negócios em Quinto?

— Negócios não. É muito ativo nos Atores de Quinto, um grupo de teatro semiprofissional. Esta semana ensaiam todas as tardes...

— Você lê habitualmente as cartas de seu marido? Interrompi-a.

— Sim. Cada um de nós lê as cartas do outro... Não esperava ser interrogada, senhor Archer.

— Uma pergunta mais. É verdadeira a afirmação da carta? O sangue avermelhou a clara pele de seu rosto e seus olhos brilharam.

— Você não espera que eu responda a essa pergunta.

— Muito bem. Não estaria aqui, se não fosse verdade.

— Ao contrário, disse.

— E você quer que eu descubra quem enviou a carta e faça alguma coisa?

— Oh, não! Disse sem astúcia. — Só quero que pare de enviar cartas. Não posso ficar vigiando os Correios para interceptar suas cartas nem posso resistir a tensão de esperar e estar na incerteza...

— Além disso, a próxima nota podem entregar a ele pessoalmente. Importaria muito se ele a

lesse?

— Importaria terrivelmente.

— Por quê? É muito ciumento?

— Absolutamente, é um homem muito tranquilo.

— E você está apaixonada por ele?

— Casei-me com ele, disse. — E não lamentei.

— Se seu casamento for firme, não tem que se preocupar com uma ou duas cartas anônimas.

Coloquei a carta sobre a tampa da mesa e olhei-a. Sua boca e seus olhos tinham uma expressão atormentada.

— Seria um golpe. Tenho uma filha que ainda vai à escola. Simplesmente não permitirei que isso aconteça.

— O quê?

— Uma ruptura e um divórcio, respondeu asperamente.

— Isso é o que aconteceria se isso chegar ao seu marido? Perguntei enquanto assinalava com a ponta do cigarro a folha de papel branco.

— Temo que sim, senhor Archer. Posso enfrentar o James, mas ele contará para sua mãe e ela contratará detetives.

— E podem encontrar motivos de divórcio? Há alguma prova contra você?

— Deve ter, disse com amargura. — Alguém sabe. Moveu todo seu corpo rapidamente, retorcendo-se como uma minhoca num anzol. Por um momento amaldiçoou seu sexo. — Isto é muito penoso para mim.

— Imagino, disse. — Minha mulher se divorciou de mim no ano passado. Crueldade mental extrema.

— Acredito que você seria capaz disso, falou com amável malícia em sua voz; em seguida seu tom trocou novamente. — Por favor, não pense que não levo o divórcio a sério. É a última coisa que faria.

— Por sua filha, você diz? Refletiu um momento.

— Ultimamente, sim. Eu fui filha de pais divorciados e sofri muito por isso. Também há outras razões. Minha sogra se alegraria muito.

— Que tipo de mulher é ela? Ela pode ter sido quem enviou a carta? A pergunta pegou-a despreparada e teve que pensar novamente.

— Não. Estou certa de que não foi ela, Age muito mais diretamente. É uma mulher muito enérgica. Como disse, não tenho ideia de quem pode tê-la enviado.

— Qualquer pessoa de Quinto, claro. Uma população de vinte e cinco mil habitantes, não é verdade? Ou alguém que passou em Quinto na segunda-feira. É uma situação muito difícil.

— Mas você tentará me ajudar?

Não era muito próprio de uma dama se colocar na cadeira em atitude suplicante e dramatizar seu pedido. Havia alguma probabilidade de que não fosse uma dama, no final das contas.

— Levará tempo e não posso prometer resultados satisfatórios. Você tem bastante dinheiro, senhora Slocum?

— Suponho que você não reservará seus serviços exclusivamente para os ricos, disse e percorreu com a vista o escritório singelo, pequeno e quadrado.

— Não gasto dinheiro em aparências, mas recebo cinquenta dólares por dia, mais os gastos.

Custará quatrocentos ou quinhentos dólares por semana, e com os elementos de julgamento de que disponho isto pode levar todo o verão. A mulher engoliu seu desalento.

— Francamente, não estou em ótima situação econômica. Na família há dinheiro, mas James e eu não o temos. Tudo o que temos é a renda proveniente de uns cem mil.

— Três mil e quinhentos.

— Menos. A mãe de James controla o dinheiro. Vivemos com ela. Entretanto, tenho um pouco de dinheiro que economizei para a educação de Cathy. Posso lhe pagar quinhentos dólares.

— Não posso lhe assegurar que consiga alguma coisa em uma semana, nem em um mês.

— Preciso fazer algo.

— Imagino por quê. A pessoa que escreveu essa carta provavelmente sabe algo mais definido, e você tem medo da próxima carta. Não respondeu. — Ajudaria bastante se você me dissesse se teme a descoberta de algo. Seus olhos sustentaram friamente meu olhar.

— Não vejo necessidade de confessar que sou adúltera ou de que você suponha que há algo para confessar.

— Mas demônios! Disse, — Se tiver que trabalhar no vazio, perderei tempo.

— Pagar-lhe-ei por isso.

— Perderá seu dinheiro, então.

— Não me importo. Abriu sua carteira, contou dez notas de vinte dólares e os colocou sobre a mesa. — Aí tem. Quero que faça o que puder. Você conhece Nopal Valley?

— Já passei por ali, e também conheço um pouco Quinto. O que faz seu marido com os atores de Quinto?

— Ou é ator, ou pensa que é. Você não deve tentar falar com ele.

— Terá que me deixar agir segundo meu parecer, ou do contrário fico em meu escritório lendo um livro. Como posso me pôr em contato com você?

— Pode telefonar para a minha casa. Nopal Valley está na lista telefônica de Quinto. Sob o nome da senhora Olivia Slocum.

Levantou-se e a seguiu até a porta. Observei pela primeira vez que o dorso de seu formoso traje estava desbotado. Havia uma tênue linha ao redor da borda da saia onde a prega tinha sido trocada. Senti pena da mulher e eu gostei.

— Irei lá esta manhã, disse. — Vigie o Correio.

Quando saiu, me sentei atrás da mesa e contemplei a tampa suja. Sobre ela estavam a carta e as notas de vinte, a primeira perto das outras. Sexo e dinheiro, as duas raízes do mal. O cigarro esquecido da senhora Slocum fumegava no cinzeiro com a marca do batom, como uma débil auréola de sangue. Despedia mau cheiro, e o apaguei. Guardei a carta no bolso interior do casaco e o dinheiro na carteira. Quando descí, na rua o calor estava chegando aos noventa graus Fahrenheit. No céu, o sol subia para seu apogeu.

Dois

A UMA HORA ao norte da Santa Mônica, um cartaz me informou:

VOCÊ ESTÁ ENTRANDO EM QUINTO, JOIA DO MAR.
VELOCIDADE 25 MILHAS.

Diminuí a velocidade e comecei a procurar um estacionamento. As casinhas brancas do MOTEL DO MAR pareciam limpas e frescas; virei para o terreno que se estendia na frente ao recinto em forma de U. Uma mulher magra, vestida com uma bata de linho, saiu de uma porta sob um cartaz que dizia ESCRITÓRIO antes que eu parasse o automóvel. Dirigiu-se para mim com um sorriso artificial.

— Você procurava alojamento, senhor?

— Procurava e ainda procuro. Sorrii entre dentes e passou sua mão pelo cabelo desbotado, firmemente preso por detrás de seu anguloso rosto.

— Viaja sozinho?

— Sim. Talvez eu fique alguns dias. Pestanejou com malícia enquanto sacudia a cabeça. — Não permaneça muito tempo porque o encanto de Quinto o apanhará. É a Joia de Mar, você sabe. Vai querer ficar aqui para sempre. Temos uns quartos muito bonitos a sete dólares.

— Posso vê-lo?

— É óbvio. Acredito que o achará encantador.

Mostrou-me uma casa de madeira nodosa de pinheiro, com uma cama, uma mesa e duas cadeiras. O chão e o moveis brilhavam pela cera. Sobre uma parede se via uma reprodução da Rivera, cujos açafões se repetiam em um vaso de malmequeres frescos localizado sobre o suporte da lareira. Por debaixo da janela que dava ao oeste cintilava o mar. Voltou-se para mim como um músico desde seu piano.

— Gostou?

— Achei encantador, disse.

— Se você entrar agora para se registrar, farei com que Henry encha a jarra com água gelada. Tentamos que se sinta cômodo, você vê.

Segui-a até o escritório, com uma sensação de desconforto por seu afã de se mostrar serviçal, e assinei no registro o meu nome completo, Lew A. Archer, junto ao meu endereço de Los Angeles.

— Vejo que você é de Los Angeles, disse recebendo meu dinheiro.

— Temporariamente. Na verdade, eu gostaria de me estabelecer aqui.

— Realmente? Explorou. — Ouviu isso, Henry? Este cavalheiro quer se estabelecer em Quinto.

Um homem de aspecto cansado se voltou pela metade de uma mesa localizada no fundo, e grunhiu.

— Oh! Você se apaixonará pelo lugar, disse ela. — O mar, as montanhas, o ar limpo e fresco, as noites. Henry e eu estamos muito contentes de havermos decidido a comprar isto. E no verão enche todas as noites; antes que escureça já pomos o cartaz onde se informa que não há lugar. Henry e eu muitas vezes fazemos apostas, não é verdade, Henry? Henry grunhiu novamente.

— Há muitas maneiras de ganhar a vida aqui?

— Claro, temos muitas lojas e todo tipo de coisas. Não há indústrias, é óbvio; a Prefeitura não permite. No final das contas, olhe o que aconteceu com Nopal Valley quando abriram os poços de petróleo.

— O que aconteceu a Nopal Valle?

— Arruinou-se, arruinou-se totalmente. Grandes hordas de pessoas de classe baixa, mexicanos e trabalhadores de petróleo chegaram, Deus sabe de onde e simplesmente destruíram a cidade. Não podemos permitir que aqui aconteça o mesmo.

— Absolutamente, não! Disse com uma falsidade que seus ouvidos não podiam captar. — Quinto deve continuar sendo um lugar de beleza natural e um centro cultural. Ouvi falar muito dos Atores de Quinto, seja dito de passagem.

— Realmente, senhor Archer? Sua voz se reduziu a um sussurro acompanhado de um tolo sorriso: — Você não será um personagem de Hollywood, não é?

— Não exatamente, respondi deixando a pergunta em suspense. — Trabalhei muito em Hollywood e ao redor dela.

De fato, tinha ficado em quartos de hotéis baratos, desfazendo vínculos maritais e chantageando a chantagistas em decadência. Entrecerrou os olhos e apertou os lábios como se me entendesse.

— Tinha a impressão de que você era de Hollywood. É óbvio, você vai querer ver a nova peça, neste fim de semana. Escreveu-a o senhor Marvell, é um homem brilhante, e também a dirige. Rita Treadwith, uma pessoa muito amiga minha, colabora nos trajés e diz que a peça tem grandes possibilidades: filmes, Broadway, algo assim.

— Sim, disse, — Chegaram a me informar. Onde fica o teatro onde ensaiam?

— Na rua principal, no centro da cidade. Vire à direita do palácio de justiça e verá o cartaz “Teatro de Quinto”.

— Obrigado, disse, e saí.

A porta biombo abriu pela segunda vez antes que eu chegasse ao meu automóvel e Henry veio apressadamente até mim.

— Posso lhe fazer uma boa proposta, se você estiver interessado. Dez mil à vista e o resto a pagar com os lucros. Cinquenta mil por tudo, quer dizer, doze lindas casinhas e uma boa reputação.

— Quer vender este lugar? Para mim?

— A esse preço nunca conseguirá nada melhor.

— Acreditei que vocês estavam encantados com Quinto. Lançou um olhar turvo e depreciativo para a porta do escritório.

— Isso é o que ela pensa, só ela, demônios! A Câmara de Comércio pensa por ela. Tenho uma possibilidade de obter uma licença para a venda de bebidas em Nopal.

— Ouvi que em Nopal há dinheiro.

— Não duvide. O vale está cheio de dinheiro desde que encontraram petróleo, e não há consumidores como o povo do petróleo. Ganham e gastam dinheiro facilmente.

— Sinto muito, disse, — Mas não estou interessado.

— Está bem. Simplesmente pensei que devia lhe perguntar. Ela não me deixa pôr um cartaz para vender este maldito lugar. Voltou apressadamente para o escritório.

Os homens e mulheres que havia nas ruas tinham o aspecto enrugado e de adoradores do sol. Muitos deles eram muito jovens ou muito velhos, e a maioria dos primeiros estava em traje de banho. Os brancos edifícios espanhóis pareciam irrealis, como um cenário pintado sobre o sólido céu azul. À esquerda, ao final das ruas, o mar plácido se elevava como uma lisa parede azul. Parei frente a um restaurante próximo ao palácio de justiça e entrei para tomar um lanche frio. A garçonete tinha um avental com quadrados vermelhos que fazia jogo com a toalha, e uma pele que fazia jogo com o café. Deixei-lhe uma pequena gorjeta e dei a volta no quarteirão até o Teatro de Quinto. Segundo meu relógio eram duas da tarde, hora que deviam estar ensaiando. Se a peça estava programada para o fim de semana, na quarta-feira estariam ensaiando toda a peça.

O teatro se levantava certa distância da rua, em uma superfície onde crescia um pasto que amarelava: era um maciço edifício sem janelas, com seu estuque descascado em parte, mostrando a vetustez do gesso. Duas colunas com o gesso picado sustentavam o teto do pórtico. Em cada uma das colunas um cartaz anunciava a estreia mundial de O HEDONISTA, uma nova obra de Francis Marvell. Sobre a parede situada ao lado do guichê havia um desdobramento de fotografias aderidas a uma grande lâmina de cartão azul. A senhorita Jeanette Dermott no papel de Clara: uma jovem loura de luminosos olhos sonhadores. A senhora de Leigh Galloway no papel da Esposa: uma mulher de rosto duro que sorria profissionalmente, com dentes brilhantes dispostos a devorar a um auditório imaginário. A terceira pessoa do trio fotografado me interessou. Era um homem de perto dos quarenta anos, de cabelo claro que ondeava sobre uma frente pálida e nobre. Seus olhos eram grandes e de expressão aflita, a boca pequena e sensível. A fotografia tinha sido tirada três quartos de frente para mostrar o perfil, que era muito delicado. O senhor James Slocum, dizia o subtítulo, no papel de “O Hedonista”. Ao acreditar na fotografia, o rosto do senhor Slocum podia ser o sonho de uma moça. Não o meu.

Um Packard de antes da guerra parou na calçada frente ao teatro e um homem jovem saiu dele. Suas longas pernas estavam apertadas em uma “Levis” desbotada e seus longos ombros se marcavam em uma florida camisa havaiana. O “Levis” e a camisa não estavam de acordo com a negra boina de chofer que levava em sua cabeça. Devia estar consciente disso porque a jogou no assento dianteiro de Packard antes de se afastar. Seu resplandecente cabelo escuro se espumava sobre a cabeça em pequenos cachos. Olhou-me com olhos empalidecidos pela pele bronzeada de seu rosto. Também o sonho de uma moça. Pastavam em manadas pelos lugares de veraneio de Califórnia.

O Sonho número dois abriu a pesada porta que estava a minha esquerda e a porta se fechou atrás dele. Esperei um minuto e o segui ao corredor. Este era pequeno, fechado e escuramente iluminado pela luminária onde estava escrito SAÍDA. O jovem tinha desaparecido, mas se ouvia um

murmúrio atrás de uma porta situada um pouco mais longe. Atravessei o corredor e entrei na sala principal. Estava às escuras, exceto o cenário, onde havia luzes e gente. Sentei-me em uma poltrona lateral da última fila e me perguntei que demônios eu fazia ali.

O cenário estava montado, era uma sala inglesa com móveis modernos, mas os atores ainda não vestiam os trajes da obra. James Slocum, tão belo como na fotografia e vestido com um suéter de gola alta, estava no cenário com a moça loura de calças. Estavam conversando no centro do cenário.

— Roderick, dizia a moça, — Conhecia meu amor por ti e alguma vez me disse uma palavra?

— Para que? Disse Slocum dando de ombros em tom cansadamente risonho. — Você estava contente de amar e eu estava contente de ser amado. Naturalmente, fiz o possível por te deixar respirar.

— Você me deixou respirar? Exagerou a surpresa e sua voz ficou ligeiramente alta. — Mas eu nunca me dei conta disso.

— Cuidei de que não acontecesse até que não atravessasse a magra linha que separa a admiração da paixão. Mas eu sempre estava alerta, com um fósforo para seu cigarro, um elogio para sua roupa ou um toque da mão ao nos separar. Moveu a mão no ar e inconscientemente sublinhou estas trivialidades.

— Mas, e sua mulher? O que acontece com ela? Parece incrível que queira me conduzir deliberadamente ao escuro âmbito do adultério.

— Escuro, querida? Pelo contrário, a paixão é radiante como mil sóis, luminosa como o alvorecer, está atravessada pelos esplendores do arco íris! Disse estas palavras como se as afirmasse de verdade, com uma voz ressonante que tinha um leve tom nasal. — Junto ao amor que podemos sentir um pelo outro, que sentiremos, a união legal é o emparelhamento de coelhos assustados em uma jaula.

— Roderick, odeio-te e te temo, mas te adoro, anunciou a garota, e se jogou em seus pés como uma bailarina. Estendeu-lhe ambas as mãos e a pôs de pé.

— Adoro ser adorado, respondeu prontamente. Abraçaram-se.

Uma figura magra tinha estado caminhando nervosamente na orquestra, e sua sombra era projetada pelas luzes. Agora pulou ao cenário com um único salto de antílope e caminhou ao redor do casal atuando como um árbitro.

— Muito bem, disse, — Muito bem, na verdade. Ambos compreenderam magnificamente minha intenção. Mas, seria possível, senhorita Dermott, dar um pouquinho mais de ênfase ao contraste entre ódio e temor, por um lado, e adoração, pelo outro? Ao fim das contas, esta é a nota dominante do primeiro ato: a ambivalência da resposta de Clara ao Hedonista que expressa a ambivalência de sua atitude ante o amor e a vida. Podem repetir, por favor, desde “coelhos em uma jaula”?

— É óbvio, senhor Marvell.

Era o autor da obra, como eu tinha suspeitado. Era o tipo de obra que só podia gostar uma mãe ou um ator, o tipo de trama que se emparelhava com a paródia. Uma artificiosa complexidade com um diálogo altissonante, e tudo vazio.

Dirigi minha atenção para a sala às escuras, que parecia maior do que era, porque estava quase vazia. Agrupavam-se nas primeiras filas umas poucas pessoas que observavam silenciosamente aos atores repetir seus textos. O restante dos assentos de madeira estava vazio, com exceção de um casal sentado só umas poucas filas diante da minha. À medida que meus olhos se acostumaram à escuridão, pude distinguir uma garota e um rapaz, com as cabeças inclinadas muito perto um de outro. Ao menos o rapaz se inclinava para ela; a garota estava sentada reta em sua poltrona. O rapaz a rodeou com seu braço e ela se transladou ao assento do lado. Vi seu rosto quando se inclinou para falar com a garota. Era o Sonho Número Dois.

— Maldição! Acredito chegar a algo consigo e de repente se mete em seu pequeno iglu e me fecha a porta no nariz.

— Os iglus não têm portas; se entra por um túnel. Sua voz era suave.

— Essa é outra coisa, tentava sussurrar, mas a cólera saltava em suas cordas vocais e dava um tom desigual a suas palavras. — Acha-se tão superior! O grande cérebro! Poderia lhe dizer coisas das que nunca ouviu falar sequer.

— Nem quero ouvir. Interessa-me a obra, senhor Reavis, e desejaria que me deixasse sozinha.

— Senhor Reavis! Que formal ficou de repente! Ontem à noite, quando a levei para casa, foi muito ardente, mas agora sou o senhor Reavis!

— Isso não é verdade, e não admitirei que me falem assim!

— Isso é o que você acha. Não pode brincar comigo, entende? Sou um tipo valioso, tenho ideias e poderia ter uma quantidade de mulheres, se quisesse, sabe?

— Já sei que é você irresistível, senhor Reavis. Minha falta de resposta é totalmente patológica.

— Palavras ocas! Gritou com frustração e fúria. — Mostrarei-lhe algo bom!

Antes que ela pudesse mudar novamente de lugar, o rapaz se agachou ante ela e a reteve. Ela lançou um gemido afogado e lhe golpeou o rosto com as mãos fechadas. Mas ele encontrou sua boca e a obrigou a beijá-lo lhe segurando a cabeça com uma de suas grandes mãos. Pude ouvir sua respiração agitada e o rangido do assento sob seus corpos em luta. Fiquei quieto. Eles se conheciam melhor que eu a eles e sabia que nada podia acontecer a ela nesse lugar. Finalmente, soltou-a, mas permaneceu inclinado sobre ela, com os ombros arqueados em uma atitude de esperança.

— Porco! Disse ela. — É um porco! As palavras lhe golpearam como um punhado de lama arrojado ao rosto.

— Não pode me tratar assim! Esqueceu-se de sussurrar e suas mãos procuravam os ombros ou o pescoço dela.

Estava me levantando quando se acenderam as luzes. O diálogo do cenário tinha cessado e todos se dirigiam para o corredor, com o Marvell à cabeça. Era um homem de cabelo muito claro, com um traje de lã de duas cores e muito tremendo. Um leve acento inglês se notava em sua voz:

— Que demônios está acontecendo aqui! Disse, com um tom de professora solteirona que apanhou um aluno em uma travessura.

O rapaz ficou rapidamente de pé e se voltou pela metade, se inclinando sobre o respaldo do assento. Havia uma estupidez carregada de vergonha em seus movimentos, mas também temor. Seus

músculos estavam tensos e seus olhos congelados. Slocum se adiantou e pôs a mão sobre o ombro de Marvell.

— Deixe-me tomar conta disso, Francis. Voltou-se para a moça, que estava sentada, tensa, em sua poltrona.

— O que aconteceu, Cath?

— Nada, pai. Sua voz era novamente grave. — Estávamos aqui sentados e Pat enlouqueceu, isso é tudo.

— Estava lhe beijando, disse Slocum. — Vi do cenário. É melhor que limpe o rosto, e falarei contigo mais tarde. Ela levou a mão à boca.

— Sim, pai, exclamou por entre os dedos.

Era uma bonita moça, muito mais jovem do que eu tinha pensado pelas palavras que usava. Seu cabelo ruivo se amontoava na nuca formando cachos que soltavam brilhos acobreados. O rapaz a olhou no rosto e em seguida ao seu pai.

— Não, disse. — Ela não tem nada a ver. Eu tentei beijá-la e ela não deixou.

— Você admite isso, Reavis?

O rapaz se aproximou de Slocum, quem pareceu diminuir. Com suas magras omoplatas que se marcavam sobre o suéter amarelo, era Slocum quem parecia garoto. Permaneceu onde estava, inflexível e ultrajado.

— Por que não teria que admitir? Não há nenhuma lei que proíba beijar uma garota, disse Reavis. Slocum falou com uma deliberada fúria fria:

— No que concerne a minha filha, certas coisas são impossíveis e inconcebíveis, e, pareceu procurar a palavra e a encontrou, — Sujas. Nenhum chofer caipira...

— Nem sempre serei chofer.

— Tem razão, já não o é mais.

— Suponho que você quer dizer que estou despedido, seu tom era plano e zombador.

— De fato.

— Pobre idiota! Você não pode me despedir. Nunca me pagou salário, de qualquer maneira. Não me interessa o seu trabalho porco. Pode guardar.

Os dois homens estavam frente a frente, tão perto que quase se tocavam. O restante das pessoas começou a se agrupar ao redor deles. Marvell deslizou entre eles e pôs uma mão sobre o peito de Reavis.

— Já basta, disse. — Aconselho-o a sair daqui antes que chame à polícia.

— Para prender um fanfarrão pretensioso? Reavis tentou rir e quase conseguiu. — Teria ido há meses se não fosse pela Cathy. Essa galinha está fazendo um favor. Cathy se levantou de seu assento com os olhos brilhosos e a ponto de chorar.

— Vá embora, Pat! Não deve dizer essas coisas horríveis ao meu pai.

— Já ouviu, Reavis, disse Slocum, que tinha o pescoço avermelhado, e a boca branca. — Saia daqui e não volte! Enviaremos suas coisas.

A tensão começou a diminuir quando Reavis, centro da situação, relaxou. Sabia que estava derrotado e seus ombros demonstravam. Voltou a olhar para Cathy, que desviou seu olhar. Antes de me converter no centro da atenção deslizei da minha poltrona e me dirigi ao corredor.

A fotografia do Hedonista no pórtico me olhava sem pestanejar sob o sol da tarde. O drama que se desenvolveu em Quinto fora do cenário é melhor que o ensaiado pelos atores, lhe disse silenciosamente. Não me respondeu; estava perdido no sonho de seu próprio encanto.

* * *

Três

ENCONTREI uma cabine de telefone em uma farmácia do quarteirão. Não havia nenhum James Slocum na seção de Nopal Valley da lista telefônica, mas havia uma senhora Olivia Slocum, presumivelmente sua mãe. Pus uma moeda de dez centavos e ouvi uma voz quebrada que podia ser tanto de um homem como de uma mulher:

— Residência dos Slocum.

— A senhora de James Slocum, por favor. Ouviu-se um golpezinho seco na linha.

— Está bem, senhora Strang. Atendo na minha extensão. A senhora Strang grunhiu e saiu da linha.

— Fala Archer, disse. — Estou em Quinto.

— Esperava que você ligasse. E aí?

— Olhe, senhora Slocum, estou virtualmente manietado. Não posso responder a perguntas. Não tenho nenhuma pista, nem contatos. Não há alguma maneira de que eu possa falar com sua família, com seu marido ao menos?

— Mas ele não tem nada a ver com a questão. Só despertaria suas suspeitas.

— Não necessariamente. Se andar flutuando a seu redor sem uma explicação, sem dúvida que terminarei por despertar suas suspeitas. E não poderei descobrir nada, se não falar com alguém.

— Parece você desalentado, disse ela.

— Eu nunca me desalento, já disse. Se atuar no vazio, não terei muitas possibilidades de ajudá-la. Sequer uma lista de suspeitos...

— Mas é que não há. Não posso indicar nem uma só pessoa. Realmente o caso é tão sem esperança?

— A menos que dê com uma coincidência feliz, como alguém que corra atrás de mim pela rua e confesse. Trata-se de um assunto muito íntimo. Não há nada notório, como nos assuntos comuns de divórcio, e eu preciso me aproximar um pouco de sua vida.

— Propõe me espionar, senhor Archer? Disse muito suavemente.

— De modo algum, já que eu trabalho para você. Mas preciso de um centro a partir do qual trabalhar, e você e sua família constituem tal centro. Hoje vi seu marido e sua filha, mas só os vi e isto não basta.

— Dei-lhe instruções específicas de que não se aproximasse de meu marido. As variações de seu ânimo eram difíceis de seguir. Eu modifiquei o meu.

— Se você não me deixar levar o assunto da minha maneira, terei que deixar o de lado. Devolverei o seu dinheiro pelo correio. No silêncio que seguiu pude ouvi-la tamborilar com um lápis na base do telefone.

— Não, disse finalmente. — Quero que você faça o que puder. Se tiver alguma sugestão razoável...

— Não é muito razoável, mas talvez dê certo. Você tem amigos em Hollywood? Gente de cinema? Outro silêncio.

— Mildred Fleming, que é secretária de um dos estúdios. Hoje almocei com ela.

— De que estúdio?

— Warner, eu acho.

— Está bem. Você lhe diga que a peça é muito boa. Ela tem um rapaz amigo que trabalha para um agente literário. Eu.

— Entendi, respondeu ela lentamente. — Sim, isto é muito razoável. Na realidade, é muito bom. Alguns amigos de James virão tomar umas bebidas. Você pode estar aqui às cinco?

— Irei antes.

— Muito bem, senhor Archer. Deu-me o endereço e desligou.

Minha camisa estava úmida de ficar sentado na quente cabine. Dirigi-me ao motel, coloquei um short e fui para a praia tomar um banho. As ondas verde-azuladas se elevavam lentamente mais à frente da borda do mar. Mais longe, algumas vela brancas se inclinavam no horizonte, estendidas como asas no vento, mas imóveis à distância. Lancei-me de frente contra uma onda que quebrava e corri para não sentir o frio da água. Meus pés esperneavam atrás e nadei em linha reta um quarto de milha. Ali os leitos de algas marinhas me pararam, pois formavam uma emaranhada barreira de canos marrons e amarelos e de bulbos que flutuavam na água. Odiei o contato da vida submarina.

Pus-me de costas e flutuei, olhando o céu; ao meu redor não havia mais que a fria água limpa do Pacífico, em meus olhos não havia nada mais que o imenso espaço azul. Estava o mais perto que podia da liberdade, e o mais longe possível de todo o mundo. Havia-se coberto de construções ruins todas as praias que iam de San Diego até o Golden Gate, construído superestradas através das montanhas, arrasado milenários pinheiros e edificado um ermo urbano no deserto. Mas não se podia alterar o oceano. Jogavam-se nele os desperdícios, mas não o podia poluir.

No Sul de Califórnia não havia nada de ruim que o mar não pudesse emendar, exceto que havia muitos Ararats, e eu não era Noé. O céu estava liso e vazio, e a água me congelava. Nadei até o leito de algas e mergulhei através dele. Estava frio e viscoso como as vísceras do medo. Subi ofegando e corri para a costa como se estivesse uma barracuda me mordiscando os calcanhares.

Uma onda me jogou na praia, onde soprava o frio vento do entardecer armado de pequenas agulhas de areia. No fim se deu conta eu não era um nobre selvagem.

Ainda estava congelado meia hora mais tarde, ao atravessar o passo de Nopal Valley. Até na parte mais alta, a estrada era longa e nova; tinha sido reconstruída com o dinheiro de alguém, e pude sentir a origem desse dinheiro quando descí ao vale pelo outro lado. Cheirava a ovos podres. Os poços de petróleo de onde provinha o gás se irritado povoavam as ladeiras de ambos os lados da cidade. Pude vê-los da estrada quando entrava na cidade: os triângulos entrelaçados das torres de perfuração ali onde antes cresciam as árvores, as bombas purificadoras de ar cabeceando e chiando ali onde antes pastava o gado. Desde 1939 ou 1940, quando a tinha visto pela última vez, a cidade tinha crescido enormemente, como um tumor. Tinha dado brotos em todas direções: blocos de casas com forma de caixas de fósforos, filas de novos prédios de apartamentos com os escritórios das empresas imobiliárias que sempre os acompanhavam, uma franja de meia milha de edifícios de um andar ao

longo da autoestrada; veterinários, quiropráticos, bonitas lojas, restaurantes, bares. Havia um novo hotel de quatro andares, uma igreja branca, um boliche muito grande para albergar um B36. A rua principal tinha sido transformada pelos tijolos vítreos, os plásticos e as luzes de néon. Uma tranquila cidade de um vale assoreado tinha conhecido uma prosperidade repentina e não sabia o que fazer consigo mesma.

Não só tinha trocado a face dos edifícios ou o número e a marca dos automóveis. Também o povo era diferente e tinha aumentado seu número em demasia. Multidões de homens de rostos marcados pelo sol, o trabalho e o aborrecimento caminhavam pelas ruas, entrando e saindo dos bares, em busca de diversão ou barulho. Na rua principal se viam muito poucas mulheres. O policial de camisa azul postado na esquina principal usava a cartucheira diante do quadril, desabotoada e mostrando a culatra da arma.

O atalho se desviava à direita, para a parte mais afastada da cidade e subia pelos campos de petróleo até uma pequena meseta de suave pendente que dominava o vale. À medida que subia, a estrada se reduzia até se constituir num estreito caminho asfaltado que serpenteava pela ladeira da colina. As montanhas surgiram abruptamente frente à ponta de meu automóvel, totalmente escurecido pela luz declinante. Uma casa longa e baixa, semioculta por carvalhos gigantes se elevava em meio da meseta, agreste como uma rocha. Antes de chegar a ela tive que parar para abrir um portão que fechava o caminho. De ambos os lados, uma parede de seis pés, arrematada por partes de arame farpado, se estendia até se perder de vista.

O caminho interior acabava de ser coberto com cascalho e era bordeado por filas gêmeas de palmeiras jovens. Havia um par de automóveis parados na esplanada circular que se estendia na frente da casa. Um deles era o velho Packard Sedã que tinha visto no Teatro de Quinto. Deixei o meu junto a ele e atravessei o aterro coberto de grama, evitando os salpicos de um aparelho de rega.

A casa era feita de tijolo cru de cor terrosa, pressionados contra o chão por um pesado teto de telhas vermelhas, e era maciça como uma fortaleza. Uma longa galeria se estendia pela frente. Subi pelos baixos degraus de cimento. Uma mulher com um suéter vermelho e de calças estava enroscada como uma serpente em um extremo de uma cadeira de balanço de lona verde. Inclina a cabeça sobre um livro, e seus óculos vermelhos davam a seu rosto em sombras um aspecto de grande concentração. Esta era real, pois não deu sinais de me ouvir ou me ver até que eu falei.

— Perdão. Procuo à senhora Slocum.

— Você me perdoe.

Tinha uma expressão de verdadeira surpresa; seus olhos se moviam como os de uma pessoa que acaba de despertar e retirou rapidamente os óculos. Era Cathy Slocum; não a tinha reconhecido até esse momento. Os óculos e o aspecto que estes lhe davam adicionavam dez anos a sua idade; além disso a forma de seu corpo era enganosa. Era um desses corpos femininos que chegam à maturidade muito jovens. Seus olhos eram grandes e profundos como os de sua mãe, e tinha melhores linhas. Pude entender a paixão do chofer por ela. Mas era muito jovem.

— Meu nome é Archer, disse. Lançou-me um longo olhar frio, mas não me reconheceu.

— Eu sou Cathy Slocum. Você quer ver minha mãe ou a minha avó?

— A sua mãe. Pediu-me que viesse à reunião.

— Não é uma reunião dela, sussurrou para si mesma. Um olhar de menina mimada riscou duas negras raias verticais entre suas sobrancelhas, em seguida lembrou de mim, suavizou sua expressão e me perguntou muito docemente: — Você é amigo de minha mãe, senhor Archer?

— Amigo de um amigo. Você quer minhas medidas de Bertillon? Era muito inteligente para compreender e muito jovem para ruborizar.

— Sinto muito. Não quis ser mal educada. Vemos tão poucos forasteiros! Isso podia explicar seu interesse por um chofer mau falado que respondia pelo nome de Reavis. — Minha mãe acaba de sair da piscina e está se vestindo. Meu pai ainda não chegou em casa. Quer se sentar?

— Obrigado.

Segui sua bonita e elevada figura até a cadeira de balanço, divertido pela ideia de que nesta havia uma adolescente que era mister em esquecer as boas maneiras. Entretanto, não era uma adolescente comum. O livro que tinha em sua mão, quando o colocou sobre o almofadão que havia entre nós, parecia ser um livro sobre psicanálise da Karen Horney. Começou a conversar enquanto fazia dançar seus óculos segurando-os por uma haste.

— Papai está ensaiando uma obra em Quinto. Esse é o motivo da reunião. É realmente um ator muito bom, disse um pouco na defensiva.

— Já sei. Muito melhor que a peça.

— Você viu a peça?

— Vi uma cena nesta tarde.

— E o que você pensa dela? Não está muito bem escrita?

— Muito bem, disse sem entusiasmo.

— Mas o que pensa realmente dela? Seu olhar era tão cândido e infantil que eu disse.

— Seria necessário melhorar o título; fazer uma nova peça e trocar o título; se o que eu vi era uma boa amostra.

— Mas todos os que a viram pensam que é uma peça profissional. Você se interessa pelo teatro, senhor Archer?

— Você quer me perguntar se eu sei do que estou falando? Provavelmente não. Trabalho para um homem de Hollywood que negocia com propriedades literárias. Ele me enviou para ver a peça.

— Ah, Hollywood! Disse ela. — Meu pai diz que é muito literária para Hollywood, e não está escrita seguindo uma fórmula. O senhor Marvell projeta levá-la a Broadway. Seus critérios são muito mais sutis, não você acha?

— É claro que sim. Quem é o senhor Marvell? Conheço-o como autor e diretor da obra...

— É um poeta inglês. Estudou em Oxford e seu tio é um lorde. É um bom amigo de papai. Meu pai gosta de sua poesia e eu tentei lê-la, mas não consegui entender. É terrivelmente difícil e simbólica, como Dylan Thomas. O nome não me disse nada.

— Seu pai vai com ele quando levar a obra para Nova Iorque?

— Oh, não! Os óculos descreveram um círculo completo e se chocaram com seu joelho com um barulhinho audível; em seguida os pôs novamente. Alongavam seu rosto, lhe faziam aparentar mais idade e lhe davam certo ar provocador. — Meu pai só tenta ajudar Francis. Está tentando impulsioná-lo. Papai não tem ambições histriônicas, embora seja realmente muito bom ator, não você acha? “Um aficionado medíocre”, pensei. Mas disse:

— Sem dúvida alguma.

Quando a moça mencionava o pai, o que fazia com frequência, sua boca se abrandava e suas mãos permaneciam quietas. Entretanto, quando ele subiu à galeria, poucos minutos depois, perto de Marvell, olhou-o como se tivesse medo dele. Seus dedos se entrelaçaram e permaneceram tensos. Observei que roía as unhas.

— Olá, papai! As palavras deixaram a boca entreaberta e a ponta de sua língua se deslocou com o passar do lábio superior. Ele caminhou para nós com decisão. Era um homem de tamanho médio, enxuto e que necessitava de um torso grego para sustentar sua notável cabeça.

— Quero falar consigo, Cathy. Sua sensível boca tinha uma expressão severa. — Achei que me esperaria no teatro.

— Sim, pai. Voltou-se para mim. — Conhece o meu pai, senhor Archer? Pus-me de pé e o cumprimentei. Ele me olhou com seus tristes olhos marrons e estendeu uma mão branda, como se só tivesse lhe ocorrido depois.

— Francis, disse ao homem louro que estava às suas costas, — Vá com o senhor Archer e lhe sirva uma bebida. Quero falar um momento com Cathy.

— Ok. Marvell me tocou nas costas e me introduziu pela porta dianteira. Cathy nos observou enquanto saíamos. Seu pai olhou-a com uma mão no quadril e a outra no queixo, em uma pose teatral.

Entramos em um living escuro e frio como uma caverna. Havia poucas janelas e eram pequenas, dissimuladas por persianas venezianas que obstruíam a luz com barras horizontais. A luz obstruída caía sobre um piso de carvalho negro, parcialmente coberto por descoloridos tapetes persa. Os móveis eram pesados e antigos: um piano de cauda em um extremo da sala, de madeira elaboradamente lavrada segundo o gosto do século XIX, cadeiras de mogno de respaldo duro, um divã estofado frente à ampla lareira. As vigas que seguravam o forro do teto de gesso, sujo pelo tempo, eram de carvalho negro como o piso. Um lustre de cristal amarelado pendurava da viga central como uma estalactite mal formada.

— Estranho e velho lugar, não é? Disse Marvell. — O que bebe, amigo? Um uísque com soda?

— Está ótimo.

— Verei se o consigo um pouco de gelo.

— Não se incomode.

— Não é nenhum incômodo. Sei onde tudo está.

Afastou-se trotando, com seu leve cabelo flutuando ao vento de seu próprio movimento. Para ser sobrinho de um lorde era muito obsequioso. Eu em troca era sobrinho de meu defunto tio Jake, quem em uma oportunidade lutou quinze rounds com o Gunboat Smith e empatou. Tentei recordar que aspecto tinha meu tio Jake. Podia lembrar seu cheiro, composto de rum, brilhantina, uma forte transpiração masculina e bom tabaco, e o gosto dos escuros cigarros de chocolate que ele me deu no dia que meu pai levou a São Francisco pela primeira vez. Mas não podia lembrar seu rosto. Minha mãe nunca guardou suas fotografias, porque se envergonhava de ter um boxeador profissional na família. Um murmúrio de vozes me atraiu para uma janela que se abria sobre a galeria. Sentei-me em uma cadeira que havia contra a parede, oculto do exterior pelas pesadas cortinas e a persiana

entrecerrada. Cathy e seu pai conversavam sentados na cadeira de balanço.

— Não o vi depois, dizia ela em tom tenso. — Saí, entrei no automóvel e vim sozinha para casa. Nem sequer estava à vista.

— Eu sei que ele trouxe-a para casa. Acabo de ver sua boina sobre o assento dianteiro.

— Deve tê-la deixado antes. Juro que não o vi depois.

— Como posso acreditar, Cathy? A voz do homem revelava um genuíno tortura. — Já me menti antes a respeito dele. Prometeu-me que não teria nada com ele nem com nenhum outro homem até não ser maior.

— Mas eu não fiz nada de mau, não fiz nada de mau!

— Permitiu que a beijasse.

— Ele me beijou. Eu tentei me afastar. Uma fagulha de histeria apontou em sua voz.

— Deve tê-lo estimulado de algum jeito. Um homem não age desse modo sem alguma razão, sem dúvida. Pense, Cathy. Não fez ou disse algo que possa tê-lo induzido? Tentava ser frio e imparcial, de assumir o papel do examinador impessoal, mas o ressentimento e a raiva se filtravam em seu tom como zumbidos de insetos.

— Induzido, pai! Que coisas desagradáveis diz! Um acesso de pranto balançou suas palavras.

— Querida! Disse Slocum. — Pobre querida! A cadeira de balanço rangeu ao se inclinar sobre a garota, e os soluços se aquietaram. — Não quis lhe ferir, Cathy, você sabe. É simplesmente porque gosto de você que me preocupa este... Este desagradável acontecimento.

— Eu também o amo, papai. Suas palavras soaram afogadas, provavelmente pelo ombro de seu pai.

— Queria acreditar, disse ele brandamente.

— Mas é assim, papai, é assim. Acho que é o melhor homem do mundo. Havia algo estranho na conversa, e a extremada ansiedade da garota a fazia ainda mais estranho. Podiam ter sido dois amantes da mesma idade.

— Oh, Cathy! O que vou fazer consigo? Disse, balbuciando. Uma terceira voz entrou na conversa.

— Que diabos quer fazer, James? Era a voz de Maude Slocum, carregada de fria cólera.

— Isto não é assunto seu, respondeu ele.

— Acredito que seja. Ela é minha filha, como sabe.

— Sei muito bem, querida. Mas disso não se desprende necessariamente que não possa ter uma vida satisfatória e decente.

— Não terá, se continuar deste modo, perturbando-a e torturando seus nervos.

— Por Deus, mamãe! Exclamou Cathy como se sua mãe fosse a menina. — Pela maneira como fala de mim, deve pensar que sou um osso pelo que podem brigar dois cães. Por que não me trata como um ser humano?

— Eu trato, Cathy. Mas nunca me escuta. Eu sei algo a respeito dessas coisas... Titubeou.

— Se sabe, por que não o põe em prática? Desde que tenho uso de razão não lembro mais de que cenas desagradáveis nesta família, e já estou farta disso.

Os passos da moça atravessaram a galeria, e os Slocum permaneceram em silêncio. Passaram poucos minutos antes que a mulher dissesse, com uma voz que logo que reconheci:

— Deixa-a em paz, James. Advirto-lhe isso. Esse gutural sussurro me produziu uma coceira no

pescoço.

* * *

Quatro

DIRIGI-ME ao centro da sala e me pus a folhear um número da Theater Arts que vi sobre uma mesa. Poucos instantes depois Marvell voltou com um recipiente para gelo, copos, uísque e soda, tilintando sobre uma bandeja.

— Perdoe a demora, amigo. A cozinheira está ocupada fazendo canapés e não me deu nenhuma ajuda. Gosta forte?

— Eu mesmo me sirvo, obrigado. Servi-me um uísque com gelo e abundante soda. Ainda era cedo: pouco depois das cinco, segundo meu relógio.

Marvell se serviu um uísque quase puro e tomou em dois goles, enquanto seu pomo de Adão meneava como um ovo preso na garganta.

— Os Slocum são hospitalares, mas sempre chegam tarde. A gente tem que se arrumar sozinho. Cathy me informou que você é agente literário.

— De certo modo. Trabalho para uma pessoa que compra obras de ficção se pensar que têm possibilidades para o cinema. Em seguida tenta interessar um produtor ou fazer um convênio com alguma estrela.

— Compreendo. É possível que eu conheça o nome desse cavalheiro?

— Provavelmente não. De qualquer maneira, não estou autorizado a dizer seu nome porque vale dinheiro. Faz subir os preços. Eu estava improvisando, mas conhecia umas vinte pessoas do ramo e algumas delas agiam desse modo.

Reclinou-se na cadeira e pôs um de seus joelhos sobre a outra. Suas pernas eram brancas e imberbes, mais acima de suas meias brancas. Seus olhos claros e azuis pareciam sem pestanas.

— Você acredita seriamente que minha obra pode ser material cinematográfico? Procurei uma beleza mas bem difícil, você sabe. Afundei meu embaraço em uísque e soda, e esperei que se dissolvesse. Permaneci imóvel, com uma máscara sorridente no rosto.

— Nunca tomo decisões apressadas. Pagam-me para vigiar os teatros no verão e isso é o que faço. Há muito talento jovem que flutua ao redor. De qualquer maneira, precisarei ver toda a peça antes de poder fazer um relatório.

— Vi você nesta tarde, disse. — O que aconteceu antes dessa lamentável cena entre Cathy e seu pai?

— Não sei. Eu estava olhando a peça. Levantou-se para se servir outra dose, se movendo lateralmente pela sala como um cavalo arisco.

— Essa moça é um problema, disse por cima do ombro. — O pobre James está atormentado

por suas mulheres. Um homem menos responsável simplesmente fugiria.

— por quê?

— Porque o sangram emocionalmente. Sorriu fracamente por sobre seu segundo gole. — Começou com sua mãe, quando ele era muito pequeno, e a coisa continuou durante tantos anos que agora já não sabe que abusam dele. Atualmente esse trabalho é realizado por sua mulher e sua filha. Estão esgotando a substância emocional do pobre homem. Compreendeu que estava falando muito e trocou de tema bruscamente. — Frequentemente me perguntei por que sua mãe optou por viver em uma ladeira desértica como esta. Ela poderia viver em qualquer lado, você sabe? Absolutamente em qualquer lado. Mas prefere secar sob este sol terrível.

— A algumas pessoas gosta dele, disse. — Eu também sou oriundo da Califórnia.

— Mas, você não se cansa alguma vez desta monotonia do clima, destruidora da alma?

Só dos esnobes. Da monotonia destruidora da alma dos esnobes estava espantosamente cansado. Mas expliquei, pela centésima vez, que a Califórnia de Sul tem duas estações, como todo clima mediterrâneo, e que as pessoas incapazes de perceber a diferença carecem de um ou mais dos cinco sentidos.

— Já notei, já notei, disse e se servindo outra dose carregada, enquanto eu ainda bebia os restos do primeiro. O uísque não parecia afetá-lo em nada. Era um Peter Pan em transe de envelhecer, loquaz, suave e excêntrico. Tudo o que pude descobrir, é que estava preso a James Slocum. Tudo o que dizia e fazia era tão estilizado que eu nunca podia dar com seu centro, ou sequer conjecturar onde estava o dito centro.

Alegrei-me quando Maude Slocum entrou na sala, com seu branco e fresco sorriso brilhando à luz ambarina das janelas. Tinha deixado suas emoções na galeria e parecia com total domínio de si mesma. Mas seus olhos olhavam além de mim e ainda além da sala.

— Olá, Francis! Marvell se levantou pela metade de sua cadeira e voltou a afundar nela. — Realmente, deve você me desculpar, senhor Archer, sou uma anfitriã muito deficiente...

— Pelo contrário. Estava vestida para chamar a atenção, com um vestido de linho de franjas negras e brancas, com um decote muito baixo; e muito ajustado na cintura. Dei-lhe a atenção que reclamava.

— Francis, disse ela brandamente, — Quer ir procurar James? Acredito que está na frente.

— Está bem, querida.

Marvell pareceu agradecido de ter uma desculpa para se afastar e trotou para fora da sala. Quase toda família de certa classe tem ao menos um visitante assíduo como ele, desenvolvido, obediente, e inútil. Mas a menos que Maude Slocum e ele fossem muito bons atores, Marvell não era a fonte de seu triângulo. Ofereci-me para preparar uma bebida, mas ela se serviu por si mesma. Enrugou o nariz sobre o copo.

— Odeio uísque, mas James gosta tanto de fazer os coquetéis ele mesmo...! Bem, senhor Archer, sondou os segredos da casa, fez balançar os esqueletos da família, etcetera? A pergunta fora formulada humoristicamente, mas era indubitável que desejava uma resposta. Olhei para a janela aberta e respondi em tom mais baixo:

— Apenas conversei um pouco com Marvell e outro pouco com Cathy. Nenhum indício. Nenhum esqueleto.

Mas havia uma tensão elétrica na casa.

— Não pensará que Francis...

— Não penso nele. Não o entendo.

— É muito simples. Diria que é um excelente moço. O Governo Britânico tirou sua renda e está tentando desesperadamente permanecer nos Estados Unidos. Sua família é das que se dedicam à caça da raposa, e ele não a consegue suportar. Parou seu bate-papo bruscamente e seu tom de voz ficou tímido: — O que você pensa de Cathy?

— É uma garota inteligente. Que idade tem?

— Quase dezesseis. Não é encantadora?

— Encantadora, disse e me perguntei o que inquietava àquela mulher.

Eu era quase um estranho total e me pedia aprovação para ela e para a filha. Sua insegurança ia além da carta que tinha me entregue. Acossava-a alguma culpa ou temor, de modo que devia se entusiasmar, sobreatuar e ser admirada para permanecer no mesmo lugar.

— Há muita gente encantadora em sua família, não é? Disse. — A propósito, queria conhecer sua sogra.

— Não entendo para que...

— Estou tentando fazer uma imagem da situação e ela é uma figura central da mesma, não é? Digamo-lo assim: você não está tanto preocupada com a primeira carta, que está segura em meu bolso, como pelos efeitos possíveis de uma segunda carta. Se não poder deter as cartas em sua origem, talvez eu possa ao menos evitar seus efeitos.

— Como?

— Não sei. O principal é que nem seu marido, nem sua filha, nem sua sogra levem as cartas a sério. Seu marido poderia se divorciar, sua filha poderia desprezá-la...

— Não diga isso. Colocou rapidamente seu copo sobre a mesinha que havia entre nós. Prosseguiu brandamente:

— Sua sogra poderia suspender os ganhos. Estive pensando que se eu lançasse uma campanha de cartas anônimas contra toda a família e fizesse uma quantidade de acusações diferentes, a que a prejudica poderia se perder no monte, você não acha?

— Oh, não! Não poderia aguentar, nenhum de nós poderia! A violência de sua reação era surpreendente. Todo seu corpo tremia dentro do vestido com franjas de zebra, e seus seios se apertavam como punhos crispados no V de seu decote.

— Só estava especulando com a ideia. Precisaria de refinamento, mas algo poderia se fazer com ela.

— Não, é horrível. Cobriria todos de lama para ocultar uma coisa.

— Está bem, disse, — Está bem. Para voltar para sua sogra, ela é quem faz os pagamentos, não é? Quero dizer, ela que mantém a casa, não?

— Na realidade, o dinheiro é de James também. Ela dirige o dinheiro enquanto viva, mas a vontade do pai a obriga a nos manter. Sua ideia da manutenção é trezentos dólares por mês; um pouco mais do que paga à cozinheira.

- Ela pode se permitir pagar mais?
- Se quisesse, sim. Tem rendas provenientes de meio milhão de dólares, e esta propriedade vale um par de milhões. Mas ela se nega a vender um só acre.
- Um par de milhões? Não me dei conta de que fosse tão grande.
- Há petróleo debaixo dela, disse amargamente. — Pelo que concerne a Olivia, o petróleo pode ficar no chão até que todos nós desapareçamos.
- Entendo que você não se dá bem com sua sogra. Deu de ombros.
- Renunciei há tempos a tentar me dar bem com ela. Nunca perdoou que eu me casasse com James. Era seu filho mimado e eu me casei com ele quando era jovem.
- Trezentos dólares por mês não é mimar muito, ao menos quando se tem um par de milhões de capital.
- É o mesmo que ele recebia quando ia à universidade.

Detalhou seus motivos de queixa como se estivesse esperando há tempos ouvidos dispostos a escutá-la.

— Nunca aumentou o valor, nem sequer quando Cathy nasceu. Durante um tempo, antes da guerra, tentamos viver com isso em uma casa própria. Logo os preços aumentaram e tivemos que voltar para casa da mamãe. Formulei com o maior tato que pude a delicada pergunta:

- E o que faz James?
- Nada. Nunca foi estimulado a pensar em ganhar a vida. Era seu único filho e ela o queria ao seu redor. Essa é a ideia do valor, é óbvio. Prendeu-o.

Seus olhos estendiam seu olhar para além de mim, a um desértico jardim que se prolongava para trás e para frente até onde alcançava a vista. Ocorreu-me por um instante que eu lhe faria um favor se mostrasse à sogra a carta que tinha em meu bolso e destruísse para o bem de todos, a unidade dessa família. Até era possível que esse fosse seu desejo inconsciente e o motivo de sua indiscrição original. Mas não estava certo de que tivesse sido uma indiscrição e ela nunca falaria. Depois de dezesseis anos de espera e de fazer planos para sua filha, ia esperar o final. Levantou-se repentinamente.

— Apresentá-lo-ei a Olivia, já que quer conhecê-la. Ao entardecer ela está sempre no jardim.

O jardim era rodeado de paredes de pedra um pouco mais altas que eu. Em seu interior, as flores esmiuçavam a luz quase em todos os matizes do espectro e cintilavam. O sol estava por se ocultar detrás das montanhas ocidentais e a luz diminuía, mas as flores da senhora Slocum ardiam com brilho, como se tivessem seus próprios fogos. Havia fúcias, begônias, grandes e peludas dalias que se assemelhavam a sóis rosados. Olivia Slocum trabalhava entre elas com umas tesouras quando aparecemos no portão. Parecia de forma e tamanho indetermináveis dentro de seu desbotado vestido de linho e com seu longo chapéu de palha; estava a distância, inclinada entre as flores. A nora a chamou com um leve tom de recriminação na voz.

- Mamãe! Não deve se esforçar desse modo! Você sabe o que o médico disse.
- O que disse o médico? Perguntei-lhe em voz baixa.
- Tem o coração fraco, quando lhe convém.

Olivia Slocum se endireitou e avançou para nós enquanto tirava as luvas sujas de terra. Seu rosto era belo, de uma suave, vaga e sardenta beleza, e muito mais jovem do que eu supunha. Tinha imaginado que era uma mulher fraca e azeda que andaria pelos setenta anos, com ossudas mãos nas que sustentava as rédeas das vidas de outros. Mas não tinha mais de cinquenta e cinco anos, no máximo, e levava muito bem sua idade.

— Não seja ridícula, querida, disse a Maude. — O médico diz que um exercício suave me faz bem. De qualquer maneira, eu gosto de trabalhar no jardim quando cai o dia.

— Bem. Enquanto não se canse muito. A voz de Maude soava resmungona e suspeitei que as duas mulheres nunca andariam de acordo em nada. — Apresento-lhe o senhor Archer, mamãe. Veio de Hollywood para ver a obra de Francis.

— Que bom! E já a viu, senhor Archer? Ouvei dizer que James está muito bem no papel principal.

— Atua à perfeição.

A mentira saía cada vez mais facilmente de minha boca quanto mais repetia, mas ainda me deixava um gosto desagradável na língua. Maude se desculpou e voltou para a casa, depois de me dar um estranho olhar. A senhora Slocum levantou ambos os braços para retirar o chapéu de palha entrelaçada. Manteve essa pose durante muito tempo e voltou a cabeça para que eu pudesse ver seu perfil. A vaidade era o seu problema. Permanecia atada a sua beleza perdida, e não podia crescer nem deixar crescer o seu filho. Finalmente, terminou de retirar o chapéu, depois dessa longa pausa. Tinha o cabelo tingido de um vermelho brilhante e o penteava com uma franja sobre a testa.

— James é uma das pessoas mais versáteis do mundo, disse. — Eduquei-o de modo que pusesse um interesse criador em tudo e devo dizer que justificou minha fé. Você só o conhece como ator, é óbvio, mas pinta passavelmente e tem uma bonita voz de tenor. Ultimamente até começou a escrever poesias. Francis foi um grande estímulo para ele.

— Um homem brilhante, disse. Devia dizer algo para deter o fluxo de suas palavras.

— Francis? Ah, sim. Mas não tem nem a décima parte da energia de James. Seria uma bênção para ele poder despertar o interesse de Hollywood. Pedi-me que o respalde, mas naturalmente não posso me permitir especular nesse tipo de coisas. Presumo que você está vinculado com os estúdios, senhor Archer.

— Indiretamente. Não queria me ver obrigado a dar explicações. Ela falava como um periquito, mas seus olhos eram sagazes. Para trocar de tema, disse: — Na realidade, eu gostaria de sair de Hollywood. É um lugar ulcerante. Uma vida tranquila no campo me viria bem, se pudesse conseguir uma propriedade em um lugar como este.

— Um lugar como este, senhor Archer? Disse cautelosamente e seus olhos verdes se velaram como os de um louro. Sua reação me surpreendeu, mas segui desatinando:

— Nunca vi um lugar que eu goste mais para viver.

— Já vejo que Maude me enviou você, a sua voz era hostil e áspera-. — Se você representar s pessoas da Pareco, devo pedir que saia do meu imóvel imediatamente.

— Pareco?

Esse era o nome de uma marca de gasolina, e minha única vinculação com ela era que ocasionalmente a usava em meu automóvel. Assim disse. Observou minuciosamente meu rosto e,

pelo visto, decidiu que eu não mentia.

— A Pacific Refinery Company tentou conseguir esta propriedade. Durante anos ficaram me assediando, e isto tem me deixada desconfiada de estranhos. Sobretudo quando expressam um interesse pelos bens.

— Meu interesse é totalmente pessoal, disse.

— Me perdoe se tiver sido dura consigo, senhor Archer. Os acontecimentos dos últimos anos me amarguraram. Eu amo este vale. Quando meu marido e eu o vimos, há mais de trinta anos, nos pareceu o paraíso terrestre, o vale do sol., Quando pudemos, compramos esta encantada velha casa e as colinas que a rodeiam, e quando ele se aposentou viemos morar aqui. Meu marido está enterrado neste lugar, ele era mais velho que eu, e eu tenho a intenção de morrer aqui também. Soam sentimentais minhas palavras?

— Não. Seu amor pelo lugar era mais forte que o sentimentalismo e até um pouco atemorizador. Seu pesado corpo inclinado sobre o portão parecia monumental à luz do entardecer.

— Posso compreender sua afeição a um lugar como este. — Faço parte dele, continuou dizendo com voz gutural. — Arruinaram a cidade e profanaram o restante do vale, mas não tocarão na minha meseta. Já disse, embora eles nunca consideram que a negativa é uma resposta. Disse-lhes que as montanhas estariam aqui muito tempo depois de que eles se fossem, mas não entenderam o que quis dizer. Dirigiu-me um frio olhar verde. — Acredito que você me entende, senhor Archer. É muito simpático.

Murmurei uma afirmação de algum gênero. Compreendia muito bem alguns de seus sentimentos. Um amigo meu que ensinava economia na UCLA o teria chamado de a mística da propriedade. O que não conseguia compreender era o poder de sua obsessão. Talvez se explicasse pelo fato de que se sentia acossada, com sua nora como quinta coluna na casa.

— Às vezes tenho a sensação de que as montanhas são... Interrompeu-se bruscamente, como se de repente compreendesse que estava a ponto de se exaltar. Eu pensava que tinha muito egolatria para se promover a ditadora e que ainda sobraria muito para um par de ministros. Talvez ela tenha se dado conta da mudança de minha expressão. — Sei que está desejando ir à festa, disse e me deu sua mão brevemente. — Foi amável de sua parte ir falar com uma velha como eu.

Voltei para a casa por um corredor de elevados ciprestes italianos que dava para um jardim onde havia uma pequena piscina com o sistema de filtragem dissimulada depois de uma sebe de ciprestes. Em um extremo, um trampolim se destacava por cima dela. A água da piscina estava tão quieta que parecia sólida, uma superfície polida que refletia as árvores, as montanhas distantes e o céu. Olhei para o Oeste, onde o sol se afundava atrás das montanhas. As nuvens se contorcionavam em um fogo avermelhado, como se o sol perfurasse o mar invisível e o tivesse incendiado. Só as montanhas se elevavam escuras e firmes frente ao céu ardente.

Cinco

ORUÍDO de um motor que se aproximava me deteve no fundo da galeria. Havia vários automóveis mais na esplanada frente da casa: um Jaguar conversível, um Cadillac rabo de peixe e um antigo Rolls com raios metálicos e um longo e quadrado nariz britânico. Apareceu outro automóvel por entre as filas de palmeiras, um silencioso automóvel negro com um farol vermelho montado sobre a frente. Observei-o enquanto estacionava. Um automóvel de polícia nesse conjunto parecia tão desconjurado como um tanque Sherman em uma carreira de cavalos.

Um homem saiu do automóvel negro e subiu pelo caminho lajeado que subia para o alpendre em frente à casa. Era alto e magro, um conjunto de músculos que se movia com inesperada velocidade e silêncio. Até com calças esportivas e camisa de seda aberta no colarinho, emanava a autoridade que dá um uniforme, tinha o porte de um policial ou um soldado veterano. De olhos escuros, nariz bulboso, boca larga e mandíbula longa, seu rosto era um mapa em relevo de todas as paixões masculinas. Seu cabelo curto da cor da palha descolorida, se arrepiava sobre a cabeça e brotava da abertura da camisa na base de seu pesado pescoço vermelho. Avancei um passo para que me visse e disse:

— Boa noite.

— Boa noite.

Mordeu as palavras com limpos e brancos dentes e sorriu automaticamente; em seguida subiu os degraus que levavam à casa. Deu um olhar ao seu redor como se se sentisse incômodo, antes de bater na porta. Observei-o por sobre o corrimão da galeria e nossos olhos se encontraram durante um instante fugaz. Eu estava para lhe falar novamente, para dizer algo concernente ao tempo, quando observei Cathy enroscada na cadeira de balanço da varanda como uma hora antes. Estava inclinada para frente, observando o homem atentamente. Seus olhos se deslocaram para a moça e deu um passo para ela.

— Cathy? Como está, Cathy? Disse com voz vacilante e incerta, com o tom de um homem que fala com um menino que não conhece.

Sua única resposta foi um cacarejo feito no profundo da garganta. Com lento atrevimento, levantou-se da cadeira de balanço e caminhou para ele em silêncio. Passou junto a ele, desceu os degraus e girou pela esquina da galeria sem voltar a cabeça nem uma vez. O homem girou sobre seus calcanhares e levantou pela metade uma mão, que permaneceu esquecida no ar até que ela se perdeu de vista. A grande mão, aberta e fútil, se converteu em um punho. Voltou-se para a porta e a bateu duas vezes como se tivesse um rosto humano. Subi os degraus detrás dele, enquanto esperava.

— Temos bom tempo, disse. Olhou-me sem ouvir o que eu dizia e sem ver meu rosto.

— Sim. Maude Slocum abriu e nos abrangeu em um só olhar rápido.

— Ralph? Disse ao outro homem. — Não o esperava.

— Encontrei-me hoje com James na cidade e ele me convidou a que passasse por aqui para tomar uma bebida. Sua pesada voz tinha um tom de desculpas.

— Entre, então, disse ela sem afabilidade, — Já que James o convidou.

— Não, se não sou bem recebido, respondeu asperamente.

— Oh, entre, Ralph! Pareceria muito estranho que chegasse até a porta e se fosse novamente. E o que James diria?

— O que diz habitualmente?

— Nada, absolutamente nada. Se havia alguma brincadeira entre eles não entrava em minha longitude de onda. — Entre e tome a sua bebida, Ralph.

— Você me torceu o braço, disse ele fazendo uma careta, e passou junto a ela pela porta. Quase imperceptivelmente, o corpo da mulher se arqueou para se afastar do dele. O ódio ou algum outro sentimento a havia colocado tensa como a corda de um arco. Permaneceu na porta e deslocou seus quadris para me obstaculizar a passagem.

— Por favor, vá embora, senhor Archer. Você me faria o favor? Tentou adotar um tom agradável e ligeiro, mas fracassou.

— Que pouco hospitalar você é, não é? Além do fato curioso de que você contratou meus serviços para que eu viesse aqui.

— Sinto muito. Temo que esteja se criando uma situação difícil e simplesmente não posso suportar a tensão adicional do ter a você rondando por aqui.

— E eu pensava que seria bem recebido na reunião! Você arranhou meu amor próprio, senhora Slocum.

— Não é assunto para brincadeira, me disse de modo cortante. — Não sei mentir muito bem. Por isso evito as situações em que é necessário mentir.

— E quem é esse fornido e sedento personagem?

— Um dos amigos de James. Não vejo o objetivo destas perguntas.

— James tem muitos amigos policiais? Não pensei que fosse o tipo de pessoa que está acostumado a ter amigos entre os policiais.

— Você conhece Ralph Knudson? A surpresa apareceu em seu rosto.

— Conheço o padrão. Tinha em meu passado cinco anos na força policial de Long Beach. — O que faz um toco policial em uma reunião de artistas nas colinas?

— Deverá perguntar a James, mas não agora. Tem peculiares fantasias com respeito à gente. Não era uma mentirosa muito eficaz. — É óbvio, o senhor Knudson não é um policial comum. É Chefe de Polícia da cidade e acredito que tem uma folha de serviços muito distinta.

— Mas você não o quer em suas festas, não é? Eu fui policial e ainda o sou em certo sentido. Senti na própria carne esse esnobismo.

— Eu não sou uma esnobe, disse com ferocidade. Ao que parece, pus o dedo em algo que ela valorizava.

— Meus pais eram gente simples e eu sempre odiei os esnobes. Mas, por que tenho que estar me defendendo de você?

— Então me deixe entrar para tomar uma bebida. Prometo ser muito suave e afável.

— Você é terrivelmente persistente... Como se eu já não tivesse muitos problemas. Por que é

tão persistente?

— Por curiosidade, suponho. Estou começando a me interessar pelo caso. Você tem aqui um cenário muito interessante. Nunca vi uma linha de pescar mais emaranhada.

— Suponho que você se dá conta de que posso despedi-lo, se você continuar se fazendo totalmente odioso.

— Não o fará.

— Por que não o farei?

— Acredito que você espera dificuldades. Você mesma disse que estava criando uma situação difícil. Posso cheirar no ar. E é possível que seu amigo policial não tenha vindo até aqui só para se divertir.

— Não seja melodramático. E além disso, ele não é meu amigo. Francamente, senhor Archer, nunca tive que tratar com um... Empregado mais difícil que você. Eu não gostei da palavra.

— Talvez a ajude se considerar um empreiteiro independente. Neste caso, espera que eu construa uma casa sem me aproximar do terreno.

Ou possivelmente demolia uma casa, mas não adicionei isto. Ela me olhou fixamente durante vinte ou trinta segundos. Finalmente, um sorriso se esboçou em sua boca generosa e a abriu.

— Você sabe? Acredita que eu gosto de você, maldição! Muito bem. Entre e se reúna com essa maravilhosa gente. Preparar-lhe-ei uma bebida.

— Você me convenceu.

Recebi minha bebida e perdi a minha anfitriã ao mesmo tempo, logo que entramos no grande salão. Ralph Knudson, o corpulento homem que não era amigo dela, recebeu seu olhar quando me esticou o copo. Ela se dirigiu para ele. Seu marido e Francis Marvell estavam sentados na banquetta do piano com as cabeças juntas e folheavam um grosso volume de música. Olhei ao redor, para o resto de toda a notável gente. Tinha a senhora Galloway, atriz aficionada, com um sorriso profissional que se acendia e apagava como um cartaz luminoso; um homem calvo com calças brancas de flanela, que tinha uma bronzeada cor mogno e fumava um pequeno cigarro marrom estranho em uma longa piteira verde e dourada; um gordo de entupida cabeleira cinza, com traje de lã de duas cores e ombreiras, e que parecia ser uma mulher quando moveu as pernas abertas com meias de nylon; uma mulher reclinada sobre o braço de uma cadeira que estava ao lado, com um comprido e escuro rosto trágico e de feio corpo; um jovem que se movia graciosamente pela sala servindo bebidas a todos e alisando o cabelo nas têmporas; uma pequena mulher gordinha que fazia ouvir o retinir de seus braceletes e pendentos quando se calava.

Eu os ouvia conversar. Falavam de existencialismo, de Henry Miller, Truman Capote e Henry Moore. Do André Gide, Anais Nin e Djuna Barnes. E sobretudo de sexo. Sexo em todas as formas: cozido, frito, passado por água, batido, etcetera. Sexo para solista, para dueto, para trio ou quarteto; para coro masculino; para coro e orquestra sinfônica; e para violino e tempo de três por quarto. Também se falava de Albert Schweitzer e da dignidade de todo o vivente. O gordo, que estava escutando a mulher que tilintava, aproximou seu rosto do dela e se absorveu em sua bebida. Ela olhou ao redor com olhos brilhantes e alegres como um pássaro; me viu e levantou seu copo, que tinha uma bebida verde. Sentou-se em um banquinho junto a mim, cruzou seus tornozelos gordinhos para que eu pudesse apreciar a pequenez de seus pés e tilintou:

— Eu gosto tanto do creme de hortelã; é tão boa bebida! Sempre bebo quando uso minhas esmeraldas. Meneou sua cabeça de pássaro e ressonaram os pendentes. Eram da cor apropriada, mas muito grandes para serem autênticos.

— Eu sempre como guisado de ostras quando uso minhas pérolas. Seu riso tinha a mesma qualidade que sua voz e era uma oitava mais alta. Decidi não fazê-la rir, se fosse possível.

— Você é o senhor Archer, não é? Ouvi muitas coisas interessantes de você. Minha filha dança em Nova Iorque. Seu pai insiste constantemente que volte para casa porque lhe custa um monte de dinheiro, é óbvio, mas eu lhe digo que, depois de tudo, uma moça só é jovem uma vez. Não você acha?

— Algumas tentam ser duas vezes, se viverem muito tempo. Disse como um insulto, mas ela pensou que era divertido e me brindou novamente o curioso dom de sua risada.

— Você deve ter ouvido falar de Felice. Ela dança com o nome de Felice France. Leonard Lyons a mencionou várias vezes. O senhor Marvell pensa que também tem talento dramático; ficaria encantado se representasse o papel da ingênua. Mas Felice está entregue de corpo e alma à dança. Tem um corpo muito, muito bonito. Eu também tinha em uma época um corpo realmente lindo.

Apalpou-se meditativamente, como um açougueiro que testa carne pendurada há muito tempo. Olhei ao longe, para qualquer parte, e vi James Slocum de pé perto do piano. Marvell tocou alguns acordes iniciais e Slocum começou a cantar a Balada de Barbara Allen, com uma magra voz de tenor. O fluir da melodia gradualmente encheu a sala como água clara e o rumor da conversa sossegou. O rosto de Slocum estava sereno e radiante; era o rosto de um moço. Antes de terminar a canção, todos na sala o observavam, coisa que ele sabia e desejava. Era Peter Pan fora do tempo. A canção tinha matado o crocodilo com o relógio na barriga.

— Muito delicioso! Tilintaram os pendentes de esmeraldas. — Sempre lembra a Escócia por alguma razão. Edimburgo é realmente um de meus lugares favoritos em todo o mundo. Qual é seu lugar favorito no mundo, senhor Archer?

— Dez pés por debaixo da água em La Jolla, enquanto observo os peixes através de óculos submarinos.

— São os peixes tão terrivelmente fascinantes?

— Têm algumas qualidades agradáveis. Você não tem que olhá-los, se não o desejar. Além disso, não falam. Por debaixo de sua risada de passarinho e afogando-a, uma grossa voz masculina disse:

— Foi muito bom, James. Por que não cantam em dueto, você e Marvell?

Era Ralph Knudson. A maioria dos olhos da sala se deslocaram para ele e se afastaram novamente. Seu volumoso rosto transbordava de sangue e malícia. Maude Slocum estava de pé junto a ele e frente a seu marido. Slocum ficou onde estava, branco como a neve. Marvell estava imóvel, com os olhos fixos no teclado e de costas à sala. Carregada de uma violência homicida, a atmosfera ao redor do piano era das piores eu haja sentido. Maude Slocum avançou, se movendo com desenvoltura de Knudson até seu marido, e o tocou no braço. Ele se afastou, mas ela persistiu.

— Seria bom se Francis tivesse uma voz como a sua, disse simples e serenamente. — Mas por que você não canta sozinho? Eu o acompanharei.

Ocupou o lugar de Marvell na banqueta do piano e tocou enquanto seu marido cantava. Knudson os observava, sorrindo como um tigre. Senti desejos de respirar ar fresco.

* * *

Seis

O FOGO do céu se extinguiu, deixando longos fios de nuvens como restos de cinzas que ressaltavam na noite. Tudo o que pude ver das montanhas foi suas sombras gigantescas sustentando o céu tenuemente iluminado. Algumas luzinhas salpicavam seus brancos; os faróis de um automóvel brilharam do outro lado do vale e se perderam logo na escuridão. Em seguida a noite ficou tão em silêncio que o movimento parecia impossível, e todos os insetos apanhados no âmbar mortal. Movi-me e rompi o feitiço, sondando o caminho pelos terraços escorregadios a causa da bruma perto do caminho lajeado. Fechei um contato quando empunhei o trinco da porta esquerda de meu conversível. Os faróis se acenderam com um “clique”. Por reflexo, minha mão direita procurou debaixo do banco um revólver que não tinha. Logo vi a mão da moça sobre a chave: seu rosto, como o de um espectro, se inclinou para mim.

— Sou eu, senhor Archer, Cathy.

Havia um ar noturno em sua voz e em seus olhos; a noite estava presa em seu cabelo como uma bruma. Usava um casaco de lã suave abotoado até o queixo. Ela era uma dessas moças que eu observava a distância na escola secundária e que nunca tinha podido tocar; as moças que tinham petróleo, ouro ou dinheiro de bens de raiz dissolvido no sangue como anil. Também era muito jovem para poder ser minha filha.

— O que está fazendo?

— Nada. Reclinou-se contra o assento e eu me deslizei atrás do volante. — Acendi as luzes para você. Perdoe-me se o assustei. Não era minha intenção.

— Por que escolheu meu automóvel? Podia ter ido a um dos seus.

— Temos dois. Mas papai guarda as chaves. Além disso, eu gosto de seu automóvel. O assento é muito cômodo. Posso ir com você? Deu a sua voz a lisonjeadora inflexão de uma menina pequena.

— Aonde?

— Aonde você vá.

— A Quinto?

— Por favor, senhor Archer.

— Não. É muito pequena para andar sozinha por aí de noite.

— Não é tão tarde, e além disso estarei com você.

— Nem sequer comigo, disse. — É melhor que volte para casa, Cathy.

— Não voltarei. Odeio essa gente. Ficarei fora toda a noite.

— Não comigo..

Senti tremer sua mão segurando o meu braço. Havia em sua voz um tom que me feria os

ouvidos como giz sobre um quadro-negro úmido. O aroma de seu cabelo cheirava tão limpo e estranhamente como o da moça ruiva que se sentava diante de mim no colégio.

— Não sou uma babá, disse asperamente. — E a seus pais não gostariam. Se houver algo que a inquieta, fale com sua mãe.

— Com ela! Separou-se de mim e ficou petrificada, com os olhos fixos na casa iluminada. Desci do automóvel e abri a porta do outro lado.

— Boa noite. Não se moveu, nem sequer para me olhar.

— Desce por seus próprios pés ou precisarei puxá-la pescoço? Voltou-se para mim como um gato, com os olhos dilatados.

— Você não se atreveria a me tocar! Tinha razão. Dei uns passos para a casa, moendo colericamente o resíduo com os calcanhares; ela desceu do automóvel e veio atrás de mim.

— Por favor, não os chame. Tenho medo. Esse Knudson... Deteve-se à beira da luz do automóvel, com o rosto branqueado por ela e os olhos como manchados com tinta negra.

— O que acontece com ele?

— Mamãe sempre quer que seja amável com ele. Não sei se ela quer que me case com ele ou o quê. Não posso dizer a papai porque o mataria. Não sei o que fazer.

— Sinto muito, Cathy, mas não é minha filha. Fiz o gesto de lhe tocar o ombro, mas ela se afastou como se eu estivesse empestado. — Por que não diz à cozinheira que prepare um pouco de leite quente e se deita? Habitualmente as coisas se veem melhor de manhã.

— Melhor de manhã, repetiu com uma ironia sem tom e vazia.

Ainda estava parada, tensa e erguida, com as mãos apertadas nos quadris, quando comecei a fazer retroceder o automóvel. O feixe de luz branca se desviou quando virei e a deixei na escuridão. Parei no portão, mas estava aberto e o atravessei. Umhas poucas jardas mais adiante apareceu no caminho um homem alto que fazia gestos com o polegar para que o levasse. Ia passando quando vi seu rosto em um olhar: Pat Reavis. Freei rapidamente e ele veio correndo.

— Muito obrigado, senhor. Cheirava intensamente a uísque mas não parecia bêbado.

— O relógio do carro funciona? Comparei o dial iluminado com meu relógio. Ambos indicavam oito e vinte e três minutos.

— Parece que sim.

— É mais tarde do que pensava, então. Odeio caminhar. Na Infantaria da Marinha caminhei por todo o resto de minha vida. Meu automóvel está na garagem, com a frente amassada.

— Onde diz que caminhou tanto?

— Em muitos lugares. Desembarquei em Guadalcanal com os Comandos de Carlson, entre outras coisas. Mas deixemos isso. Você conhece os Slocum? Para fazê-lo falar disse:

— Todo o mundo conhece os Slocum.

— Sim, sem dúvida, respondeu no mesmo tom. — Toda essa classe... O que necessitam os Slocum é um balaço, adicionou, embora em tom humorístico. — Você tenta lhes vender algo?

— Seguros de vida. Estava cansado de fingir interesse na obra de Marvell.

— Sério? É uma brincadeira, disse e riu para demonstrar.

— A gente morre, respondi. — É tão divertido isso?

— Aposto dez contra um a que não consegue vender seus seguros. Nem o conseguirá jamais. A velha vale mais morta que viva, e o resto deles não tem um centavo.

— Não entendi. Ouvi dizer que têm uma boa posição, que são ricos.

— Sem dúvida. A velha está sentada sobre um par de milhões em petróleo, mas não quer vender ou alugar. Slocum e sua mulher não veem a hora de que ela morra. O dia que ela morrer estrarão imediatamente em uma agência de viagens comprando passagens para dar a volta ao mundo em um cruzeiro de luxo. O petróleo que há sob a terra é o seu seguro de vida, de modo que não você continue perdendo o seu tempo.

— Agradeço-lhe a informação. Meu nome é Archer.

— Reavis, respondeu, — Pat Reavis.

— Você parece conhecer muito bem os Slocum.

— Desgraçadamente, sim. Fui seu chofer durante os últimos seis meses. Mas não sou mais. Os malditos me despediram.

— Por que?

— Que diabos sei! Talvez se cansaram de minha cara. Eu cansei da deles.

— Entretanto têm uma filha de muito bom aspecto. Como é seu nome?

— Cathy. Mas ele me lançou um olhar rápido e abandonei o tema. — A mulher também tem.

— Teve, suponho. Já não mais. Está se convertendo em outra puta como a velha. Um grupo de mulheres se estraga como o leite quando não têm um homem que as cante aos quarenta.

— Slocum, não é assim?

— Referi-me a um homem, resmungou. — Mas, demônios! Estou falando muito.

O automóvel atravessou a colina que assinalava a beira da meseta. Os faróis varriam a vazia escuridão e penetravam no vale. Havia algumas ilhotas brilhantes a ambos os lados do caminho, onde operários noturnos trabalhavam para abrir novos poços de petróleo. Mais abaixo, pelo pendente, tanques de petróleo pintados de alumínio se estendiam sob as luzes como uma fila de enormes dólares de prata em uma aposta. Ao pé da colina começaram as luzes da cidade, brancas e dispersas nos subúrbios, apinhadas e de matizadas cores no setor comercial, ao mesmo tempo em que lançavam um brilho ígneo sobre os edifícios. O trânsito pela rua principal era pesado e imprevisível. Velhos automóveis sem para-lama ameaçavam o meu para-lama. Automóveis reconstruídos com partes de outros automóveis, muito baixos e cheios de cowboys de boate rondavam pelas ruas com luz de néon, com o escapamento aberto. Um homem que ia em um Buick especial parou bruscamente em meu caminho para beijar uma mulher que estava ao seu lado e continuou dirigindo com a boca da mulher grudada em seu pescoço. Comidas, Bebidas, Cerveja, anunciavam os cartazes. Ao de Antônio, ao de Bill, ao da Helen, The Boots and Saddle. Pequenos grupos de homens reunidos nas ruas conversavam, riam, gesticulavam e se separavam sob a atração dos bares. Reavis já estava sentindo essa atração; os olhos dele brilhavam.

— Me deixe em qualquer parte, por aqui, disse impacientemente. — E muito obrigado. Deslizei-me pelo primeiro espaço vazio para estacionamento e apaguei as luzes e o motor. Já com uma perna fora da porta, Reavis me olhou. — Fica na cidade esta noite?

— Aluguei um quarto em Quinto, mas agora vou tomar uma bebida.

— Vamos juntos, amigo. Venha, lhe mostrarei o melhor lugar da cidade. É melhor que tranque o seu carro a chave.

Retrocedemos uma quadra e entramos no de Antônio. Era um grande salão com o forro do teto elevado e escuro, com reservados ao longo de uma parede e um balcão de dez metros à esquerda. No

extremo longínquo, um cozinheiro trabalhava envolto em uma nuvem de vapor. Encontramos dois assentos vazios perto dele. Todo o lugar parecia ter alguns anos, mas estava bem conservado. As bitucas de cigarros no piso eram recentes. A superfície de mogno do balcão estava limpa e lustrosa. Reavis pôs seus braços nele como se lhe pertencesse. Tinha as mangas enroladas de sua chamativa camisa, e seus braços pareciam tão pesados e duros como a madeira sobre a que repousavam.

— Bonito lugar, disse. — O que você vai beber? Sua resposta me surpreendeu.

— Eu convido. Você me trata como um cavalheiro, e eu o trato como um cavalheiro.

Voltou-se e sorriu amplamente, me olhando bem de frente, por isso pela primeira vez tive a oportunidade de estudá-lo. Seus dentes eram brancos, e seus olhos negros, francos e juvenis; seus traços, firmes e limpos. Reavis tinha um encanto rude, mas debaixo dele faltava algo. Podia-se falar com ele toda a noite sem chegar nunca ao seu fundo, porque não o tinha. Ofereceu-me seu sorriso durante muito tempo, como algo para a venda. Coloquei um cigarro na boca.

— Você acaba de perder seu trabalho. Eu pago as bebidas.

— Há montes de trabalho, disse. — Mas pague se você quiser. Eu bebo uísque irlandês de Bushmill.

Estava procurando um fósforo quando colocaram um isqueiro sob meu nariz e acenderam o cigarro. O homem do bar se aproximara silenciosamente. Era de altura média, de cabeça calva e magro rosto ascético.

— Boa noite, Pat, disse sem expressão, voltando a colocar o isqueiro no bolso de sua jaqueta branca. — O que os senhores bebem?

— Bushmill para ele. Um uísque para mim. Assentiu com a cabeça e se afastou, equilibrado como um bailarino.

— Tony é um desumano bastardo, disse Reavis. — Receberá seu dinheiro durante seis meses e logo o despachará com uma xícara de café, se pensar que você está bêbado. Agora, que eu não sou Jesus Cristo...

— Desculpe meu engano.

— Você é um bom moço, Lew. Sorriu de novo com seu grande sorriso grave, mas se apressara muito no uso dos nomes de batismo. — O que acha de fazermos uma farra e nos divertimos um pouco? Conheço uma bonita loura que se oculta no da Helen. Gretchen pode lhe encontrar um par. A noite ainda é jovem.

— Mais jovem que eu.

— Que problema tem? Você é casado ou algo assim?

— Não atualmente. Tenho que viajar amanhã cedo.

— Vamos, homem! Um par de goles o fará se sentir melhor. Esta é uma cidade totalmente aberta.

Quando chegaram as bebidas, tomou a sua rapidamente e se dirigiu para uma porta oscilante com o cartaz “Cavalheiros”. O barman me observou enquanto eu bebia meu uísque.

— Bom?

— Muito bom. Você não fez sua aprendizagem em Nopal. Sorrii friamente, como pode sorrir um monge à lembrança de um momento de êxtase.

— Não. Comecei aos quatorze anos nos grandes hotéis de Milão. Graduei-me antes dos vinte e um na linha italiana. Seu acento era francês, suavizado por um sotaque de italiano nativo.

— Toda essa aprendizagem para mesclar bebidas para uma turma de bêbados dos campos petrolíferos?

— Nopal é um bom lugar para fazer dinheiro. Comprei este lugar por trinta e cinco mil dólares e em um ano paguei a hipoteca. Dentro de cinco anos me aposento.

— Na Itália?

— Aonde se não? Você é amigo de Pat Reavis?

— Nunca o tinha visto antes.

— Tome cuidado, então, disse seca e serenamente. — No geral é um rapaz muito agradável, mas pode ser também muito desagradável. Deu uma pancadinha na cabeça calva. — Pat tem uma coisa ruim: não conhece limite. Se estiver bêbado ou colérico é capaz de algo. Além disso, é mentiroso.

— Você teve problemas com ele?

— Não. Eu não. Não tenho problemas com ninguém. Em seu rosto pude ver por quê. Tinha a autoridade de um homem que viu tudo e não se modificou por isso.

— Eu tampouco estou acostumado a ter problemas, mas obrigado.

— De nada. Reavis voltou e estendeu seu pesado braço sobre meu ombro.

— Como está? Sente-se mais jovem agora?

— Não o suficiente para suportar um peso adicional, disse e me afastei. Seu braço caiu.

— O que aconteceu, Lew? Perguntou olhando ao barman, que nos observava. — Tony esteve falando mal de mim, como de costume? Nunca acredite num italiano, Lew. Não permita que um italiano arruíne o começo de uma bonita amizade.

— Eu gosto de muito dos italianos, disse.

— Estava dizendo ao cavalheiro que você é um mentiroso, Pat, disse o barman lenta e claramente.

Reavis se sentou e aguentou. Seus lábios deixaram a descoberto seus formosos dentes brancos, mas não disse uma palavra. Coloquei outro cigarro na boca. O isqueiro estava aceso ante mim antes que pudesse procurar um fósforo. Normalmente me oponho a ser servido assim, mas quando um homem desempenha seu papel a perfeição é um prazer vê-lo agir.

— Outros dois copos do mesmo, disse as suas magras e impassíveis costas quando se afastava.

Reavis me olhou como um cão agradecido. Mas eu o examinava como se fosse hidrófobo.

* * *

Sete

OUTRAS duas doses, que eu paguei, restauraram a opinião que Reavis tinha de si mesmo e lhe devolveram a loquacidade. Contou-me que tinha estivera no campo de batalha de Guadalcanal, para se converter no capitão mais jovem de todo o Pacífico; que o Escritório de Serviços Estratégicos soube de suas proezas e lhe deu uma função secreta para perseguir espíões e sabotadores; que o Saturday Evening lhe ofereceu vários milhares de dólares por um artigo à respeito de suas experiências pessoais, mas tinha jurado manter o segredo e, além disso, tinha outras fontes de ganhos. Contou-me que podia andar uma quadra sobre as mãos e que o fazia com frequência. E estava a ponto de me enumerar uma interminável lista de amiguinhas às que tinha servido e deixado satisfeitas, quando alguém apareceu por trás de mim e me golpeou no ombro. Tinha um sujo chapéu de feltro cinza, olhos de um cinza sujo, um longo nariz indagatório com uma ponta ligeiramente arredondada e uma boca sem lábios, como o sulco que forma uma cicatriz. Seu rosto parecia desproporcionado no espelho do bar, e continuou me parecendo quando me voltei. As comissuras de sua boca tinham manchas de nicotina.

— Lewis Archer?

— Sou eu.

— Encontrei seu automóvel na rua e pensei que estaria em um destes bares. Eu sou Franks, sargento detetive.

— Problemas de estacionamento? Não vi nenhuma placa. A cicatriz se abriu e mostrou uns dentes amarelos. Ao que parece, o sargento detetive Franks se divertia a seu modo.

— Problemas de morte, senhor Archer. O Chefe telefonou e disse que o procurássemos.

— A senhora Slocum, disse e compreendi que tinha lhe avaliado bem. Frequentemente as boas pessoas são as que incomodam.

— Como você sabia que se tratava da velha senhora...?

— Não se trata então da jovem senhora Slocum, a senhora de James Slocum?

— Mas não, a velha senhora, disse, como se isso fosse óbvio.

— O que lhe aconteceu?

— Você não sabe? Pensei que saberia. O Chefe diz que você o a última pessoa que a viu viva.

Desviou seu rosto esquivamente e cuspiu ao chão. Levantei-me repentinamente. Pôs sua mão no quadril direita e a deixou aí.

— O que lhe aconteceu? Repeti.

— A velha se afogou. Encontraram-na na piscina recentemente. Talvez tenha saltado por diversão, ou talvez alguém tenha empurrado. A gente não vai nadar de noite com a roupa posta. Sobretudo se não se sabe nadar e se tem um coração fraco. O Chefe diz que parece assassinato.

Dirigi a vista para Reavis e vi que seu assento estava vazio. A porta com a placa “Cavalheiros” oscilava ligeiramente sobre suas dobradiças. Fui até ela e a abri de par em par. No extremo do corredor vi a sombra de um homem se deslocando pela porta aberta; em seguida desapareceu. Simultaneamente soou um tiro às minhas costas e algo sacudiu a porta sob minha mão. Uma bala servida caiu ao chão, aos meus pés, em meio de uma chuva de lascas. Virei-me e me volvei para olhar Franks, passando a bala de uma mão à outra porque estava quente. Franks avançou de flanco, com uma pistola 45 em suas mãos.

— Fique quieto ou da próxima vez atiro para matar. A gente que estava na sala tinha formado um grupo atrás dele, como um corpo ofegante com vinte cabeças observadoras. Antônio, tranquilo e zombador, observava-o por detrás do balcão.

— Tem o gatilho fácil, sargento. Quem lhe deu uma pistola com balas de verdade?

— Levante as mãos, e cuide sua língua. Arrojéi-lhe a parte de chumbo e pus as mãos sobre a cabeça.

Meu cabelo estava mais escasso que antes. Franks apanhou o chumbo em sua mão esquerda e o deixou cair no bolso do paletó de seu brilhante traje azul de árbitro de beisebol. Virou-me cautelosamente e o povo se afastou para nos deixar passar. Quando abri a porta, um pequeno objeto brilhante passou zumbindo por minha cabeça e ressonou sobre a vereda. Levou-me um minuto compreender do que se tratava: a moeda de cinquenta centavos que tinha deixado no balcão como gorjeta para o Antônio. Então comecei a me aborrecer. Quando Franks soltou as algemas de seu cinto, estava disposto a resistir. Ele se deu conta disso e eu não insisti. Em troca, me colocou no assento dianteiro do automóvel da polícia, perto do motorista uniformizado, e se sentou no assento traseiro, de onde podia me vigiar.

— A sirene, Kenny, disse. — O Chefe o quer logo lá.

Um idiota em um posto oficial, com revólveres e insígnias para brincar, pode provocar grandes inconvenientes. A sirene zumbiu, grunhiu, chiou, uivou e ululou como um puma, quando subimos pela montanha. Não disse uma só palavra. O sargento detetive Franks teria sido incapaz de entender uma explicação. Seu chefe era diferente. Tinha montado um escritório temporário na cozinha e estava interrogando as testemunhas uma por uma, enquanto um policial com uniforme tomava notas taquigráficas. Knudson falava com Francis Marvell. A autoridade que eu tinha observado em seu comportamento se acendeu na emergência, como um fogo lento alimentado de repente com nafta. Seus olhos opacos e seu volumoso rosto estavam cheios de vida e potência. Os homicídios eram sua especialidade.

— Archer? Sua pesada voz soou penetrante.

— Aqui está, Chefe. O sargento Franks permanecia junto a mim, ainda com a pistola na mão.

— Devo me congratular com o sargento, disse. — Mesmo sozinho precisou um tiro para me trazer. Sou testemunha em uma investigação de assassinato, e você sabe o quão sério é isto.

— Assassinato? Disse Marvell estendendo suas mãos sobre a mesa coberta com um plástico vermelho e ficando de pé. Sua mandíbula oscilou silenciosamente antes que saíssem de sua boca novas palavras.

— Acreditei que se tentava um acidente.
— Isso é o que estamos tentando descobrir, espetou Knudson. — Sente-se. Usou o mesmo tom com o Franks. — O que foi isso dos tiros?
— Tentou escapar, de modo que disparei um tiro de advertência.
— Sim, disse, — Lutei afanosamente pela liberdade. Franks se voltou para mim.
— Se não tentou escapar, por que se dirigiu para a porta?
— Precisei uma baforada de ar fresco, sargento. E agora preciso de outra.
— Terminem com isso, interrompeu Knudson. — Franks, vá ajudar Winowsky com a equipe fotográfica. Você, Archer, se sente. Em seguida falarei com você.

Sentei-me em uma cadeira de cozinha de respaldo reto no outro lado do aposento e acendi um cigarro. Tinha um gosto amargo. Uma grande bandeja de madeira do que tinham sido hors d'oeuvres estava junto a mim na pia: restos de anchovas e um pequeno recipiente de barro cheio até a metade de caviar. Servi-me um pouco de caviar sobre um biscoitinho. A senhora Slocum tinha vivido bem.

— Você não me disse que se tentava assassinato, disse Marvell. — Permitiu que eu pensasse que era um acidente. Parecia muito alterado. Seu cabelo amarelo estava úmido, mas a água que deslizava pela frente vinha de seus próprios poros.

— Não está mais morta pelo fato de ser assassinada. De qualquer maneira, não sabemos se foi.

— A ideia de que pôde ter sido assassinada é atroz. Seu olhar impreciso errou pelo aposento e me passou por cima.

— Já foi muito feio quando encontrei o corpo da pobre mulher. Agora simplesmente não poderei pregar os olhos.

— Acalme-se, Marvell. Você fez exatamente o correto e deve se sentir mais que satisfeito consigo mesmo. A ondulante voz de baixo de Knudson soava amável e suave. — Uma coisa não entendi totalmente, entretanto, e é por que decidi tomar banho só depois de escurecer.

— Eu tampouco entendo totalmente, respondeu Marvell com lentidão. — Foi uma dessas motivações semiconscientes, acredito. Acabava de sair um momento para sentir o cheiro dos jasmims e estava caminhando quando me pareceu ouvir um chapinhar na piscina. Não tinha nenhum ar sinistro. Devo ter pensado que alguém estava dando um mergulho e decidi me unir a ele. Sempre estou disposto às diversões e os jogos, você sabia?

— Já notei.

— Pois bem, primeiro fui à piscina para ver quem estava ali...

— Em seguida de ouvir o chapinhar?

— Não, não imediatamente. Levei um momento em maturar a ideia.

— E enquanto isso o chapinhar continuou?

— Acredito que sim. Acredito que deve ter contínuo. Mas no momento em que cheguei ali, é muito longe da casa...

— Quase cem metros. No momento em que você chegou ali...?

— Tudo estava outra vez totalmente em silêncio e às escuras. Naturalmente, me surpreendeu um pouco ver que as luzes estavam apagadas. Parei junto à piscina durante um momento, me perguntando o que tinha acontecido, e logo notei um escuro objeto redondo. Era um grande chapéu de palha que flutuava dando a volta. Quando me dei conta do que era, comecei a me alarmar. Acendi as luzes subaquáticas e a vi. Estava com o rosto para baixo no fundo da piscina, com o cabelo formando redemoinhos ao redor da cabeça, a saia ondeando e os braços estendidos. Foi horrível.

A água de seus poros deixava marcas brilhantes em suas bochechas e tinha formado uma única gota na ponta do queixo. Limpou-se nervosamente com o dorso da mão.

— Em seguida você entrou na água.

— Sim. Tirei toda a roupa, exceto a roupa interior, e trouxe o corpo para a superfície. Não pude levantá-la pelo flanco, de modo que a arrastei até a parte de baixa profundidade e ali pude tirá-la. Era terrivelmente difícil de manobrar. Eu acreditava que os mortos ficam rígidos, mas ela estava frouxa como borracha mole. Formou-se uma segunda gota.

— Foi então quando você deu o alarme?

— Sim. Devia ter feito antes, mas nesse momento só pensei em tirar a pobre mulher da água fria.

— Fez bem, senhor Marvell. Um minuto ou dois não fazem muita diferença, de qualquer maneira. Agora quero que pense cuidadosamente antes de me responder: quanto tempo passou entre o primeiro chapinhar e o alarme? Eram vinte para as nove quando você pediu ajuda. Como vê, estou tentando estabelecer o momento da morte.

— Compreendo. É muito difícil dizer quanto tempo transcorreu. De fato, é impossível. Estava entregue à beleza da noite e não registrava conscientemente o tempo ou o que ouvia. Podem ter se passado dez minutos ou vinte. Realmente, não poderia lhe dizer.

— Bem. Pense um pouco mais nisso e me diga depois se pode dar uma resposta mais definida. De passagem, você está totalmente certo de que não viu ninguém junto à piscina ou quando você voltava da casa?

— Tão certo como é possível estar nas circunstâncias. Agora, se você me permitir...

— É óbvio. E obrigado. Marvell deixou o aposento com um nervoso caminhar lateral e passando a mão pelo cabelo.

— Por Cristo! Disse Knudson enquanto ficava de pé. — Nunca viu um cadáver antes, menos ainda tocou algum e se sentiu muito afetado. Entretanto, precisa coragem para mergulhar para procurar um cadáver de noite. Tomou nota de tudo, Eddie?

— De tudo, menos dos gestos. O homem de uniforme passou lentamente a mão pela cabeça, da testa até a nuca.

— Muito bem. Dê um passeio enquanto falo com Archer.

Atravessou o aposento e parou junto a mim com as mãos na cintura até que a porta se fechou. Pus um pouco de caviar em um biscoitinho e a comi delicadamente, em duas vezes.

— Quer? Não respondeu a minha pergunta.

— Quem demônios é você, de qualquer maneira? Tirei minha carteira e lhe mostrei a fotocópia de minha licença de motorista.

— Agora me diga que demônios estou eu fazendo aqui. Desgraçadamente minha afasia crônica piorou. Acontece-me sempre que um policial estúpido me dá um tiro. Sacudiu sua cerdosa cabeça, com um gesto de bom humor.

— Esqueça a Franks, certo? Não posso evitar que seja um cacique do partido do prefeito, e que o prefeito esteja ex-ofício na Comissão Policial, você sabia?

— Pode pô-lo detrás de uma mesa ou fazê-lo sair desarmado.

— Sim. Você fala muito rápido, Archer, mas não precisa se aborrecer. Maude Slocum me falou

de você.

— Quanto?

— O suficiente. Quanto menos falemos disso, melhor. De acordo? Sua mente era rápida e fria, e não harmonizava com seu corpo grande e sanguíneo. Imaginei dobrando uma folha e colocando um novo título em outra página em branco. — Por isso, pelo que ela sabe, você foi a última pessoa que viu a senhora antes de morrer. Quando exatamente você a viu?

— Pouco antes de pôr-do-sol. Seriam alguns minutos depois das sete.

— Um par de minutos antes. Aqui é mais cedo por causa das montanhas. Você falou com ela no jardim, não é? Diga-me exatamente do que falaram. Dirigiu-se à porta e chamou o taquígrafo, quem se sentou na mesa da cozinha. Conte-lhe do que falamos.

— Não foi muito. Sua voz revelava decepção. — Nenhum sinal de impulsos suicidas? Ou de doença? Estava muito mal do coração, diz o médico.

— Nada que eu pudesse observar. Pareceu-me um pouco excêntrica, mas quase todo mundo parece. O que dizem as provas físicas?

— Todos os sinais externos indicam que se afogou. Isto é o que se presume, em todo caso, quando se encontra um corpo na água, embora não saibamos como chegou até ali. Com respeito ao corpo, saberemos mais amanhã. O médico-legista ordenou uma autópsia e um exame.

— O que se supõe enquanto isso? Que caiu ou foi empurrada?

— Que caiu, mas estou trabalhando como se fosse homicídio até estar certo. As velhas damas também podem cair nas piscinas.

— Ela não era tão velha.

— Sei. E não há nenhuma boa razão para ela se aproximar da piscina, e menos para entrar nela. Não estava acostumada a isso. Foi construída anos atrás para a artrite do marido. Ela tinha a água proibida por causa de seu coração. Além disso, lhe temia.

— Não sem razão.

— Não. Seus dedos grossos e de unhas quadradas tamborilaram sobre a mesa dura.

— Mandei fazer uma reconstrução do estado da grama ao redor da piscina. O inconveniente é que, quando Marvell chamou pedindo ajuda, todo mundo foi correndo. E pisotearam todo rastro que podia ter ficado.

— Outra coisa. Se for assassinato, a maioria dos suspeitos têm uma justificativa: as pessoas da festa.

— Não é tão simples. E disse ao homem que tomava notas: — Não se incomode em anotar isto. E em seguida, se voltando para mim: — Tinham servido um lanche na sala de jantar e no momento em que a coisa aconteceu os convidados entravam e saíam. Até Marvell podia tê-la empurrado e em seguida tê-la tirado ele mesmo.

— Por que Marvell?

— Calcule. Precisa de dinheiro para levar sua peça ao Este e está muito perto de Slocum. Pois bem, agora Slocum tem dinheiro.

— Você passa por cima ao Slocum, não é? Seu rosto se retorceu com irritação.

— James é um nenê de sua mãe. Jamais tocaria um cabelo da cabeça de sua mãe.

— E Maude Slocum?

— Também vou passar por cima. Em sua mente, deu volta noutra página e colocou um novo título. — Caso tenha sido assassinada, existe a possibilidade de que se trate de algum estranho. Uma mulher como essa tem muitos inimigos.

— Como a Parece, disse.

— Heim? Grunhiu.

— A Pacific Refining Company.

— Ah, sim! Só que as companhias petroleiras já não se misturam mais em assassinatos. Ao menos não por uma questão de tão pouca valia como o aluguel de um terreno para procurar petróleo. O que eu queria lhe perguntar é se você não viu nenhum estranho rondando pelo lugar.

Essa era a pergunta que eu estava esperando e a respeito da qual me interrogava mesmo como responder. Reavis era o suspeito lógico: estava no lugar, bêbado e tinha motivos de queixa. O único inconveniente era que, quando eu o apanhei, não aparentava, não falava nem agia como um homem que acaba de cometer um crime. O tempo tampouco coincidia. Mas se a polícia procurava uma solução fácil e rápida, provavelmente o enviaria à câmara de gás na base de provas circunstanciais. Já tinha visto antes como acontecia isto na selva de Los Angeles, e devia me assegurar com respeito à polícia de Nopal Valley. Decidi confiar em Knudson, mas mantive uma carta tampada. Não lhe disse que quando apanhei Reavis eram exatamente 8 e 23 no relógio do tabuleiro e em meu relógio de pulso. Foi Reavis quem me chamou a atenção da hora, o que podia significar que Reavis tentava me usar como álibi. Detesto que me usem. Knudson não gostou, mas se manteve calmo.

— Muito bem. Você apanhou o rapaz fora do portão em certo momento depois das oito. Você se dá conta de que não sabemos quando foi morta, e provavelmente não nunca saberemos. O testemunho de Marvell é inconcludente. Em seu primeiro relato nem sequer mencionou o chapinhar que ouviu ou acreditou ouvir. Reavis seria capaz de assassinar alguém?

— Não, a menos que o beneficie. Estava de bom humor.

— Que tipo de rapaz é? Vi-o por aqui, mas nunca falei com ele.

— Não há nele nada de ruim que não possa ser consertada por uma lobotomia pré-frontal. Seria capaz de roubar a mãe viúva o dinheiro do aluguel para jogar nos cavalos, mas não o vejo empurrando-a à água. Pode ser psicopata, mas não a esse extremo. Desforra-se falando. Inclinou-se para mim a todo o comprimento da mesa.

— Você tem simpatia pelo moço? Por isso o deixou escapulir do Franks?

— Perco minha azeitada precisão quando uma bala me passa roçando os rins. Eu não gosto de Reavis absolutamente. Mas certas pessoas gostam. Lancei-lhe um golpe baixo, de flanco: —Cathy Slocum gosta muito dele. Seu rosto se encheu de sangue e se inclinou ainda mais.

— Você é um mentiroso. Cathy não se mescla com lixo como esse.

— Acalme-se, Knudson, disse me levantando. — Pergunte ao seu pai, se quiser. A vida fugiu de seu rosto e ficou como estúpido.

— O que acontece aqui? Disse-se a si mesmo; logo recordou que estávamos eu e o taquígrafo. Tomou o caderno de notas do taquígrafo e arrancou a última folha escrita.

— Está bem, Eddie, descanse, disse, e em seguida se dirigiu para mim-. — O que você vai fazer? Ajudará a encontrar Reavis?

— Falarei com a senhora Slocum.

— Faça-o. Está na sala da frente com o marido. É do outro lado do vestíbulo que dá à sala principal.

— Não sou um mentiroso, disse.

— O quê? Ficou de pé lentamente. Não tinha mais estatura que eu, mas era longo e poderoso. Seu pesado corpo dominava a habitação, até que, detrás de seus claros olhos azuis, sua mente vagou para outro lado.

— Não sou um mentiroso, disse. Cravou seus olhos em mim com uma fria hostilidade.

— Está bem, disse depois de um momento. — Você não é um mentiroso.

Sentou-se novamente à mesa, com os ombros afundados como uma jaqueta acolchoada pendurada em um cabide inadequado.

* * *

Oito

A O ATRAVESSAR a porta aberta da sala, dei um olhar às pessoas que estavam nela. Falava-se em voz baixa; os rostos estavam pálidos e tensos. Ninguém parecia beber e toda a alegre conversa tinha desaparecido. A festa se convertera em uma enxaqueca coletiva; a velha e escura sala, na tradicional caverna da morte. Um policial de camisa azul estava sentado em uma cadeira localizada junto à porta, curvado e estudando a boina com viseira que sustentava em seus joelhos como se fosse o rosto de um velho amigo.

A porta da sala situada do outro lado do hall estava fechada à chave. Estava a ponto de bater quando do outro lado uma voz de homem proferiu uma má palavra. Soava incongruente com sua elevada voz de tenor. Respondeu-lhe uma voz de mulher, rápida e de tom baixo, muito baixo para atravessar a pesada porta e me permitir entender suas palavras. Os únicos sons que pude distinguir com clareza foram os soluços entrecortados que salpicavam as frases.

Dirigi-me para a porta seguinte e entrei em uma sala às escuras. A luz proveniente do hall formava sombras arqueadas com as cadeiras que estavam ao longo da parede e brilhava entre a prataria que se acumulava no aparador. Ficou um resto de luz na sala quando fechei a porta atrás de mim: um débil resplendor se filtrou pelas antiquadas portas corrediças que davam para a sala de jantar. Atravessei silenciosamente e me sentei junto às portas corrediças. Através delas se ouvia a voz de Maude Slocum.

— Não aguento mais. Durante anos fiz tudo o que pude por você. Não consegui nada. Agora renuncio.

— Nunca tentou, respondeu seu marido, seca e amargamente. — Viveu em minha casa, comeu meu pão e nunca fez a menor tentativa para me ajudar. Se eu sou um fracasso, como diz, o fracasso é, por certo, tanto seu como meu.

— A casa de sua mãe, assinalou ela com ironia. — O pão de sua mãe, um pão sem levedura.

— Não coloque a minha mãe nisto!

— Como não a vou colocá-la? Sua voz zumbia brandamente, em pleno controle de si mesma e da situação. — Ela foi a figura central de minha vida matrimonial. Teve uma boa oportunidade de se desprender dela quando nos casamos, mas faltou coragem.

— Não tinha nenhuma verdadeira possibilidade, Maude. Sua voz de histrião vacilou sob o peso da autocomiseração. — Era muito jovem para me casar. Eu dependia dela... Nem sequer tinha terminado o colégio. Tampouco havia muitos trabalhos então e você tinha pressa de se casar...

— Eu tinha pressa? Você pediu que me casasse consigo com lágrimas nos olhos! Dizia que sua alma imortal dependia disso!

— Já sei, e pensava que era assim. Estas simples palavras tinham uma ressonância de desespero.

— Também você queria casar. Tinha suas razões.

— É claro que tinha minhas razões! Tinha uma criatura em minha barriga e ninguém a quem recorrer. Suponho que devia me fazer de mulherzinha fraca, engolir o orgulho e ir a qualquer outra parte. Sua voz se reduziu logo a um acre murmúrio. — Isso era o que queria sua mãe, não era?

— Nunca foi fraca, Maude. Ela riu de maneira desagradável.

— Tampouco sua mãe foi, não é? Sua saia era muito grande para sempre receber você.

— Sei o que sente por mim, Maude.

— Não pode saber. Não experimento sentimento algum. No que a mim respeita, me é totalmente indiferente.

— Muito bem, disse tentando manter firme a voz. — Mas agora que mamãe morreu, acredito que poderia ser um pouco mais indulgente com... Sua memória. Sempre foi boa com Cathy. Privava-se ela mesma de coisas para que Cathy fosse à escola e se vestisse decentemente...

— Admito. Mas o que não entende é que estou pensando em mim mesma. Ponho primeiro Cathy, é óbvio. Amo-a, e desejo o melhor de tudo para ela. Mas isso não significa que eu esteja disposta a me anular. Sou mulher tanto como mãe. Só tenho trinta e cinco anos.

— É um pouco tarde para começar tudo de novo.

— Agora me sinto como se não tivesse começado ainda... Sinto que estive me reservando durante quinze anos. Não me reservarei mais. Do contrário apodrecerei internamente.

— Essa é agora sua versão. É a oportunidade que esperava. Se mamãe não tivesse morrido, desejaria muito bem continuar como antes.

— Temo que não saiba o que diz.

— Quase como antes, então. Sei que algo aconteceu desde que fez essa viagem a Chicago.

— O que acha que aconteceu nessa viagem a Chicago? Uma ameaça pôs tensa sua voz como um músculo em desuso.

— Não tenho feito muitas perguntas a respeito disso, nem tenho a intenção de fazer. Sei que mudou, quando voltou naquela primavera. Tinha mais vida... Ela o interrompeu imediatamente:

— Faz bem em não formular perguntas, James. Eu também poderia fazer perguntas; a respeito de Francis, por exemplo. Só que eu já conheço as respostas. James permaneceu em silêncio durante um momento. Eu podia ouvir respirar cada um deles. Finalmente, ele suspirou.

— Bem, não chegamos a nada. O que você quer?

— Direi o que quero. A metade de tudo o que tem, incluída esta propriedade, agora.

— Agora! A morte de minha mãe foi muito conveniente para você, não é? Se não a conhecesse, Maude, acreditaria que você mesma a matou.

— Não vou pretender que lamento que tenha acontecido. Em seguida que tenha passado toda esta desagradável situação e tenhamos chegado a um acordo, irei aos tribunais.

— Farei um acordo, disse ele fracamente. — Esperou muito para ter sua parte da propriedade. Agora poderá tê-la.

— E Cathy, ela insistiu. — Não esqueça Cathy.

— Não a esqueci. Cathy ficará comigo.

— Para que viva a três consigo e Francis?

— Não. Francis não entra no quadro, disse James com grande esforço. — Francis ou algum outro como ele.

— Conheço suas inclinações, James.

— Não, ele disse com uma explosão de seus lábios. — Cathy é tudo o que eu quero.

— Sei o que você quer. Quer uma vida livre para se enroscar ao redor dela como uma

trepadeira. Tentou fazê-lo comigo, mas me liberei, e não se enroscará ao redor da Cathy. Irei daqui e a levarei comigo.

— Não, não, disse arrastando o segundo “não” como um penoso sussurro. — Não deve me deixar sozinho.

— Tem seus amigos, disse ela com ironia.

— Não me deixe, Maude. Tenho medo de ficar sozinho. Preciso de ambas muito mais do que você acredita. Sua voz era totalmente efeminada, como a de um menino histérico.

— Descuidou de mim por quinze anos, disse ela, — E quando tenho finalmente a possibilidade de ir, me pede que fique.

— Deve ficar. Seu dever é ficar comigo. Não pode me deixar sozinho.

— Comporte-se como um homem. Não posso sentir nada por uma lesma chorona.

— Antes me amava...

— Sim?

— Queria ser minha mulher e me cuidar.

— Foi há muito tempo. Já não me lembro. Ouvi uma respiração ofegante e pés que se moviam rapidamente pelo chão.

— Puta! Gritou ele com voz áspera e sufocada. — É uma fria e horrível mulher! Odeio-a!

— Estar casada com um fantasma esfria qualquer mulher, disse ela com voz clara e firme.

— Horrível... Mulher! Encheu o intervalo entre as palavras, o som de uma bofetada. Em seguida algo ósseo, os joelhos dele possivelmente, se chocaram desigualmente sobre o chão.

— Me perdoe! Disse James. — Me Perdoe!

— Me bateu! Sua voz estava carregada de espanto.

— Não tive intenção de fazê-lo! Perdoe-me! Amo-a, Maude! Por favor, fique comigo! Um soluço irrompeu em sua fala e se prolongou ritmicamente. Durante um longo tempo não se ouviu mais que seu choro. Em seguida, ela começou a consolá-lo, com uma voz doce que arrulhava.

— Calma, Jimmie. Querido Jimmie. Ficarei consigo. Ainda poderemos ser felizes, não é verdade querido?

Ao me pôr de pé, cambaleei ligeiramente. Sentia-me como se andasse escutando por um microfone encravado nas paredes do inferno. Atravessei a porta da sala em grandes passadas e saí para o jardim. O céu estava às escuras e em movimento. Longas nuvens cinzentas atravessavam as montanhas em volta do mar, fluindo como um rio sobre o denteado bordo do mundo. Tinha atravessado a metade do jardim para o estacionamento quando lembrei que meu automóvel se achava estacionado em uma rua de Nopal Valley. Dei a volta por trás da casa e encontrei a cozinha vazia, com exceção da caseira. A senhora Strang era uma mulher idosa, de rosto alongado e suave, e cabelo descolorido. Estava cozinhando algo em uma caçarola colocada sobre o fogão. Ao ouvir meus passos deu um salto.

— Céus! Você me assustou!

— Sinto muito. Eu sou Archer, um amigo da senhora Slocum.

— Oh, sim! Você telefonou, me lembro. Seus lábios estavam trêmulos e azuis.

— Cathy está bem? Perguntei.

— Sim, está bem. Estou lhe preparando um pouco de leite quente para pô-la a dormir. A pobre criatura precisa descansar depois de todos estes terríveis acontecimentos.

Em certo modo me senti responsável pela Cathy, embora só porque ninguém se sentia responsável por ela. Seus pais estavam totalmente dedicados a sua guerra privada e negociando seu pequeno armistício. Provavelmente tinha sido sempre assim.

— Você cuidará bem da Cathy? Perguntei à senhora Strang.

— Sempre fiz isso, senhor Archer, me respondeu com orgulho. — Ela bem o merece. Alguns de seus professores pensam que é um gênio.

— Este lugar está cheio de gênios, não é?

Ia me deixar arrastar a uma discussão. Da porta da cozinha vi um resplendor branco que feria a escuridão mais para lá da garagem como uma argamassa. Ainda estavam tirando fotografias ao redor da piscina. Knudson estava ali com três membros de sua seção, dirigindo uma série de medições. Perto deles, jazia o cadáver, debaixo de uma manta, esperando pacientemente ser trasladado. As luzes subaquáticas da piscina estavam acesas, de modo que a água oferecia o aspecto de um pálido fundo esmeralda recoberto por uma superfície luminosa e em movimento. Quando me viu, Knudson se separou do grupo e levantou o queixo. E quando fiquei perto para ouvir sua voz de baixo me perguntou:

— O que ela disse? Cooperará conosco?

— Não a vi. Estava fechada em uma sala com o marido. As aletas de seu nariz fizeram um gesto depreciativo que não estava destinado a mim.

— Ordenei aos guarda que procurem Reavis. Você pode nos ajudar, já que o conhece.

— Está um pouco fora de minha incumbência, não é?

— Você julgará, disse, e levantou e deixou cair os ombros em um lento movimento muscular.

— Acredito que há certa responsabilidade...

— Talvez. Você pode levar para a cidade? O Franks não.

— Sem dúvida, exclamou e se voltou para o fotógrafo, que estava ajoelhado perto do cadáver.

— Está terminando, Winowsk?

— Sim, disse e retirou a manta. — Outro par de fotografias do cadáver. Quero lhe fazer justiça. Exige-o a minha honra profissional.

— Leve o senhor Archer em seguida à cidade.

— Está bem.

Agachou-se sobre o cadáver e fez funcionar o bulbo unido à parte superior de sua câmera. A branca luz de magnésio arrancou o rosto da morta das sombras e o projetou contra a noite. As sardas cresceram como pústulas sobre a pele de um branco calcário. Bulbosa e branca, como os seres das profundidades do mar, a espuma fluía das aletas do nariz e da boca entreaberta. Os olhos verdes contemplavam com frio estupor o céu escuro que se movia entre as montanhas ainda mais escuras.

— Uma mais, disse o fotógrafo e deu um passo do outro lado do cadáver. — Agora, olhe para o passarinho.

A luz branca resplandeceu novamente sobre o rosto imóvel.

Nove

O EDIFÍCIO estava recoberto de estuque rosado e era grande, novo e feio. Tinha uma entrada lateral sobre a qual uma placa de néon dizia “Sala de Jogos”. A parede não tinha janelas, exceto a porta e um par de respiradouros redondos com telas. Pude ouvir de fora o bulício: o ritmo em dois tempos de uma banda e o revoó de muitos pés. Quando abri a pesada porta, o ruído feriu meus ouvidos. A maior parte dele vinha da plataforma localizada no extremo traseiro da sala, onde um grupo de homens jovens de calças brancas maltratavam um piano, um violão, um trombone, tambores e ainda havia uma trompetista. O piano tilintava, o trombone roncava e a trompetista grasnava e ululava. O violão arrancava partes da escala cromática e os salpicava em rápidas irisações. O baterista golpeava sobre tudo o que tinha à mão: Tambores, pires; chutava o chão, fazia ressonar os sinos de sua cadeira e a barra de cromo que sustentava o microfone. Eram os CINCO FURIOSOS, conforme se lia no tambor maior.

O resto do bulício vinha das cabines que se alinhavam ao longo de três das paredes da sala e da pista de baile do meio, onde uns vinte ou trinta casais formavam redemoinhos no meio da fumaça. Ouviam-se as risadinhas entre dentes de mulheres bêbadas e cortejadas, os sons animais de homens ébrios e ofegantes. Era uma Babel com um fundo de jazz desenfreado. Uma corpulenta ruiva pintada que vestia uma blusa de seda preparava bebidas em um balcão próximo à porta. Seu torso se agitava na blusa como um gigantesco ovo fervendo na água sem se quebrar. As garçonetes iam e vinham em uma espécie de caminho de formigas, e todos os uísques vinham da mesma garrafa. Em um espaço que ficou aberto entre as garçonetes deslizei até o bar. A volumosa mulher quebrou debaixo de si uma garrafa vazia e se ergueu, respirando pesadamente.

— Eu sou Helen, disse com um público sorriso de lábios de borracha. — Você quer um gole. Procure um assento e mando uma garçonete.

— Obrigado. Estou procurando o Pat.

— Pat, o quê? Trabalha aqui?

— É um homem. Jovem, corpulento, de cabelo escuro e encaracolado.

— Amigo, eu tenho meus próprios problemas. Mas não vá se zangar. Converse com as garçonetes, se quiser. Quando terminou, respirou profundamente, e o ovo se inchou até chegar quase ao queixo.

— Duas cervejas, disse uma garçonete atrás de mim. Perguntei-lhe: — Gretchen está aqui?

— Gretchen Keck? A garçonete apontou com um magro polegar para uma moça de elevada estatura que estava na pista de baile. — É aquela, a loura de vestido azul.

Esperiei que a música parasse e me encaminhei a uma cabine vazia. Alguns dos casais permaneceram onde estavam, no centro da sala, com os braços entrelaçados e frente a frente. Um

rapaz mexicano de jeans e camisa branca estava com a loura alta. Gretchen era tão loura como moreno o moço; era de tez branca e tinha um penteado alto que a fazia parecer de estatura ainda mais elevada. Não podiam ficar quietos. Seus quadris se moviam em um lento vaivém circular até que a música recomeçou e acelerou o ritmo. Enquanto ela dançava sozinha durante um momento, ele se movia ao redor da garota, rebolando como um peru, batendo os braços como um galo, saltando e golpeando com os pés, como um touro. Movia a cabeça horizontalmente, à maneira de Bali, se agachava sobre os calcanhares como um cossaco, inventava novos movimentos de quadris, lançando o corpo e os pés a ritmos diferentes. Ela ficou onde estava, fazendo movimentos que imitavam levemente os dele, que estreitava seu círculo ao redor da moça. Seu uniram novamente, sacudindo os corpos e retorcendo-os a todo o comprido em um “shimmy” indescritível. Em seguida ela permaneceu quieta sobre o peito arqueado. Ele a sustentou e a música continuou sem eles.

Na cabine que ficava atrás da minha, uma mulher chamou por testemunha à Mãe de Deus pelo seu justificável ato de violência e se levantou impetuosamente de seu assento. Era uma magra garota mexicana com um cabelo como alcatrão fresco. De sua crispada mão direita se sobressaía uma navalha de quatro polegadas. Virei sobre o assento me apoiando em uma mão. Meu pé esquerdo travou sua perna e a garota caiu para frente. A navalha se chocou contra o chão e saltou fora de seu alcance. Ao ver isto, o rapaz moreno e a garota loura deram um salto para trás, tão repentinamente que ela cambaleou sobre os calcanhares. O rapaz olhou a navalha sobre o piso e à moça que lutava por se levantar. Seus olhos se aguaram e seu rosto de bronze adquiriu uma pátina cinzenta.

Vacilante e pesaroso, sem olhar para trás, o rapaz ajudou torpemente à mulher a se levantar. Ela derramou palavras em espanhol que soaram como uma série de petardos. Seu gasto vestido negro de cetim estava coberto de pó. Parte de seu cítrico e picado rosto estava coberto de fuligem. Começou a chorar. Ele colocou seus braços ao redor dela e lhe disse:

— Não, por favor. Sinto muito. Saíram e a música parou.

Um pesado homem de idade mediana com um uniforme imitando o da polícia apareceu não se sabia de onde. Recolheu a navalha, quebrou-a sobre seu joelho e colocou o cabo e a folha no bolso de seu casaco azul. Veio para minha cabine pisando levemente, como se caminhasse sobre ovos. Seus sapatos estavam fendidos e deformados na base dos dedos.

— Bom trabalho, moço, disse. — Se alvoroçam com tanta rapidez que às vezes não posso chegar a tempo.

— As brincadeiras com facas me perturbam quando bebo. Seus olhos avermelhados me olhavam de um rosto marcado pelo tempo.

— Você é novo por aqui, não é?

— Sim, respondi, embora tinha a sensação de ter estado em Nopal Valley há séculos. — E a propósito de minha bebida ainda não consegui nenhuma. O homem chamou uma garçonete.

— Já resolveremos isso. A garota apoiou uma bandeja com copos vazios em que havia restos de espuma.

— O que deseja?

— Uma garrafa de cerveja, disse, pois desconfiava do uísque do bar. — Pergunte a Gretchen o que bebe e se quer tomar um gole comigo. A bebida e Gretchen chegaram simultaneamente.

— Helen diz que esta bebida não será cobrada, disse a garçonete. — Suas bebidas são por conta da casa. Alguma outra coisa?

— Comida?

— Não mais. A cozinha está fechada.

— O que há, então? A garçonete serviu com força a cerveja para que fizesse espuma e partiu sem responder. Gretchen riu, enquanto deslizou para o assento que estava em frente a mim.

— Helen tem quartos no andar de cima. Diz que há muitos homens nesta cidade, e alguém precisa fazer algo para aliviar a pressão.

Sorveu sua bebida, coca-cola com rum, e pestanejou grotescamente sobre a beira do copo. Seus olhos eram ingênuos e claros, de cor celeste. Nem sequer sua lasciva boca vermelha desenhada com batom por cima da própria podia diminuir sua frescura.

— Eu sou um tipo de pressão muito baixa. Olhou-me minuciosamente. Examinou tudo, exceto a textura do tecido do meu paletó.

— Talvez. Você não tem o tipo dos que vão ao andar de cima, devo admitir. Entretanto, é rápido, irmão.

— Esqueça.

— Oxalá pudesse. Nunca me assusto quando acontece algo. Só mais tarde sinto as consequências. Acordo no meio da noite apavorada. Que essa moça vá para o inferno!

— Já está lá.

— Sim. Já sei o que você quer dizer. Essas garotas mexicanas levam as coisas tão a sério que já não conseguem mais se divertir.

— Você sim sabe se divertir, disse, — Devo acreditar no Pat. Ruborizou-se e seus olhos brilharam.

— Você conhece o Pat?

— Fomos colegas, disse, afogando quase a palavra. — Na infantaria da marinha.

— Então, ele esteve realmente na infantaria da marinha? Parecia surpresa e agradada, mais do que eu pensei.

— Sem dúvida. Estivemos em Guadalcanal juntos. Senti-me quase como um criminoso.

— Talvez você possa me informar, disse e mordeu o lábio inferior deixando pintura sobre os dentes; até seus dentes da frente estavam em mal estado. — É verdade o que ele diz, que é agente secreto ou algo assim?

— Na guerra?

— Não, agora. Diz que só é chofer para dissimular, que é uma espécie de agente secreto.

— Não sei.

— Conta tantas histórias que muitas vezes não sei em que acreditar. É um tipo rico, de qualquer maneira, adicionou defensivamente. — Tem boa cabeça e vai chegar longe. Assenti o mais honestamente que pude.

— Sim, é um bom moço. Esperava encontrá-lo aqui nesta noite. Existe a oportunidade de um negócio em nossa organização e ele poderia participar com bom ganho.

— Oportunidade de um negócio?

Essas palavras tinham a mágica qualidade de um anúncio luminoso a quatro cores, e ela as repetiu com respeito. Gretchen se viu com seus olhos azuis vestindo um avental recém-lavado na

nova máquina de lavar roupas Bendix, cozinhando para Reavis na cozinha com azulejos de uma nova casa para veteranos.

— E em que cidade? Em Los Angeles?

— Sim.

— Talvez esteja em minha casa. Às vezes me espera no trailer.

— Você pode sair daqui agora?

— Por que não? Trabalho independentemente.

Proseguiu o bate-papo como um disco que se esqueceu de dar volta, mas seus pensamentos estavam em outro lado. Pensava em uma nova Gretchen: a jovem e atraente esposa do jovem executivo em ascensão Reavis. Ao sairmos golpeou o para-lama de meu automóvel como se fosse um animal cujo afeto pudesse conquistar. Eu tinha vontade de lhe dizer: “Esqueça-o. Nunca fica muito tempo com uma mulher, nem paga suas dívidas”. Em troca, disse:

— Estamos fazendo bons negócios neste momento. Podemos utilizar um rapaz como Pat.

— Se eu pudesse ajudá-lo a conseguir um trabalho realmente bom... Disse. Calou o resto da frase, mas se traduzia: “...talvez se casasse comigo”.

A poucas quadras da rua principal virei, seguindo suas indicações, e peguei uma rua bordeada por grandes e velhas casas. O asfalto gasto fazia soar as ferramentas no baú do automóvel. Era uma dessas ruas que antigamente tinha sido a melhor da cidade. As casas eram mansões vitorianas, cujos beirais e cornijas esculpidas se destacavam grotescamente contra o céu. Agora eram apartamentos e casas de pensão, gastos restos de sua vã grandeza. Entramos num beco entre duas delas, até um pátio sob a negra sombra dos carvalhos. Havia um trailer sob as árvores, na parte mais afastada do pátio. À luz dos faróis pude ver que sua parte metálica estava enferrujando como um ancoradouro abandonado.

— Aí está nosso trailer. A garota tentava se mostrar animada, e havia uma nota de ansiedade em sua voz. — Entretanto, não há luzes, adicionou quando desliguei os faróis e o motor.

— Não estará esperando às escuras?

— Poderia estar dormindo. Às vezes costuma dormir aqui. Estava novamente na defensiva, ao descrever os hábitos de um grande e enrolão menino mimado a quem amava...

— De passagem, você disse “nosso trailer”. É de você e de Pat?

— Não, senhor. Ele só me visita. Tenho uma companheira chamada Jane, mas nunca está em casa de noite. Trabalha em um restaurante que fica aberto a noite toda.

Seu rosto era de uma imprecisa palidez, totalmente escurecido pela sombra dos carvalhos. As folhas secas rangiam sob nossos pés. A porta do trailer estava sem chave. Ela entrou e acendeu uma luz do teto.

— Não está aqui, disse contrariada. — Quer entrar?

— Obrigado.

Subi pelo bloco de cimento que fazia de degrau. A porta era tão baixa que tive que me agachar.

A pequena habitação continha uma pia e um forno de butano no extremo mais próximo à porta, dois estreitos beliches cobertas com colchas iguais, de um algodão barato de cor vermelha, um penteadeira fixa de madeira atravessada no outro extremo, coberto de cosméticos, forquilhas, historietas de amor, e por cima um espelho curvo que refletia uma imprecisa imagem deformada da habitação, da moça e de mim.

O homem do espelho era grande, de corpo chato e rosto enxuto. Um de seus olhos cinzentos era maior que o outro e se inchava e oscilava como o olho da consciência. O outro olho era pequeno, de olhar duro e ardiloso. Permaneci imóvel por um instante, fascinado por meu próprio rosto deformado, e a habitação era como um desses desenhos com armadilha dos testes psicológicos. Durante um momento não fui mais que o homem do espelho, a sombra sem vida própria que espionava com um olho grande e outro pequeno, através de um vidro sujo, as sujas vidas de pessoas pertencentes a um mundo muito sujo.

— É uma espécie de cárcere, disse tentando parecer alegre, — Mas o chamamos “nosso lar, doce lar”.

Passou junto a mim e fechou a porta. Na atmosfera fechada, o aroma de óleo rançoso derramado no forno e o nauseabundo aroma adocicado de um perfume barato proveniente da penteadeira realizavam uma velha disputa. Eu não estava a favor de nenhum deles.

— Agradável e cômodo, disse.

— Sente-se, senhor, disse com forçada alegria. — Não tenho rum nem cocas, mas um pouco de moscatel.

— Obrigado. Não em cima da cerveja.

Sentei-me em um dos beliches cobertos de vermelho. Os movimentos do homem do espelho tinham a rapidez e a precisão da juventude, mas não o entusiasmo da juventude. Agora sua testa era bulbosa como a de um intelectual de historieta, e sua boca pequena, lambida e cruel. Ao diabo com ele.

— Podemos fazer uma pequena festa, se você quiser, disse com vacilação. De pé e com todo o resplendor da luz sobre ela, parecia uma boneca de borracha pintada, feita de verdadeira carne humana, mas já não muito nova.

— Não quero.

— Está bem. Mas não precisa ser ofensivo, sabe? Disse-o em tom de brincadeira, mas souu ruim. Estava preocupada. Fez uma nova tentativa: — Presumo que você está muito ansioso por ver Pat, não é? Talvez esteja em sua casa, em Los Angeles. Normalmente não vai em meados da semana, mas o tem feito um par de vezes.

— Não sabia que tivesse casa em Los Angeles.

— É um lugar pequeno, um apartamento de um cômodo. Um fim de semana me levou para vê-lo. Seria engraçado que você fez a viagem até aqui para vê-lo e ele estivesse em Los Angeles!

— Seria muito engraçado. Você sabe onde é? Assim posso ir procurá-lo amanhã.

— Amanhã não estará lá. Precisa voltar para o trabalho, nos Slocum. Deixei-a que acreditasse nisso.

— Que pena! Preciso voltar para Los Angeles nesta noite. Talvez você possa me dar seu endereço.

— Não tenho o número, mas poderia encontrá-lo novamente.

Seus olhos pestanejaram lentamente, como se esperasse alguma coisa. Sentou-se no beliche localizado em frente ao meu, tão perto que nossos joelhos se tocaram. Um par de meias de nylon que estavam penduras de um toalheiro por cima da cama me fizeram cócegas no pescoço.

— Farei tudo o que possa para ajudar, disse.

— Agradeço. O lugar tem nome?

— Graham Court, ou algo assim. Fica no meio de duas ruelas laterais de North Madison, entre Hollywood e Los Angeles.

— Não tem telefone?

— Não, que eu saiba.

— Obrigado, novamente.

Pus-me de pé. Ela se levantou como minha sombra e nos encontramos travados no estreito passadiço entre as camas. Tentei chegar até a porta e senti o contato de suas coxas redondas.

— De certo modo, eu gostei de você, senhor. Haveria algo que eu pudesse fazer?

Seus seios se erguiam como os chifres de um dilema. Apressei-me a passar junto a ela. O homem do espelho me observava com um olho frio como a morte.

— Quantos anos tem, Gretchen? Perguntei da porta. Ela não me seguiu até a porta.

— Não é de seu encargo. Uns cem, aproximadamente. Pelo calendário, dezessete. Dezessete. Um ano ou dois a mais que Cathy. E tinham em comum o Reavis.

— Por que não volta para sua mãe? Sua risada ressonou como papel esmigalhado em uma câmara com eco.

— Voltar ao Hamtramck? Ela me abandonou na Sociedade de Beneficência Stanislaus quando conseguiu seu primeiro divórcio. Vivo por minha conta desde 1946.

— Como se arruma, Gretchen?

— Como você dizia, passo bem.

— Quer que a leve de volta a Helen?

— Não, obrigado, senhor. Tenho muito dinheiro para viver uma semana. Agora que sabe onde vivo, venha para me ver de vez em quando.

Essas palavras despertaram um eco que durou cinquenta milhas. A noite estava cheia das vozes de moças que dilapidavam sua juventude e despertavam aterrorizadas às três ou quatro da manhã.

Dez

PAREI em um bar situado ao leste do cemitério, no Bulevar Santa Mônica, para comer um sanduiche, tomar um café e dar uma folheada na lista telefônica, pendurada de uma correntinha perto do telefone público localizado sobre a parede, ao lado da janela da frente. Aparecia um Graham Court na Rua Laredo. Disquei o número e observei os vagabundos da calçada. Os jovens aficionados do jazz, ébrios de música ou maconha, os homens de idade média da cidade, os turistas em busca de algo que satisfaça suas fantasias, as moças cheias de esperança e as desesperançadas, e os jogadores profissionais ágeis, ligeiros e sem idade faziam a ronda de Hollywood do outro lado do vidro. O luminoso que estava em cima da janela era vermelho de um lado e verde do outro, de modo que o povo passava da corada juventude à idade adoentada à medida que atravessava meu setor da vereda. Uma voz longínqua respondeu ao chamado. Pat Reavis não morava no Graham Court, nunca tinha vivido, boa noite. O homem que atendia o balcão me deslizou um sanduiche branco e uma xícara de café escuro sobre a negra fórmica do balcão. O homem tinha orelhas rosadas em forma de mariposas. O resto dele estava ainda em estado larval.

— Ouvi sua ligação sem querer, disse obsequiosamente. — Se você procura garotas, eu conheço um bom número.

— Escreva-o com sangue em papel higiênico e coma-o no desjejum.

— Heim? Exclamou. — Sangue?

— O que lhe faz pensar que o sexo é a única coisa importante na vida? Riu nasalmente.

— Diga outra coisa.

— Dinheiro.

— Sem dúvida. Mas me responda para que um tipo quer dinheiro.

— Para se retirar a um monastério de lamas no Tibet. Mostrei-lhe uma insígnia de Delegado Especial que tinha conservado de um caso da época da guerra nos ancoradouros de Pedro.

— Podem lhe dar dois anos da prisão por alcoviteiro.

— Jesus! Seu rosto sofreu uma repentina mudança. A velhice tinha marcado seu rosto. — Só estava brincando, sem nenhuma intenção. Não conheço nenhum número. Sinceramente. Seus gemidos me seguiram até a rua e só os interrompeu ao se fechar a porta. Eu estava de mau humor.

Laredo era uma das perdidas ruelas decoradas com estuques entre os dois grandes bulevares. As luzes da rua, uma por quadra, deixavam grandes espaços escuros. Havia luzes ocasionais nas casas onde se realizava alguma festa noturna. Ao passar, captei fragmentos de música e risadas, e tive fugazes visões, nas janelas, de casais que dançavam. Alguns dos bailarinos eram negros, outros brancos, e outros tinham acobreados rostos índios. A maioria das pequenas casas estava às escuras, com as persianas fechadas. Havia toda uma quadra vazia; sua interrompida série de alicerces tinha sido devastada por um antigo incêndio. Senti-me como um gato solitário, como um macho em vias de

envelhecer, dominado por um escuro furor e com vontades de armar briga. Mas desprezei esse estado de ânimo e consegui me liberar dele. As ruas da noite eram meu âmbito, e o seriam até a morte.

As letras GRAHAM COURT se destacavam na frente de uma caixa metálica retangular iluminada de dentro por uma lâmpada elétrica. Parecido ao poste que sustentava o cartaz havia uma parte de cartão pintado de branco sobre o que uma mão vacilante tinha escrito HÁ VAGAS. Ele não estava oculto por uma parte de papelão ressecado. Parei o automóvel uns vinte metros mais à frente do cartaz e deixei o motor ligado. O escapamento emitia pequenas baforadas azuis, como a fumaça de um cachimbo no ar frio.

Era uma pracinha com uma fileira de casas dismanteladas rodeadas de um jardim murcho. Um gasto atalho de cascalho conduzia aos destruídos degraus dianteiros das portas. Em algumas das casas se filtrava a luz pelas gretas de suas estruturas. Um edifício com um cartaz que dizia ESCRITÓRIO e que estava mais próximo à rua se achava fechado e às escuras. Parecia abandonado, como se seu proprietário o tivesse largado em busca de melhor sorte. Sobre minha cabeça, um eucalipto de flores vermelhas se movia balançado por um vento tão suave como um hálito, enquanto suas pequenas folhas magras caíam ao chão. Recolhi uma da calçada, impensadamente, e o moí até convertê-lo em um pó vermelho entre meus dedos.

Estava duvidando entre abordar Reavis diretamente ou me resignar a uma longa espera no automóvel, quando se abriu a porta de uma das casinhas situada na metade do grupo. Uma luz amarelada caiu sobre o jardim. A sombra de um homem se deslocou por ela e em seguida a luz desapareceu. Comecei a caminhar pela rua, me afastando de meu automóvel. Depois de um momento, ouvi atrás de mim passados rápidos. Entrei pelo aminho de entrada de uma casa sem luz, ao azar e, com um pouco de sorte, daria a impressão de que eu vivia ali. Minha longa sombra vaga se fundiu com a sombra dos arbustos, e me dava conta de que só minha silhueta seria visível para o homem que estava atrás de mim. Havia um automóvel estacionado no caminho de acesso, junto à casa, e me ocultei atrás dele. Os passos na calçada continuaram sem pausa.

Na esquina o homem passou sob o poste de luz. Era Reavis, que caminhava com impaciente fanfarronice, o queixo em alto e os ombros para trás, como se tivesse espionado um grupo de moças em pleno dia. Quando virou na esquina, corri a meu automóvel e dei a volta pelo quarteirão a tempo de apagar as luzes e ver o desfile de Reavis enquanto cruzava a seguinte intercessão. Não me arrisquei. Ele conhecia meu automóvel, de modo que o fechei com chave e o deixei onde estava. Esperei que se adiantasse quase uma quadra e usei todos os recursos convenientes para me ocultar: árvores, sebes, automóveis estacionados, etcetera. Em nenhum momento olhou para trás. Movia-se como um homem cuja consciência estivesse limpa ou que carecesse dela. Quando chegou ao Sunset, dobrou à esquerda. Atravessei o bulevar e diminuí a distância entre nós. Usava um casaco de couro de contrastantes cores negra e canela. Virtualmente podia ver o traje através da longa rua de trânsito barulhento.

Reavis se dirigiu para uma parada de táxis onde havia vários deles alinhados ao longo da calçada. Eu esperava que tomasse um deles e estava disposto a segui-lo em outro. Em troca, se sentou no banco da parada de ônibus, cruzou as pernas e acendeu um cigarro. Caminhei uns metros pela rua transversal e o observei da sombra do edifício da esquina. A minha esquerda, altos hotéis com

apartamentos se elevavam contra um céu cuja cor avermelhada e em movimento era como o interior das pálpebras. O tardio trânsito noturno fluía entre Reavis e eu a uma velocidade constante de trinta e cinco a quarenta quilômetros por hora. Um comprido automóvel negro se separou da corrente e se aproximou da calçada onde estava sentado Reavis. Este se levantou e jogou seu cigarro fora. Um homem de uniforme cinza escuro surgiu pelo porta do motorista e lhe abriu a porta de trás. Eu estava no meio da rua, no estreito corredor entre os caminhos quando a limusine começou novamente a marcha. Abri a porta do primeiro táxi da linha e indiquei ao motorista que o seguisse.

— Tarifa dupla? Disse por cima do rugido do motor.

— Sem dúvida. E um dólar extra pelo número da placa. O táxi saiu da calçada com uma brusca decolagem que me arrojou para trás em meu assento e em seguida chegou às cinquenta quilômetros. Escorrendo-se no meio do trânsito, logo alcançou a limusine negra.

— Não freie muito bruscamente perto dele. E se afaste um pouco quando conseguir o número. Diminui um pouco a velocidade, mas gradualmente cortou a distância entre os dois automóveis.

— O número é 23P708, disse depois de um momento. — Você está espionando o rapaz ou o quê?

— Isto não lhe interessa.

— Está bem. Só fiz uma pergunta natural.

— Não conheço a resposta.

Com isto terminou nossa conversa. Escrevi o número em uma caixa de fósforos e a coloquei em meu bolso interior. O automóvel negro se aproximou da calçada inesperadamente, esperou que Reavis descesse e partiu outra vez. Atravessou a vereda com seu ar arrogante até um cartaz que dizia HUNT CLUBE. A porta forrada em couro se fechou detrás dele.

— Me deixe descer aqui, disse ao motorista. — Estacione o mais perto que puder e me espere. Levantou a mão direita e esfregou o polegar com outros dois dedos.

— Me mostre um notinha verde, primeiro, não é? Estiquei-lhe uma nota de cinco dólares. Contemplou a nota e voltou seu olhar para mim por cima do respaldo do assento. Tinha um rosto de siciliano, de olhos negros e nariz afilado.

— Isto não será um roubo ou um algo parecido?

— Sou um detetive particular, lhe disse. — Não haverá nenhum inconveniente. Ao menos esperava que não houvesse.

O Hunt Clube de Dennis estava escuro, e cheio de gente. Luzes indiretas brilhavam com discrição sobre bronzes polidos e madeiras, sobre cabeças polidas e rostos extremamente polidos. As fotografias fixadas sobre as paredes estavam assinadas por nomes famosos ou nomes que alguma vez tinham sido famosos. O mesmo Dennis estava perto da porta. Era um homem de cabelo cinzento que usava roupa de empresário de pompas fúnebres, com um nariz de palhaço e uma boca de financista. Estava conversando com ar de elegante condescendência com uns dos que tinham sido famosos. Este me dirigiu seu olhar desde debaixo de suas finas sobranceiras despovoadas.

O lugar era construído em dois níveis, de modo que do bar se dominava a sala. Eram perto das duas. O bar trabalhava ao máximo, antes que soasse o toque de recolher. Encontrei um assento vazio, pedi uma Guinness para recuperar energias e olhei ao redor. O traje de couro resplandecia em meio

da sala. Reavis, de costas para mim, estava em uma mesa com uma mulher e um homem. O homem se inclinou sobre seu bife de quatro polegadas em direção a Reavis; um smoking azul oprimia seus pesados ombros. O longo pescoço que surgia de sua camisa branca suportava uma cabeça enorme, com uma pele rosada como a de um bebê. Um cabelo avermelhado formava cachos sobre o maciço crânio. Tinha os olhos entrecerrados, em atitude de escutar; enquanto mastigava, brilhos de inteligência iluminavam seu rosto grande e suave.

A terceira pessoa da mesa era uma jovem de cabelo cinzento que usava uma túnica branca e vincada. Quando inclinou a cabeça, seu curto cabelo brilhante caiu para frente emoldurando castamente seu rosto como uma touca. Seus traços eram belos. A jovem tentava ouvir o que os homens diziam. O homem de rosto grande a olhou, abriu um pouco mais os olhos e pareceu não lhe agradar o que viu. Uma infantil impaciência se desenhou em seu sobrecenho e sua boca, enquanto lhe falou mastigando energicamente. A mulher se levantou e se dirigiu ao bar. As pessoas se viraram vota para olhá-la. Localizou-se no assento vazio que estava junto a mim e foi servida antes que eu. O barman a chamou por seu nome, “senhora Kilbourne”, e teria se atirado ao corpete, se ela o tivesse. Bebeu um Bourbon puro. Finalmente o barman trouxe a minha cerveja, espumante, em uma gelada taça de cobre.

— Último pedido, senhor.

— Isto me bastará.

Dei um rápido olhar à mulher, para confirmar a minha primeira impressão. Sua atmosfera era como oxigênio puro: se a respirava profundamente podia causar vertigem e alegria, ou podia envenenar. Tinha olhos melancólicos, sob longas pestanas, e bochechas ligeiramente afundadas, como se tivesse se alimentado de sua própria beleza. Suas carnes tinham esse muito leve excesso que faz aos homens seguir a uma mulher pela rua. Suas mãos abriram o broche de diamante de sua carteira de lamê dourado e pinçaram no interior da mesma.

— Maldito seja! Disse em voz baixa e uniforme.

— Algum contratempo? Perguntei sem muita esperança.

Não se voltou; nem sequer pestanejou. Pensei que tinha sido rechaçado, o qual não me importava muito, já que tinha procurado isso. Depois de um momento me respondeu com o mesmo tom de voz plano:

— Noite após noite, é isso. Se tivesse um táxi, iria nele.

— Agradar-me-ia poder ajudá-la. Voltou-se e me olhou, com esse gênero de olhares que me faziam desejar ser mais jovem, mais belo e ter um milhão de dólares, e que me asseguravam que não era assim.

— Quem é você?

— Um admirador desconhecido. Quer dizer, há cinco minutos.

— Obrigado, Senhor Admirador Desconhecido. Sorriu e levantou as sobrancelhas. Seu sorriso era como uma flecha. — Também tenho uma frota de táxis a minha disposição.

— É engraçado, mas na realidade eu tenho uma. Meu marido a tem, em todo caso. E não posso dispor de um táxi.

— Tenho um táxi esperando. Você pode dispor dele.

— Amável e abnegado, além disso! Há muitos admiradores desconhecidos que precisariam ser conhecidos.

— Fala de brincadeira.

— Esqueça o dito. Só eram palavras. Não tenho coragem para fazer outra coisa a não ser falar.

Dirigiu o olhar para sua mesa e o homem de cabeça grande a chamou com um gesto peremptório. Ela apurou sua bebida e abandonou o balcão para se dirigir à mesa. O homem pediu a conta com voz sonora e lenta. O barman abriu os braços e se dirigiu às pessoas do bar:

— Sinto muito, amigos, é hora de fechar, vocês sabem.

— Quem é a pipoca? Perguntei-lhe com tranquilidade.

— Você se refere à senhora de Kilbourne?

— Sim, quem é?

— A senhora de Walter Kilbourne, afirmou com decisão. — Quem está com ela é Walter Kilbourne. Associei o nome com dinheiro, mas não pude se localizá-lo definitivamente.

Achava-me esperando no táxi, do outro lado da rua, quando eles apareceram na vereda. Simultaneamente, a limusine se aproximou da calçada. As pernas de Kilbourne eram muito pequenas para seu torso gigantesco. Quando atravessaram a vereda, sua grande cabeça estava à mesma altura que a de sua mulher. Desta vez Reavis se sentou na frente, com o chofer.

— Vai continuar a perseguição? Disse o meu motorista.

— Bem poderia ser. São apenas duas horas.

— Algumas pessoas têm um senso de humor muito peculiar, grunhiu.

Descreveu um U na esquina e voltou rapidamente. O trânsito tinha diminuído e era fácil manter à vista as luzes vermelhas traseiras, que brilhavam a considerável distância. No centro da Strip o automóvel parou novamente junto à calçada. A mulher loura e seu marido desceram e entraram no THE FLAMENCO. Reavis permaneceu perto do chofer. O automóvel negro descreveu subitamente um U e passou ao nosso lado na direção oposta. Meu motorista tinha estacionado irregularmente junto a outro automóvel, a uns cem metros do de THE FLAMENCO. Pôs ruidosamente a alavanca de mudanças em primeira e lutou com o volante.

— Quanto tempo mais continuará isto?

— Teremos que esperar e ver.

— Habitualmente como um bocado e tomo uma xícara de café por volta das duas.

— Sim, é uma pena. Um assassinato altera certamente os horários. A agulha do velocímetro saltou dez quilômetros, como se estivesse ligada diretamente aos batimentos do coração do motorista.

— Disse assassinato?

— Sim.

— Alguém vai ser assassinado ou está por ser assassinado?

— Alguém foi assassinado.

— Eu não gosto de me misturar com crimes.

— Ninguém gosta. Mantenha esse automóvel à vista e varie a distância.

O automóvel negro parou ante a luz vermelha do semáforo da Cahuenga e meu chofer cometeu um engano. Antes que virasse à esquerda, se aproximou muito dele. Reavis olhou para trás, seus olhos grandes e negros reluziram à luz de nossos faróis, e falou com o chofer. Amaldiçoei em voz baixa e abriguei a esperança de que estivesse conversando a respeito da beleza da noite. Mas não foi assim. Uma vez que a limusine pegou a autoestrada começou a se deslocar na sua velocidade máxima. A agulha de nosso velocímetro chegou até oitenta e cravou ali como os ponteiros de relógio de um relógio parado. As luzes traseiras desapareceram em uma curva e ficaram fora de nosso alcance quando freamos na curva no meio do chiado das rodas.

— Sinto muito, disse o motorista, com a cabeça e o corpo rígidos sobre o volante. — Esse Cadillac pode manter uma velocidade de cento e vinte quilômetros daqui até São Francisco. De todos os modos provavelmente desvie no Lankershim.

* * *

Onze

GRAHAM COURT ainda mudado nas horas, ou pouco mais ou menos, transcorridas desde que a tinha visto pela última vez. O lugar tinha a mesma desalinhada fealdade, a mesma atmosfera fétida de pessoas que vivem desesperadamente em apuros, mas estas coisas tinham perdido parte de sua realidade. Ao sair dali em uma limusine que o reuniu com a senhora Kilbourne, Reavis tinha dado ao lugar uma nova dimensão: a possibilidade de que atrás das curvadas paredes houvesse algo mais que bebida, pobreza, cópula e desespero. Para Reavis, pelo menos, Graham Court era um lugar em que podia acontecer algo, o cenário de submundo aonde os atores desempenhavam o papel de pobres por mil dólares por dia, o bairro sob onde o formoso príncipe vivia incógnito.

Na primeira casinha, uma mulher suspirou tristemente em sonhos, e se ouviu o confuso grunhido de um homem que reclamou silêncio. Uma rádio chiou como um grilo frenético em uma choça que estava à frente da fila, onde alguém estava ouvindo um programa noturno ou se esqueceu de desligá-lo. A casa de Reavis era terceira a partir da rua da esquerda. A porta se abriu a primeira tentativa realizada com uma gazua comum. Fechei-a atrás de mim e procurei junto a ela o interruptor de luz. A habitação saiu da escuridão e me encerrou em um opaco cubo de paredes cobertas com madeira. A luz vinha de uma lâmpada envolta em papel que estava pendurado em um porta-lâmpadas duplo, preso a um flanco por um cabo que ia até um prego da parede e em seguida descia por esta até uma tomada dupla. Havia migalhas escuras sobre uma mesa coberta por um oleado e situada junto à tomada, e algumas dessas migalhas se moviam. Estendia-se sobre a parede oposta, uma cômoda com o revestimento gretado. Em sua parte superior, comida por queimaduras de cigarros, havia um pote de brilhantina e um par de escovas militares em uma caixa revestida com pele de porco que tinha as iniciais PMR.

Revistei as gavetas e encontrei duas camisas engomadas, dois pares de meias de algodão de brilhantes cores, uma muda de roupa interior, uma caixa de papelão com uma etiqueta escrita Sheik e uma fotografia em cores do mesmo Sheik, uma fita de seda azul que indicava o segundo posto no Júnior Field and Track de Camp Mackenzie, em qualquer lugar que fosse isto, em 1931; e uma caixa de cartões. Estava cheia e cada uma tinha, impressa em dourado sobre fundo negro, a lenda: Saudações de Patrick “Pat” Reavis. A gaveta inferior continha roupa suja, incluída a camisa havaiana.

Uma cama de ferro localizada na parte esquerda da habitação oposta à porta de entrada ocupava um quarto da superfície. Estava coberta com uma manta da Armada dos Estados Unidos. As fotografias colocadas sobre a parede em cima da cama pareciam se adequar à manta. Eram fotografias de mulheres nuas, tanto natural como recortadas; talvez uma dúzia de cada tipo. Entre elas estava Gretchen Keck, que por cima de seu suave corpo juvenil mostrava no rosto um rígido sorriso de embaraço. As fotografias da gaveta da mesinha de cabeceira eram mais desusadas. Incluíam um

conjunto de murais de Herculano, o que não significava que Reavis fosse um arqueólogo aficionado. Não havia nelas ninguém que eu conhecesse. No lado oposto à cama, uma desbotada cortina verde, pendurada de uma vara de ferro curva, rodeava um lavatório, um sanitário e um chuveiro portátil enferrujado. Um charco de água suja se estendia pelo arruinado linóleo e obscurecia a beira da cortina.

Sem me ajoelhar, procurei debaixo da cama e puxei uma mala com alças de couro gastas. Estava fechada à chave, mas a fechadura abriu mediante um forte golpe com o salto do sapato. Levei-a a luz e a abri de um puxão. Debaixo de um mofado matagal fedorento de camisas e meias sujas, o fundo da mala estava coberto de papéis em desordem. A maioria deles eram cartas pessoais escritas com letra de imprensa e assinadas com nomes ou sobrenomes de mulheres; cartas extremamente pessoais. Tirei de amostra uma que começava: “Meu adorado: me enlouqueceu na outra noite”, e terminava: “Agora que sei o que é o amor, meu adorado, não irá me abandonar. Me escreva e me diga que não o fará”. Outra, de letra diferente, começava: “Esteimado senhor Reavis”, e terminava: “Amo-o apasionadamente com todo meu corasen”.

Havia também papéis oficiais em que se declarava que um tal de Patrick Murphy Ryan, nascido no distrito de Bear Lake, Kentucky, em 12 de fevereiro de 1921, tinha sido engajado no corpo de Infantaria da Marinha dos Estados Unidos em 23 de junho de 1942, em Santo Antônio, Texas, e dado baixa em dezembro do mesmo ano, desonrosamente. Indicava-se a atividade civil de Ryan como agricultor, mecânico e aprendiz de manutenção de poços de petróleo; sua ocupação preferida era a de piloto comercial. Havia uma cópia de uma solicitação ao Serviço Nacional de Seguros de vida no valor de dois mil dólares, apresentada pelo mesmo Patrick Ryan e com data de 2 de julho de 1942. Solicitava que a apólice fosse enviada a Elaine Ryan Cassidy, R.R. 2, Bear Lake, Kentucky. Podia ser sua mãe, irmã ou ex-esposa.

O nome Elaine apareceu outra vez, agora com um sobrenome diferente, um envelope rasgado, amassado e vazio que estava no fundo da mala. O envelope estava dirigido ao senhor Patrick Ryan, Graham Court, Los Angeles, com selo de correios de Las Vegas, na data 10 de julho desse ano. O endereço do remetente estava rabiscada sobre a beira rasgada: senhora Elaine Schneider, dep. Rush, Las Vegas, Nevada. Se era a mesma Elaine a quem fora enviada a apólice de seguros de Pat, se tratava de uma mulher de sua confiança. E Las Vegas não era longe. Memorizei o endereço. Estava revolvendo o molho de cartas, em busca da que correspondia ao envelope vazio, quando senti sobre meu pescoço uma brisa suave e fria. Recolhi uma das cartas e levantei lentamente sem voltar, como se procurasse mais luz para lê-la; logo virei com lentidão, mantendo a carta nas mãos. A porta estava entreaberta umas polegadas; do lado de fora tudo era escuridão.

Quis alcançar o interruptor de luz. O passo que dei me fez perder um pouco o equilíbrio. Apareceu uma mão pela abertura, aumentando-a, e se fechou em meu pulso: dedos como brancas salsichas curvas, salpicadas de curtas cerdas negras. Fez-me perder ainda mais o equilíbrio e minha cabeça se chocou contra a parede. O revestimento de madeira rangeu. Uma segunda mão se fechou sobre meu braço e começou a torcê-lo ao redor da borda da porta. Pus um pé contra o batente da porta e atraí as mãos para dentro da habitação. As mãos, em seguida os braços e depois os ombros. Quando entrou o homem todo, arrastou a porta consigo. Caiu contra a cortina verde fazendo muito pouco ruído.

Seu nariz e suas sobrancelhas eram cogumelos marrons que cresciam em um pesado e maciço rosto, no qual cintilavam pequenos olhos como brilhantes escaravelhos negros. Desapareceram da vista quando os golperei com minha mão livre e reapareceram outra vez. Ao golpear seu maciço queixo, machuquei a mão. A cabeça rodou com o murro e voltou grunhindo para mim. Virou repentinamente, levantou os braços e me fez cambalear. Seus dedos tentaram segurar meus pulsos. Seus pesados ombros se balançaram. Não me deixei agarrar.

Seu paletó rasgou nas costas com um ruído seco. Liberei minha mão, entrelacei ambas as mãos sob seu queixo e pus o joelho sobre suas costas. Pouco a pouco se endireitou e caiu para trás. O piso rangeu sob sua nuca, e em seguida o forro do teto desabou sobre a minha.

Quando recuperei o conhecimento, estava de barriga para baixo na escuridão. A superfície que estava sob meu rosto parecia vibrar, e a mesma vibração pulsava intensamente na base de meu crânio. Quando abri a boca, senti o sabor de um pano poeirento. Algo pesado e duro me pressionava as costas. Tentei me mover, e descobri que meus ombros e quadris estavam imobilizados. Tinha as mãos atadas contra o estômago. O temor à morte me fez estremecer. Quando o estremecimento se dissipou, senti a cabeça mais lúcida e mais dolorida. Estava no chão de um automóvel em movimento, com o rosto para baixo, entre o assento dianteiro e o traseiro. As rodas saltavam e atravessaram duas séries de caminhos de terra. Levantei a cabeça do chão.

— Tome cuidado, sócio, disse uma voz de homem. Um objeto pesado foi deslocado de minhas costas e colocado em minha nuca.

— Tire o pé de cima de mim, disse. O pé me pressionou o rosto contra o chão.

— Do contrário o que vai fazer, sócio? Nada? É o que pensei. Fiquei quieto, tentando memorizar a altura, o tom e a inflexão da voz, para não me equivocar se a voltasse a ouvir. Era uma voz suave e líquida à maneira do melaço, percorrida por certa vibração de vaidade. Uma voz como a brilhantina que os cabeleireiros baratos põem no cabelo antes que alguém possa detê-los.

— Basta, sócio, disse. — Mais tarde poderá falar. Terá que fazê-lo.

Mais caminhos de terra. Um giro à esquerda. Um pavimento urbano com buracos. Outro giro. Rugia-me o sangue nos ouvidos. Em seguida não se ouvia mais nada que o rugido do meu sangue. Elevaram-me os pés, e se abriu a porta de um automóvel. Lutei por me ajoelhar e tentei roer com os dentes as ataduras de meus pulsos. Estavam amarradas com arame.

— Agora tome cuidado. Tenho um revólver em suas costas. Não o sentiu? Senti. Tomei cuidado. — fora do automóvel, sócio. Não faça alvoroço ou empreenderá outra viagem sem retorno. Agora pode parar e deixar que lhe dê um olhar. Francamente, você parece o demônio.

Olhei o firme revólver negro e logo o olhei para ele. Era magro e de elevada estatura, com a cintura em volta presa por uma roupa muito justa e com grandes ombreiras. Seu cabelo era espesso, negro e lustroso, mas não harmonizava com as mechas cinzentas sobre suas orelhas.

— Você também tem um aspecto lamentável.

Golpeou-me sob o queixo com o cano do revólver. Minha cabeça foi levantada violentamente e caí contra a porta aberta do automóvel, fechando-a com estrépito. O ruído ressonou pela rua deserta. Eu não sabia onde estava, mas tinha a sensação de me achar em Glendale: final da linha. Não se viam luzes em nenhuma das casas. Nada acontecia, exceto o homem pressionando o revólver contra meu esterno e dizendo ameaças em meu rosto como música para violoncelo. O outro homem apareceu pela janela dianteira. Por cima de sua face direita fluía um pouco de sangue.

— Está certo de que poderá dirigir com este tipo?

— Será um prazer, disse para ambos o homem alto.

— Não o golpeie a menos que peça. Queremos ouvir sua história e em seguida imobilizá-lo por um tempo.

— Quanto tempo?

— Saberá pela manhã.

— Não sou uma babá, grunhiu o homem alto. — O que você fará, Mell?

— Vou fazer uma viagem. Boa noite, querido. O automóvel se afastou.

— Marcha rápida, disse o homem alto.

— Passo de ganso ou simples?

Pôs um salto sobre as minhas costas e fez pressão. Seus olhos eram pequenos e escuros. Recolhiam a luz de um farol distante e a refletiam como os de um gato.

— Você é muito ativo para ser um homem idoso.

— Basta de brincadeiras, disse guturalmente. — Nunca matei um homem, mas juro por Deus...

— Eu sim, riqueza.

Tinha me pisado na cabeça enquanto eu estava no chão.

— Pare de me chamar de riqueza.

Retrocedeu e manteve o revólver no alto. Sem ele não era nada. Mas o tinha. Partiu rapidamente pelo concreto gretado e em declive até o beiral. Estava imerso na escuridão, era um lugar de sombras. Continuou me apontando com os olhos e o revólver enquanto procurava seu chaveiro e abria o ferrolho. Uma voz de mulher surgiu então das sombras:

— É você, Rico? Estava lhe esperando. O homem se afastou felinamente da porta e dirigiu o revólver para a escuridão, atrás de mim.

— Quem é? Sua voz soou cortante. Inclinei-me sobre a ponta dos pés, preparado para me mover. O revólver voltou a me apontar. O chaveiro ficou esquecido na fechadura.

— Sou eu, Rico, disse a voz das sombras. — Mavis.

— Senhora Kilbourne! O assombro invadiu seu rosto e sufocou sua voz. — O que você está fazendo aqui?

— Mavis, para você que é alto e bonito. Não saí sozinha durante muito tempo, mas não esqueci como me olhava.

Saiu das sombras e passou junto a mim como se eu não existisse, imaculada em uma jaqueta de

arminho de ombros altos. Levava a mão esquerda detrás de si, com o indicador estendido. Curvou-o e o endireitou apontando ao chão.

— Tome cuidado, senhora Kilbourne. A voz do homem era triste, e tentava reprimir uma esperança impossível.

— Por favor, vá para casa, senhora Kilbourne.

— Não vai me chamar de Mavis? Acariciou o rosto do homem com uma mão envolta em uma luva branca.

— Eu lhe chamo de Rico. Quando estou na cama, de noite, penso em você. Talvez me dará uma oportunidade?

— Com certeza que sim, neném, mas tome cuidado. Tenho um revólver em...

— Pois, afaste-o, disse com tímida impaciência.

A mulher colocou o revólver para um lado e se reclinou pesadamente sobre ele, lhe rodeando os ombros com seus braços e beijando-o na boca. Por um instante o revólver vacilou. O homem permaneceu quieto, imerso por ela em um sonho branco e perfumado. Levantei meus punhos fechados e os deixei cair. Algo fez estalou na mão do homem. O revólver caiu ao chão. A mulher foi atrás dele, se ajoelhando, e Rico correu atrás dela. Meus braços passaram por sobre sua cabeça, abraçaram-na e a levantaram. Mantive-o suspenso pelo pescoço até que suas mãos deixaram de me arranhar e se estenderam pelo chão. Então o deixei cair sobre seu rosto.

* * *

Doze

A MULHER ficou de pé com o revólver na mão. Sustentava-o de uma maneira cautelosa, como se fosse um réptil.

— Você entende rápido, Archer. Este é seu nome, não é?

— Admirador desconhecido, disse. — Não sabia que tinha tão fantástico poder sobre as mulheres.

— Não? Quando o vi soube que você era para mim. Em seguida ouvi meu marido dizer aos homens que o trouxessem para cá. E vim. Que outra coisa podia fazer? Suas mãos fizeram um gracioso gesto, arruinado pelo revólver.

— Diferentemente de Rico, disse, — Sou alérgico à ardis. Contemplei o homem que estava a meus pés. Seu topete estava de lado, de modo que a linha branca da raiz corria de orelha a orelha. Era divertido, e ri. A mulher pensou que ria dela.

— Não se atreva a rir de mim, disse com raiva cega. — Matarei se o fizer.

— Não se sustentar o revólver dessa maneira. Torcerá a mão e fará um buraco no teto. Deixe-o, dê um beijo de despedida em seu amigo e a levarei para sua casa. Suponho que devo lhe agradecer, Mavis.

— Você fará o que eu disser, afirmou sem muita convicção.

— Farei o que considerar mais adequado. Você não teve coragem para se enfrentar sozinha com Rico, e eu sou um tipo mais difícil que ele. A mulher colocou o revólver no bolso de seu casaco e entrelaçou suas mãos cobertas de seda branca por baixo de seu peito.

— Você tem razão. Preciso de sua ajuda. Como se deu conta?

— Você não se meteu nestes transe por pura diversão. Desamarre as minhas mãos. Tirou as luvas. Seus dedos desataram o fino arame de aço. O homem jogado no chão se virou para um lado; sua respiração assobiava tenuemente na garganta.

— O que faremos com ele? Perguntou ela.

— O que quer você fazer com ele? Quer prejudicá-lo ou não? Apareceu um sorriso em seus lábios.

— É óbvio que não.

— Dê-me o arame.

Meus dedos estavam quase intumescidos e ao retornar a circulação experimentei agudas espetadas, mas me responderam. Pus o homem de costas, dobrei seus joelhos e ateí seus pulsos por debaixo das coxas. A moça abriu a porta e arrastei ao homem pela soleira puxando pelos ombros.

— E agora?

— Há um roupeiro aqui. Fechou a porta da frente e acendeu a luz.

- É seguro aqui?
- Vive sozinho nesta casa.
- Você parece ter estudado o lugar.

Ela colocou um dedo na boca e contemplou ao homem. Os olhos deste se achavam abertos e a olhava. O branco de seus olhos tinham um tinteiro sanguinolento. Sua cabeleira tinha caído totalmente, de modo que a cabeça aparecia nua. A peruca jazia no chão como um pequeno animal negro, como um cachorrinho de brinquedo. Ouviu-se a voz do dono sair dos lábios purpúreos:

- Vou colocá-la em uma situação difícil, senhora.
- Você já está nela, respondeu a moça, e adicionou, se dirigindo a mim: — Ponha à beleza no roupeiro, certo? Coloquei-o sob um impermeável sujo e pus um par de galochas enlameadas sob sua cabeça.
- Se fizer ruído, tamparei as frestas ao redor da porta. Permaneceu quieto.

Fechei a porta do armário e olhei em volta. Estava em um saguão de teto alto pertencente a uma velha casa convertida em escritório. O piso de madeira estava coberto por passadeiras de borracha, exceto nas bordas, onde se via o tramado das pranchas. As paredes tinham sido pintadas de cinza sobre um papel de empapelar. Uma escada esculpida, localizada na parte traseira do hall, parecia o espinhaço de algum sáurio extinto. A minha esquerda, o deslustrado vidro de uma porta, tinha um cartaz de nítidas letras negras:

HENRY MURAT, LABORATÓRIO DE ELETRÔNICA

A mulher estava inclinada sobre a fechadura dessa porta, testando as chaves do chaveiro uma atrás da outra. Abriu-se com um ruído seco. Ela entrou e pressionou um botão. Acenderam-se luzes fluorescentes. Entrei atrás dela na habitação, que era um pequeno escritório com móveis metálicos e cromados. Havia uma mesa vazia, algumas cadeiras, um fichário e uma pequena caixa forte com um falso dial que se abria com uma chave. Um diploma emoldurado e pendurado da parede por cima da mesa informava que ao Henry Murat tinha sido outorgado o título de perito em eletrônica. Nunca tinha ouvido mencionar a universidade que lhe outorgava o título. A moça se ajoelhou frente à caixa forte e testou torpemente as chaves. Depois de algumas tentativas, olhou ao seu redor me procurando. Seu rosto estava sem sangue, sob a luz cruel, e quase tão branco como suas luvas.

- Não posso. Tremem-me as mãos. Você quer abri-la?
- Isto é roubo. Detesto realizar dois roubos em uma só noite. Ela se levantou e se dirigiu para mim brandindo as chaves.
- Por favor. Deve fazê-lo. Há algo meu ali. Farei o que você quiser.
- Não é necessário. Já lhe disse que eu não sou Rico. Mas eu gosto de saber o que faço. O que tem ali?
- Minha vida, disse ela.
- Mais histrionismo, Mavis?
- Por favor. É verdade. Nunca terei outra oportunidade igual.
- Do que se trata?

— Fotografia minhas, disse forçadamente. — Eu nunca as autorizei. Foram tiradas sem meu conhecimento.

— Chantagem.

— Chame assim se quiser, mas é algo pior. Nem sequer posso me matar, Archer. Nesse momento parecia meio morta. Tomei as chaves com uma mão e com a outra lhe dei uma suave palmada.

— Por que pensa nisso, moça? Você tem tudo.

— Não tenho nada, respondeu.

Era fácil descobrir a chave da caixa. Era de bronze, longa e lisa. Coloquei-a no buraco que havia debaixo do dial, pressionei a maçaneta cromada e puxei a pesada porta. Abri um par de gavetas cheias de passes, velhas cartas e faturas comerciais.

— O que devo procurar?

— Um cilindro de filme. Acredito que está em uma lata.

Havia uma lata de alumínio chata na prateleira superiora, como as que se usam às vezes para os filmes de 16 mm. Arranquei a fita que selava a borda e tirei a tampa. Continha algumas centenas de pés de filme enrolado em um cilindro plano. Aproximei o extremo à luz: era Mavis de costas, sob um sol brilhante, com uma toalha sobre os quadris.

— Não. Não se atreva, disse ela me arrancando das mãos o filme e apertando-o contra si mesma.

— Não fique nervosa. Vi antes corpos humanos.

Não me ouviu. Atirou o filme sobre o chão de linóleo e o amontoou. Por um momento não me dei conta do que queria fazer, mas logo vi em sua mão o isqueiro dourado. Fazia faíscas, mas não acendia. Deia um chute no filme para tirá-lo de seu alcance, recolhi-o e o pus na lata. Ela gritou e se lançou sobre mim. Golpeou-me com suas mãos enluvadas. Pus a lata em meu bolso e segurei-a pelos pulsos.

— Essa substância explode às vezes. Vai você a incendiar a casa e se queimará com ela.

— O que me importa? Solte-me.

— Sim, quando se acalmar. Além disso, você precisa dessa película. Enquanto a tenhamos Rico manterá a boca fechada.

— Temos? Disse ela.

— Eu a guardarei.

— Não.

— Você me pediu ajuda. Pois bem, estou ajudando. Eu posso manter o Rico calmo, você não.

— E quem manterá você tranquilo?

— Você mesma, se comportando bem e fazendo o que eu disser.

— Não confio em você. Não confio em homem nenhum.

— Em troca as mulheres são extremamente confiáveis.

— Está bem, disse depois de um momento. — Você ganhou.

— Assim que eu gosto, disse enquanto lhe soltava as mãos. — Quem é este Rico?

— Não sei muito dele. Seu verdadeiro nome é Enrico Murfatti. Acredito que é de Chicago. Fez um trabalho para meu marido; pôs rádios nos táxis.

— E seu marido?

— Falemos de seres humanos por enquanto.

— Há coisas que quero saber dele.

— Pois não as saberá por mim, disse e fechou firmemente a boca.

— Reavis, então.

— Quem é?

— Você estava com ele no Hunt Clube.

— Ah! Pat Ryan, disse e mordeu o lábio.

— Sabe aonde foi?

— Não. Sei aonde irá com o tempo, e eu dançarei em seu funeral.

— Você é reservada, para ser mulher.

— Tenho motivos para isso.

— Uma pergunta mais. Onde estamos? Tenho a impressão de que é Glendale.

— É Glendale, tentou um sorriso. — Eu gosto de você, sabe? É esperto.

— Sim, respondi. — Sempre uso o cérebro para me economizar esforços. Assim é como obtive este galo na cabeça.

Os longos minutos passados na escuridão tinham envelhecido e abrandado o Rico. Sua vistosa juventude tinha desaparecido de seu rosto. Agora aparecia como era: um inseguro homem de idade madura que suava de temor e inquietação. Arrastei-o até a luz do hall e lhe falei.

— Você ameaçou há um momento que criaria dificuldades ao meu cliente. Assinalei com a cabeça à mulher junto à porta. — Em tal caso, continuei, — As dificuldades vão ser para você. Deve esquecer de que a viu esta noite. Não dirá, nem a seu marido, nem a ninguém, que esteve aqui. A ninguém. E ela não voltará a pôr os olhos em seu rosto pelo resto de sua vida.

— Pode economizar o sermão, disse o homem com cansaço. — Me dou conta da situação em que me encontro. Tirei a lata do filme de meu bolso e a joguei no ar um par de vezes. Seus olhos a seguiam para cima e para baixo. Molhou os lábios e suspirou.

— De costas, disse. — Mas vai ter uma nova oportunidade. Não vou lhe dar uma surra, embora isto me causasse prazer. Tampouco vou entregar, você e o filme, ao promotor do distrito, embora é o que mereceria.

— Não favoreceria muito à senhora Kilbourne.

— Preocupe-se com você, Rico. Este filme é uma sólida prova de chantagem. A senhora Kilbourne nunca teria que comparecer ante um tribunal.

— Chantagem! É mentira! Nunca recebi dinheiro da senhora Kilbourne. Procurou o olhar da moça, mas esta se achava olhando fixamente o filme que eu tinha na mão. Coloquei-o de volta em meu bolso.

— Nenhum juiz e nenhum júri acreditarão, disse. — Você está em uma gaveta. Quer que passe a chave na tampa por cima? Permaneceu imóvel por quinze ou vinte segundos, meditando com o cenho franzido.

— A gaveta basta, admitiu finalmente. — O que quer que faça?

— Nada. Absolutamente nada. Basta com que não se meta com meu cliente. Um rapaz como você merece uma segunda oportunidade, depois de tudo. Mostrou seus matizados dentes em uma

careta envergonhada: estava longe de rir de minhas piadas. Desatei o arame de seus pulsos e deixei que ficasse em pé. Estava intumescido.

— Você o soltou muito rápido, disse a mulher.

— E o que quer fazer com ele? Dirigi-lhe seu olhar cinza e letal, sob as pesadas cortinas de suas pestanas. Instintivamente, ele se afastou dela e apoiou suas costas contra a parede. Parecia desejoso de que o pusesse de novo no roupeiro.

— Nada, disse ela finalmente.

Era uma de suas palavras favoritas. Mas ao se dirigir para a porta pisoteou a peruca negra sob seu dourado salto. Na última imagem que tive de Rico, vi-o levando-a mão direita sobre seu couro cabeludo, com uma expressão de profunda humilhação no rosto. Caminhamos em silêncio até a avenida mais próxima e pegamos um táxi que passava por ali. Indicou ao chofer que a levasse ao THE FLAMENCO.

— Por que lá? Perguntei quando o táxi arrancou. — Está fechado nesta hora.

— Não para mim. Preciso voltar ali de qualquer maneira. Pedi dinheiro para o táxi à garota do banheiro e deixei a minha carteira como garantia.

— Curiosa situação a sua. Possui uma carteira, adornada com brilhantes e não tem nada dentro nela.

— Diga isso ao meu marido.

— Eu gostaria.

— Oh, não! Disse se voltando para mim. — Não fará isso, não é?

— Ele lhe inspira um profundo temor. Por quê?

— Não me faça mais perguntas, por favor. Estou muito cansada. Este assunto me esgotou mais do que você imagina.

Roçou meu ombro com a cabeça e a apoiou nele. Inclinei-me para um lado e olhei seu rosto. Seus olhos cinzentos estavam crepusculares. As pestanas caíram sobre eles como um anoitecer súbito. Sua boca estava escura e brilhosa. Beije-a e senti que os dedos de seus pés pressionavam o meu pé; apoiou sua mão em meu corpo. Separei-me da voragem, da piscina dos afogados. Ela se retorceu, suspirou e dormiu em meus braços.

Deixei-a a meia quadra de THE FLAMENCO e indiquei ao chofer que me levasse ao Graham Court. Precisou de instruções sobre o rumo. Fiz todo o possível por lhe dar. Meu cérebro e meu corpo tinham entrado em letargia. Durante o comprido retorno, a cansativa tarefa de encontrar meu automóvel, voltar para casa, abrir e fechar a garagem, abrir a porta da minha casa e fechá-la atrás de mim, me mantive acordado com dificuldade. Indicava ao meu cérebro que dissesse ao meu corpo o que tinha que fazer, e observava a meu corpo fazê-lo.

No despertador elétrico que estava na mesinha junto a minha cama eram quatro e vinte. Ao tirar o paletó, procurei a lata do filme. Não estava. Sentei-me sobre a borda da cama durante dois minutos, no relógio. Eram as quatro e vinte e dois.

— Boa noite, Mavis, disse.

Deixei-me cair com roupa e tudo e adormeci.

* * *

Treze

O DESPERTADOR fez um ruído que lembrou os dentistas, que lembrou aos optometristas, que lembrou as lentes de grossos vidros, que lembrou Morris Cramm: o homem em que estava tentando pensar quando despertei.

Hilda se encontrou comigo no patamar do terceiro andar e colocou um dedo sobre os lábios.

— Não faça ruído. Morris está dormindo. Teve uma noite difícil. Era loura, gorda e com olhos de coelho; de sua bata irradiava o calor e a doçura das mulheres judias felizmente casadas.

— Desperte-o por favor. Só um minuto.

— Não. Não posso fazer isso.

Olhou-me mais atentamente. A única luz que havia vinha de uma porta com vidros, coberta com uma cortina de bolinhas que dava para uma escada de incêndios ao final do hall.

— O que aconteceu, Lew? Tem muito mau aspecto.

— E você a vê muito bem. É maravilhoso ver outra vez boa gente.

— Onde esteve?

— No Inferno. Quer dizer, em Glendale. Mas nunca a deixarei outra vez, disse e a beijei sobre a bochecha, que cheirava a sabonete Palmolive. Ela me deu um amistoso empurrão que quase me atira por cima do corrimão.

— Não faça isso. Morris poderia ouvi-lo, e é terrivelmente ciumento. Em todo caso, eu não sou boa gente. Sou uma caseira desalinhada e há duas semanas inteiras que não arrumo as unhas.

— Por quê?

— Porque sou uma preguiçosa.

— Eu adoro suas unhas. Nunca arranham.

— Farão se fizer ruído. E não ache que com adulações vai fazer com que acorde o Morris. Precisa dormir.

Morris Cramm era investigador para um jornalista, e trabalhava no turno da noite. Conhecia tudo o que valia a pena conhecer na área metropolitana, e sabia sobre pessoas o suficiente para montar um sindicato da chantagem maior que a Sears Roebuck. Mas Morris nunca tivera esta ideia.

— Considere deste modo, Hilda. Estou à procura do filho perdido, há muito tempo, de um rico nobre inglês. O pai oferece uma fantástica recompensa pelo endereço de seu filho em Los Angeles. Se o Morris puder me dar o endereço, será credor deste valioso certificado de doação, que tem uma gravura de Alexander Hamilton e se acha pessoalmente autografado pelo Secretário de Tesouro, disse,

e tirei dez dólares de minha carteira.

— Você parece um programa de rádio. Um par de programas de rádio misturados.

— Por cinco minutos de seu tempo perdido de sono ofereço dez dólares à vista. Dois dólares por minuto, cento e vinte dólares por hora. Mostre-me uma estrela de cinema que ganhe novecentos e sessenta dólares por uma jornada de oito horas.

— Bom, disse ela dubitativamente, — Se houver dinheiro no meio. Estão vendendo os quartetos de Beethoven aos cinquenta por cento nos negócios de discos. Mas, o que acontece se Morris não conhecer a resposta?

— Ele conhece todas as respostas, não é? Voltou-se e pôs a mão sobre o trinco. Em seguida disse muito seriamente:

— Às vezes acredito que sim. Conhece tanto que lhe tira a energia do corpo.

Hilda entreabriu a persiana para que penetrasse um pouco de luz no dormitório-living. O chão estava coberto de jornais, e as paredes de prateleiras de livros e álbuns de discos. Um grande troféu de caça dominava a habitação e as vistas das duas pessoas que habitavam nela. Morris dormia em um sofá aberto, do lado oposto à janela. Era um pequeno homem moreno com um pijama listrado. Seus olhos pareciam enormes e emotivos sem os óculos. Olhou-me sem me ver.

— Que horas são? Quem é?

— Perto das nove, querido. Lew quer fazer uma pergunta. Alcançou-lhe os óculos de uma prateleira se localizado em cima da cama.

— Meu deus! Tão cedo! Evitou meu olhar. Cruzou os braços colocando cada mão sobre o ombro oposto, balançou-se e gemeu.

— Sinto muito, Morris. Só um minuto. Você pode me dar o endereço de Walter Kilbourne? Não está na lista telefônica. Tenho o número da chapa de seu automóvel, mas se trata de um assunto pessoal.

— Nunca ouvi falar dele.

— É por dez dólares, querido, disse Hilda muito brandamente.

— Se você não souber onde Kilbourne mora, admita. Acredito que é um homem rico e é casado com a mulher mais bonita da cidade.

— Dez milhões de dólares mais ou menos, disse Morris com ressentimento. — Quanto à senhora Kilbourne, eu não gosto das louras cinzentas. Meu gosto estético exige uma coloração mais intensa. Sorriu para sua mulher com franca admiração.

— Tolo, disse ela enquanto se sentava junto a ele e agitava sua áspera cabeleira negra.

— Se Mavis Kilbourne fosse tão bonita, seria artista de cinema, não é? Mas não; se casou com o Kilbourne.

— Com o Kilbourne ou com os dez milhões?

— Mais de dez milhões, se pensar bem. Cinquenta e um por cento da Pacific Refining Company, à cotação atual de 27-7/8, calcule!

— Pacific Refining Company, disse lenta e nitidamente, pensando na mulher afogada. — Acredito que também está no negócio dos táxis.

— Tem alguns no Glendale. Tem as mãos postas em vários bolos, mas seu tesouro é a Pareço. Chegaram cedo ao filão de Nopal Valley. Bocejou e inclinou a cabeça sobre o gordinho ombro de sua mulher.

— Isto me aborrece, Lew...

— Prossiga. Parece uma cozinha elétrica. Onde mora?

— No Vale. Seus olhos estavam fechados e Hilda limpou com maternal admiração a fronte que encerrava tal arquivo de dados. — Staffordshire Estates. É uma dessas propriedades que requerem uma permissão especial para entrar nelas. Eu estive ali para uma festa no Quatro de Julho. Tinham um senador como hóspede de honra.

— Nacional ou estadual?

— Senador nacional, o que você pensa? Os senadores estatais abundam.

— Democrata ou republicano?

— Que diferença faz? Não ganhei os dez dólares, estuprador de cérebros, explorador?

— Uma pergunta mais, intelectual de cozinha. De onde veio o dinheiro no começo?

— Sou acaso o Escritório de Rendas Internas? Começou a se contrair, mas achou que exigia muito esforço. — Não o sou, adicionou.

— Você sabe coisas que o Escritório não sabe.

— Eu não sei nada. Tudo o que ouço são rumores. Você está me incitando a cometer o delito de difamação.

— Fale.

— Assaltante.

— Isso não se diz, afirmou Hilda com doçura. Eu lhe recordei a pergunta:

— O dinheiro. De onde veio?

— Não cresceu nas árvores, disse afogando um bocejo. — Ouvi dizer que Kilbourne fez uma boa soma com o mercado negro de automóveis durante a guerra. Em seguida se apressou a vir aqui para investir seu dinheiro legitimamente, antes que alguém o tirasse. Agora é um dos capitalistas da Califórnia e os políticos vão a suas festas. Não diga que eu falei isso, é só um rumor. Até pode tê-lo difundido ele mesmo para ocultar algo pior, agora que penso.

Morris olhou ao seu redor com um sorriso sonhador e dormiu sentado. Hilda lhe tirou os óculos e estendeu seu flácido corpo de rapaz sobre a cama. Dei-lhe os dez dólares e me dirigi para a porta. Ela me seguiu.

— Venha mais tarde, Lew. Recebemos o novo Strauss de Paris.

— Virei assim que tenha um pouco de tempo. Agora vou a Nevada.

— Sério?

— Claro que sim.

— Sue vive ali, não é? Seu redondo rosto gordinho se iluminou. — Vão se reconciliar!

— Absolutamente. Vou a negócios.

— Eu sei que vocês voltarão a se juntar. Espere e verá.

— O chão desabou. Todos os cavalos do rei não conseguiriam restaurá-lo para nós.

— Oh, Lew! Parecia a ponto de chorar. — Vocês faziam um casal muito bonito. Dei-lhe um tapinha no braço.

— Você é encantadora e boa, Hilda. Morris grunhiu. Saií.

Quatorze

DESDE a autoestrada, os Staffordshire Estates eram um discreto indicador de bronze fixado a um arco de pedra, pelo qual um novo caminho asfaltado se separava da via pública. Um cartaz metálico de um lado do arco me informou, além disso, que estas propriedades tinham segurança particular. As portas rústicas de pinheiro estavam abertas e entrei por elas. A bruma matutina estava se deslocando lentamente do chão, como uma cortina transparente entre o mundo exterior e o mundo com segurança particular em que eu estava entrando. O caminho estava bordado de árvores, altos ciprestes e olmos, e neles cantavam os passarinhos. Detrás de paredes de tijolo cru e espessos muros quadrados, mangueiras giratórias molhavam as plantas. As casas, maciças, baixas e brilhantes, entre canteiros de flores situados em meio de jardins como mesas de bilhar, ficavam fora da vista umas das outras, de modo que só seus donos podiam gozá-las. Neste fundo do Vale de São Fernando, a propriedade se convertera em uma das belas artes que era um fim em si mesmo. Não se via gente, e tive a estranha sensação de que as belas casas semiocultas tinham tomado posse do vale para seus próprios fins.

Valmy, Arbuthnot, Romanovsky, anunciavam as caixas postais à medida que eu passava por elas; Lewisohn, Tappingham, Wood, Farrington, Von Esch. Na nona caixa se lia claramente Walter J. Kilbourne, e parei o carro junto a ela. A casa era de ladrilhos rosados e vidro, com um saliente teto plano de pinheiro. O caminho de entrada estava bordado por begônias de vinte matizes. Atravessei a curva de cascalho que passava pela porta dianteira, e toquei a campainha que havia nesta. Os sons ressonaram pela casa. O lugar era tão ruidoso como um velório a meia-noite, e eu gostei quase tanto como este. Um pequeno japonês de pegadas inaudíveis abriu silenciosamente a porta.

— Que deseja, senhor?

Marcava cuidadosamente as frases. Por cima do linho branco de seus ombros pude ver uma galeria de entrada onde havia um piano de cauda branco e um sofá Hepplewhite estofado de branco. Uma piscina, do outro lado das janelas com brancas colunas, arrojava ondulantes reflexos sobre as paredes brancas.

— Queria falar com o senhor Kilbourne. Disse-me que estaria em sua casa.

— Mas não está, senhor. Sinto muito.

— É por um contrato de petróleo. Necessito de sua assinatura.

— Não está em casa, senhor. Deseja deixar uma mensagem? Não havia maneira de saber se mentia ou não. Seus negros olhos eram imóveis e opacos.

— Você pode me dizer onde está?

— Não sei, senhor. Saiu para fazer um cruzeiro. Talvez em seu escritório possam lhe informar.

Eles têm comunicação telefônica direta com o iate.

— Obrigado. Posso ligar para o escritório daqui?

— Sinto muito, senhor. O senhor Kilbourne não me autoriza a admitir pessoas desconhecidas em sua casa. Inclinou sua cabeça, que semelhava a uma escova, em sinal de saudação e me fechou a porta no nariz.

Subi ao meu carro e fechei a porta muito brandamente para não provocar uma avalanche de dinheiro. A curva do caminho levou às garagens. Continham um Austin, um jipe e um automóvel esportivo branco, mas nenhuma limusine negra. Encontrei-me com a limusine na metade do caminho para a autoestrada. Parei no meio do caminho e mostrei três dedos de minha mão esquerda. O automóvel negro parou uns poucos pés de meus para-choques, e o chofer desceu. Seus olhos com cicatrizes cintilaram sob o sol brilhante.

— O que aconteceu, professor? Você me fez um sinal. Tirei o revólver da cartucheira ajustada ao ombro e o mostrei. Levantou as mãos até a altura do ombro e sorriu.

— Não faça disparates, homem. Não levo nada valioso. Eu também sou um velho pistoleiro, mas sentei cabeça. Acalme-se você também e guarde o revólver. Seu sorriso harmonizava estranhamente, como uma turva máscara de Papai Noel, com seu rosto golpeado.

— Deixe isso para o sermão dos domingos. Aproximei-me dele, mas não muito. Era velho, mas forte e rápido. Não queria ter que atirar. Reconheceu-me. Seu rosto era tão expressivo como um bloco de cimento.

— Achava que você já estava na geladeira. Suas grandes mãos se fechavam e se abriam.

— Mantenha-as no alto. O que fizeram com Reavis? Também o refrigeraram?

— Reavis? Disse com laboriosa astúcia. — Quem é Reavis? Não conheço nenhum Reavis.

— Conhecerá quando o levarem ao necrotério para encontra-lo. E continuei, improvisando: — A polícia o encontrou esta manhã no caminho dos subúrbios de Quinto. Tinha a garganta rasgada.

— Como é? A respiração saía de sua boca e do nariz como se tivesse lhe dado um murro.

— Me deixe ver sua faca, lhe disse para manter ocupados seus cinquenta pontos de quociente intelectual.

— Não tenho nenhuma faca. Não tenho nada a ver com isso. Deixei-o na divisória de Nevada. Não pode ter retornado tão rápido.

— Você voltou rápido. Seu rosto delatava um terrível esforço de pensamento.

— Você está enganando, disse. — Não voltou para Quinto nem o encontraram.

— Onde está agora, então?

— Não vou falar, anunciou o bloco de cimento. — Você pode guardar o revólver e cair fora.

Estávamos em um vale de cor verde escura bordado de louros por ambos os lados. A única coisa que se ouvia era o ronronar de nossos automóveis parados.

— Você tem cara de estar mentindo, disse. — Se não o conhecesse, até diria que está vivo. Você está procurando que lhe bata com o revólver.

— Tente-o, disse impassivelmente. — Verá o que consegue.

Tinha desejos de golpeá-lo, mas a lembrança da noite anterior já me pesava muito. Devia haver uma diferença entre mim e a oposição, ou do contrário teria que tirar o espelho do banheiro. Era o

único espelho da casa e precisava dele para me barbear.

— Corra, moço. Apontei com o revólver ao caminho. O homem voltou para seu carro.

— Pistoleiro barato, me gritou com sua voz sem expressão, quando se desviou pela sarjeta para passar junto a mim. Seu para-lama reforçado trincou o para-lama traseiro do meu automóvel e fez ressonar a buzina em meus ouvidos para me demonstrar que fora deliberado. O rugido de seu motor acelerado surgiu como um som de triunfo.

Pus em marcha o meu. Através de toda a viagem pelo deserto procurei em ambos os lados do caminho cegos aleijados e anciãs aos quais ajudar a atravessar e fornecer poções de chá de camomila.

* * *

Quinze

JÁ ERA de tarde quando atravessei a grande passagem de nível. A sombra de meu automóvel corria adiante em silenciosa fuga e ia aumentando lentamente seu comprimento. O sol refulgia com tons amarelos sobre os áridos pendentes e o ar era tão transparente que as montanhas careciam de perspectiva. Pareciam símbolos surrealistas pintados sobre o superficial céu do deserto. O calor, que tinha chegado aos 40° a uma, estava cedendo, mas a coberta do motor estava ainda bastante quente para fritar os insetos que caíam nela.

Os Apartments Rush ocupavam uma estrutura de dois andares no lado Leste de Las Vegas. Pintado de amarelo, se erguia cansadamente entre um parque de estacionamento e lojas. Uma escada exterior de madeira, com um só corrimão curvo, conduzia a um estreito balcão correspondente aos apartamentos do segundo andar. Sob a escada, um velho estava sentado em uma cadeira de cozinha colocada para trás, contra a parede. Tinha um lenço desbotado ao redor de seu pescoço ossudo e estava chupando um cachimbo. Uma barba de uma semana crescia sobre suas enrugadas bochechas como a poeira cinza dos velhos vagões de ferrovia. Perguntei-lhe onde vivia a senhora Schneider.

— Vive aqui, murmurou.

— Está em casa agora? Tirou o cachimbo da boca e cuspiu sobre o piso de cimento.

— Como quer que saiba? Não faço registro das mulheres que entram e saem. Pus uma moeda de cinquenta centavos sobre seu joelho ossudo.

— Compre uma bolsinha de tabaco. Recolheu-a, carrancudo, e a guardou em um bolso de seu colete manchado.

— Suponho que o marido dela o enviou. Ao menos ela diz que é seu marido, embora mais me parece um rufião. De qualquer maneira, você não está de sorte. Saiu há um momento.

— Sabe onde foi?

— A esquina da maldade. O que você acha? Onde ela passa todo seu tempo. Inclinou a cadeira para frente e assinalou ao longe, pela rua. — Vê aquele cartaz verde? Daqui não se pode lê-lo, mas verá que diz “O Dragão Verde”. Esse é a esquina da maldade. E quer você que lhe diga o nome desta cidade?

— Sodoma e Gonorreia. Riu com a risada de um homem velho, uma risada aguda e sem alegria,

— É Elaine Schneider?

— Não conheço nenhuma outra senhora Schneider.

— Que aspecto tem? Perguntei. — Nunca a vi.

— Tem o aspecto de Jezebel, seus olhos insípidos brilharam como gelo em fusão. — Tem o aspecto do que é: a puta da Babilônia, que faz olhos e move suas carnes aos jovens cristãos. Você é cristão, filho?

Afastei-me, depois de agradecer e atravessei a rua, deixando o automóvel onde estava. Caminhei as duas quadras até “O Dragão Verde” para desentorpecer as pernas. Era outro bar de miserável aspecto. Nas sujas janelas cobertas pela metade por cortinados se viam cartazes que anunciavam BEBIDAS, CERVEJA, SANDUÍCHES QUENTES E FRIOS, E MINUTAS. Abri a porta verde e entrei. Um balcão semicircular, com uma porta atrás dele que dava à cozinha, ocupava a parte traseira da pequena sala. Sobre as outras três paredes havia máquinas de serviço automático. Um ventilador de quatro pás suspenso do forro do teto com manchas de moscas misturava lentamente aromas de cozinha, da cerveja rançosa derramada e nauseabundo aroma da transpiração de jogadores pobretões. Só havia um cliente no bar, um rapaz magro de ruiva cabeleira despenteada, inclinado desoladamente sobre um pequeno copo de cerveja. O barman estava sentado sobre um banquinho em um canto, o mais afastado possível do jovem desolado. Sua engordurada cabeça negra estava inclinada sobre um rádio de mesa.

— Três a zero, anunciou a quem lhe interessasse. — Final do sétimo.

Não havia rastros da Jezabel. Sentei-me ao lado do rapaz ruivo, pedi um sanduiche de presunto e queijo e uma garrafa de cerveja, o barman atravessou com relutância a porta oscilante da cozinha.

— Olhe-me, disse o homem que estava ao meu lado. As palavras retorciam sua boca como se lhe doessem. — O que pareço? Seu magro rosto sem barbear parecia sujo. Tinha olheiras azuis e olhos avermelhados. Uma de suas orelhas tinha uma crosta de sangue seco.

— Você me agrada muito, disse. — Tem esse aspecto de alguém chutado pela vida que todo mundo admira. Atenuei um pouco a sua autocomiseração. Até esboçou um sorriso que o fez parecer cinco anos mais jovem, quase um menino.

— Bem, eu perguntei.

— Pergunte o quando quiser.

— Perguntei de mais de uma maneira, acredito. Não deveria ter ido a uma farra em Las Vegas, mas suponho que nunca aprenderei.

— Você tem muitos anos pela frente. O que aconteceu na orelha? Pareceu envergonhado.

— Nem sequer sei. Ontem à noite me encontrei com um tipo em um bar, e me arrastou para jogar pôquer em uma casa de jogo clandestino do outro lado da cidade. Tudo o que lembro é que perdi meu dinheiro e meu automóvel. Eu tinha três ases quando perdi o automóvel, e alguém iniciou uma briga. Acredito que fui eu. Despertei em um parque de estacionamento.

— Tem fome?

— Não. Obrigado. Tenho um pouco de dinheiro. O pior é que preciso voltar para Los Angeles e não tenho automóvel. O barman me trouxe o sanduiche e a bebida. — Fique por aqui, disse ao jovem Dostoievski. — Se puder eu o levarei.

Enquanto comia, entrou uma mulher por uma porta situada no extremo do bar. Era alta e de ossos grandes, com carnes mais que suficientes para cobri-los. A saia de sua roupa negra barata estava enrugada ali onde se sobressaíam os quadris e as coxas. Seus pés e tornozelos se derramavam sobre sapatos negros muito ajustados. Usava um colar duplo de pérolas de imitação e muito pintura como para proteger um navio. Seu peito era como a proa de um casco de navio de guerra: maciço, cortante e pouco incitador. Lançou-me um longo olhar duro e inquisitivo, com sua pesada boca entreaberta e disposta a sorrir. Dei uma dentada no meu sanduiche e a olhei mastigando energicamente. Os faróis

de seus olhos se apagaram, quase audivelmente. Voltou-se para o balcão e abriu com um ruído seco uma brilhante carteira negra de plástico. O cabelo louro, que ela usava trançado sobre a cabeça, era negro nas raízes, de modo que obviamente fora tingido. Se fosse morena, com uns anos e uns quantos quilos a menos, e sem a pintura do rosto, a teria tomado por irmã gêmea de Reavis. Tinham os mesmos olhos e os mesmos traços formosos, mas pesados. O barman a abordou:

— Algo para beber, Elaine? Ela jogou uma nota sobre a furada superfície de madeira.

— Vinte moedas de vinte e cinco, grunhiu com uma voz alcoólica que não era desagradável. — Para trocar.

— Sua sorte pode mudar, disse ele com um sorriso insincero. — A máquina na qual esteve jogando está carregada para pagar todo o tempo.

— Que diabos importa? Disse ela inexpressivamente. — Ganhei facilmente, que se vá facilmente.

— Sobretudo, vai facilmente, disse o rapaz que estava junto a mim, à espuma de cerveja do fundo de seu copo.

Mecanicamente, sem nenhuma excitação e sem o menor sinal de interesse, a mulher pôs as moedas, uma por uma, em uma máquina próxima à porta. Parecia alguém ligando telefonicamente à longa distância para algum outro que estava morto há anos. Jogava com a máquina como se esta fosse um instrumento mudo, feita para expressar desespero. Quando saiu o prêmio gordo em uma sonora precipitação metálica, acreditei que a máquina tenha se irritado. Em seguida as moedas de um dólar e de vinte e cinco centavos entupiram a tigela e rodaram pelo piso.

— Eu lhe disse, afirmou o barman. — Eu disse que estava pronta para pagar. Sem dar nenhuma atenção a seus lucros, atravessou o bar e ocupou o assento que ficava perto do meu. Sem que o pedisse, o barman lhe deu um uísque duplo em um copo colorido.

— Conte-o, Simmie, disse com um sotaque de cansada paquera na voz. — Estou de espartilho.

— Sem dúvida, mas não preciso contar. Darei-lhe os vinte e cinco.

— Pus trinta e cinco. O duplo uísque desceu por sua garganta como água por um encanamento.

— Essa é a percentagem, neném. Tem que pagar algo por tudo o que se diverte.

— Sim, muita diversão. Recolheu a nota de vinte dólares e a de cinco que ele lhe deu e os guardou em sua carteira.

Entrou um jornaleiro carregando em um braço o Evening Review Journal e comprei um. Na terceira página estava o que eu procurava, sob o título:

EX-MARINHEIRO ACUSADO PELA MORTE DE NOPAL VALLEY

Não dava nenhuma informação que eu não soubesse, exceto a polícia estava investigando a causa da morte. Junto ao texto havia uma fotografia de Reavis, que sorria incongruamente sobre o texto:

PROCURADO PARA INTERROGATÓRIO

Dobrei o jornal na terceira página e o pus sobre o balcão, entre a grande loura pintada e eu.

Durante um ou dois minutos não notou; estava olhando como o barman recolhia seu prêmio. Em seguida seu olhar vagou pelo bar e de repente viu a fotografia, tomou consciência dela. A respiração ofegou asmaticamente pelas ventanas de seu nariz, para logo se deter totalmente durante vários segundos. Tirou um par de óculos de sua carteira. Com eles, tinha o estranho aspecto de uma professora desencaminhada.

— Emprestaria seu jornal? Perguntou-me roucamente. Havia em sua voz mais expressividade que antes.

— Tome.

O barman, que estava classificando sobre o balcão as moedas de um dólar e as de vinte e cinco centavos, levantou a vista.

— Não sabia que usava óculos, Elaine. Ficam bem.

Ela não o ouviu. Movendo lentamente um dedo com a unha pintada de cor escarlate, de uma palavra à outra, conseguiu decifrar o relato do jornal. Quando o dedo chegou à frase final, permaneceu silenciosa e imóvel por um instante. Em seguida disse em voz alta:

— Pois bem, eu...

Deixou cair o jornal, com a borda estragada pela pressão húmida de suas mãos, e se dirigiu à porta da rua. Movia seus quadris colericamente e seus altos calcanhares se cravavam no piso. A porta ressonou atrás dela. Esperei uns trinta segundos e saí. Rodando em seu assento, o jovem desolado me seguiu com os olhos, como um cão vagabundo do que tivesse me feito de amigo e em seguida o houvesse traído.

— Fique por aqui, lhe disse por cima do ombro.

A mulher já estava na metade da rua. Embora travadas pela saia, suas pernas se moviam como pistões. A cauda da raposa cinza pendurava sobre as costas, oscilava nervosamente. Segui-a mais lentamente quando vi aonde ia. Subiu pela escada externa dos Apartments Rush, abriu a segunda porta e entrou, deixando-a aberta. Eu atravessei a rua e me localizei atrás do volante de meu automóvel. Ela saiu imediatamente. Um raio de sol caiu sobre algo metálico que levava na mão. Colocou-o em sua carteira enquanto descia a escada. Os óculos esquecidos sobre seu rosto lhe davam um aspecto decidido. Ocultei meu rosto atrás de um mapa rodoviário.

Atravessou o parque de estacionamento até um velho sedã Chevrolet. Sua pintura azul original se convertera em um cinza amarronzado. Os para-lamas estavam amassados e sujos como guardanapos de papel sobre a mesa de um restaurante. O arranque estava travado e o escapamento expulsou espasmodicamente uma fumaça azul escura. Segui a coluna de fumaça até a estrada principal no meio da cidade, onde virou para o Sul, em direção a Boulder City. Quando saímos da cidade, deixei que se adiantasse um pouco.

Entre o Boulder City e a represa, um caminho de asfalto saía para a esquerda, em direção ao

lago, bordeando as praias públicas ao longo da costa. Do alto do caminho se via abaixo aos meninos jogar entre as pedras e chapinhar na água superficial e imóvel. Mais longe, um rápido hidroavião vermelho saltava como um percevejo descrevendo esses sobre a superfície plana e cinza. O Chevrolet virou no asfalto, novamente para a esquerda, até um caminho de cascalho que serpenteava em meio de achaparrados carvalhos baixos. Os matagais e as inumeráveis ramificações do caminho formavam um labirinto acidentado. Tive que me aproximar da mulher para não a perder de vista. Estava muito ocupada dirigindo seu automóvel para me notar. Os gastos e velhos pneus patinavam e travavam entre as pedras soltas quando saía de uma curva para entrar em outra.

Passamos por um acampamento público onde havia famílias comendo ao ar livre entre automóveis estacionados, lojas e trailers. Um pouco mais à frente, o Chevrolet saiu do caminho de cascalho e pegou um atalho coberto de mato que não consistia mais que em dois sulcos na terra. Segundos mais tarde ouvi que seu motor parava. Deixei meu automóvel onde estava e segui o caminho a pé. O Chevrolet se achava estacionado na frente de uma pequena cabana ante a qual se elevavam algumas árvores jovens desfolhadas. A mulher tentou abrir a porta, encontrou-a fechada e golpeou com os punhos.

— Quem é? Disse a voz de Reavis vinda do interior da cabana.

Escondi-me atrás de um carvalho achaparrado, com a sensação de estar caçando. Reavis puxou o ferrolho e saiu. Sua roupa estava coberta de pó e amarrotada em todos os lugares inconvenientes. O cabelo lhe caía em cachos sobre os olhos. Jogou-o para trás com um gesto irritado.

— O que aconteceu, irmã?

— Você me dirá o que aconteceu, rato mentiroso. Era mais alto que ela meia cabeça, mas a apaixonada energia da mulher o fazia aparecer menor. — Disse-me que tinha problemas com uma mulher, e aceitei escondê-lo. Mas não me disse que a mulher estava morta. Ele tentou ganhar tempo para pensar.

— Não sei do que está falando, Elaine. Quem está morta? A dama que lhe falei não está morta. Está perfeitamente bem. Só que há dois meses que não vem a menstruação e não quero me ver comprometido no assunto. Era virgem.

— Sim, avó e virgem, disse com desanimada ironia. — Não poderá escapar desta mentindo. Está muito enredado para que eu possa ajudar. Não o ajudaria embora pudesse. Assim se o mandarem para a câmara de gás não moverei um dedo para salvá-lo. Não merece que eu, nem ninguém, se preocupe com você. Reavis gemeu e soluçou.

— De que demônios está falando, Elaine? Eu não fiz nada errado. A polícia está me procurando?

— Sabe muito bem que sim. Desta vez terá seu castigo, filhinho. E eu não quero ter nada a ver, entende? De agora em diante não quero ter nada a ver contigo.

— Vamos, Elaine, se acalme! Esse não é modo de falar com seu irmão menor! Tentou dar a sua voz um tom melífluo e lhe pôs uma mão sobre o ombro. Ela a sacudiu e deu sua carteira com as duas mãos.

— Pode economizar isso. Já provocou muitos transtornos em minha vida. Desde que roubou essa nota de um dólar da carteira da mamãe e tentou me acusar, sabia que iria ter um fim ruim.

— Você arrumou bem as coisas em seu benefício, Elaine, se vendendo por vinte e cinco

centavos na cidade no sábado de noite antes de perder as tranças. Ainda cobra por isso, ou você é que paga?

O choque da palma da mão dela com a bochecha dele soou como uma chicotada. O punho dele respondeu ao golpe, fazendo um estalo seco no pescoço dela. Ela cambaleou e seus finos saltos fizeram buracos na terra arenosa. Quando recuperou o equilíbrio, tinha um revólver na mão. Reavis o olhou sem compreender e deu um passo para ela.

— Calma. Sinto haver lhe batido, Elaine. Mas você me bateu primeiro. Todo o corpo dela estava curvado e concentrado no revólver: era o trinco de uma porta que sempre havia resistido seus esforços, e ainda resistia.

— Se afaste de mim, disse em um suave sussurro que soou como os chocalhos de uma cascavel. — Vou levá-lo para a estrada de Salt Lake e não quero voltar a vê-lo em minha vida. Já é um rapaz grandinho, Pat bem crescido para matar pessoas. Pois bem, eu também já sou uma moça bem grandinha

— Você me entendeu errado, irmã, disse ele, mas permaneceu onde estava, com as mãos soltas e ociosas as laterais. — Eu não fiz nada errado.

— Mentira. Seria capaz de me matar por meus dentes de ouro. Vi esta tarde que estive revistando minha carteira. Reavis se pôs a rir.

— Está louca. Tenho dinheiro, irmã. Posso fazer o que quiser. Tentou colocar a mão no bolso esquerdo de sua calça.

— Mantenha as mãos onde eu possa as ver, disse ela.

— Não seja louca. Quero lhe mostrar... Sentiu o alarme. A porta que tinha resistido aos seus esforços estava se abrindo. Todo o corpo dela estava tensamente inclinado sobre o revólver. As mãos de Reavis se elevaram de suas laterais de comum acordo, como enormes mariposas marrons. Parecia áspero e estúpido frente à morte.

— Vamos? Disse ela. — Ou quer morrer? A polícia lhe procura. Nem sequer me tocará, se eu o matar. Quem perderia? Nunca levou a ninguém mais que desgraças, desde que saiu do berço.

— Irei, Elaine. Sua energia se derrubou, repentina e facilmente. — Mas lamentará, lhe advirto. Não sabe o que está fazendo. De qualquer maneira, pode afastar esse revólver. Eu não podia esperar um momento melhor. Saí de trás da árvore apontando com meu revólver.

— Boa ideia. Baixe o revólver, senhora Schneider. Você, Reavis, mantenha as mãos no alto. Ela deu um salto. — Oh! Disse ela com rancor. A pequena e brilhante arma automática caiu de sua mão, rangeu e cintilou entre as folhas, frente aos pés da mulher. Reavis me olhou, enquanto seu rosto se avermelhava.

— Archer?

— Assim parece. Ele se voltou para a irmã.

— Tinha que trazer um policial comigo? Tinha que estragar tudo?

— E o que acontecerá, se eu o fiz? Grunhiu ela.

— Ânimo, Reavis! Disse enquanto apanhava o revólver da mulher. — E você, senhora Schneider, vá embora.

— Você é um policial?

— Não é momento de fazer perguntas. Poderia levá-la como cúmplice. Vá antes que mude de ideia.

Continuei apontando com meu revólver para Reavis e guardei o dela em meu bolso. Virou-se rapidamente sobre seus calcanhares e se dirigiu para Chevrolet, mostrando em seu duro rosto os primeiros indícios de lamentar o que tinha feito.

* * *

Dezesseis

QUANDO ela foi embora, disse ao Reavis que se virasse. O pânico se desenhava em sua boca e a mantinha aberta.

— Vai você atirar sobre mim?

— Não, se ficar quieto.

Voltou-se lentamente, com relutância, tentando me observar por cima do ombro. Não levava nenhuma arma. Um vulto retangular aparecia do bolso de trás de sua calça. Sobressaltou-se quando desabotoei o bolso, e logo ficou tenso e rígido quando tirei o vulto. Estava envolto em um papel marrom. Deixou escapar um melancólico suspiro de pena, como se estivesse lhe tirando algum órgão vital. Rasguei um extremo do papel com os dentes, e vi a ponta de uma nota de mil dólares.

— Não se incomode em contá-los, disse Reavis pesadamente. — São dez notas de mil dólares. Posso me virar agora? Retrocedi, enquanto deslizava para o bolso interior de meu paletó, o pacote aberto.

— Volte-se lentamente, com as mãos na cabeça. E me diga quem lhe pagou dez mil dólares por despachar a uma velha dama de coração fraco. Voltou-se, com o rosto pálido e contraído, tentando inventar alguma história. Coçava a cabeça inconscientemente.

— Você está errado. Eu não faria mal nem a uma mosca,

— Não, se fosse muito grande para retribuir.

— Nunca estive enredado em mortes. Deve ter sido um acidente.

— E era pura coincidência que você estivesse no lugar quando aconteceu.

— Sim, pura coincidência. Parecia agradecido pela frase.

— Só fui me despedir de Cathy. Até pensei que ela podia vir comigo.

— Dê obrigado de que não o tenha feito, pois além de acusação de assassinato deveria responder a de tráfico de pessoas.

— Acusação de assassinato? Demônios! Não podem acusar de assassinato a um homem inocente. Ela me dará o álibi. Eu estava com ela antes que você me recolhesse.

— Onde você estava com ela?

— Frente à casa, em um dos automóveis. Soou-me como se dissesse a verdade: Cathy estava sentada em meu automóvel quando eu saí. — Estávamos acostumados a nos sentar ali e conversar, adicionou.

— De suas aventuras em Guadalcanal?

— Vá para o inferno.

— Muito bem. De modo que essa é sua versão. Ela não foi com você, mas lhe deu de presente dez mil dólares como lembrança de sua amizade.

- Eu não disse que ela me deu isso. É meu dinheiro.
- Os choferes ganham muita prata hoje em dia. Ou Gretchen faz parte de uma série de garotas que lhe pagam uma percentagem? Estudou-me com os olhos entrecerrados, obviamente alarmado pelo meu conhecimento dele.
- É meu dinheiro, repetiu fracamente. — É dinheiro limpo, não tem nada de ilegal.
- Talvez fosse limpo antes que você o tocasse. Agora é dinheiro sujo.
- Dinheiro é dinheiro, não é? Direi-lhe o que penso fazer. Dou a você dois mil dólares. Vinte por cento é uma boa percentagem.
- Você é muito generoso. Mas acontece que tenho tudo, cem por cento.
- Muito bem. Cinco mil, então. É meu dinheiro, não esqueça, eu ganhei.
- Diga-me como e possivelmente lhe dê então uma participação. Mas deve ser uma boa história. Pensou durante um momento e finalmente se decidiu.
- Não vou falar.
- Então estamos perdendo tempo.
- Aonde pensa me levar?
- De volta a Nopal Valley. O chefe de polícia tem vontade de conversar com você.
- Estamos em Nevada, disse. — Você tem que pedir a extradição, e não dispõe de nenhuma prova.
- Você vai a Califórnia por sua saúde. Voluntariamente. Levantei o cano de meu revólver e deixei que olhasse na boca da arma. Assustou-se, mas não o suficiente para falar.
- Você está maluco se acreditar que vai ficar com meu dinheiro. Mas tudo o que vai conseguir é se prender em uma grande maquinaria. Seu rosto estava úmido e pálido de rancor. Tinha sido rico e livre por menos de um dia. Eu tinha destruído suas esperanças, e talvez até visse a sombra da câmara de gás.
- Vai dar um passeio dentro de pouco. E não tente nenhuma malandragem ou ficará aleijado pelo resto de sua vida. Parecia-me algo impossível, mas se dirigiu pacificamente para meu automóvel.
- Você dirige, disse. — Não tive ainda oportunidade de ver a paisagem.

Dirigiu com raiva, mas bem. Passamos pela sua irmã nos subúrbios de Boulder City. Ninguém saudou ninguém. Em seguida a perdemos de vista. Ao chegar a Las Vegas indiquei que fosse para o Dragão Verde. Ao se aproximar da calçada me olhou com ar interrogativo.

— Vamos procurar um amigo meu. Você entra também. Deslizei-me por detrás do volante, de seu lado, e o pressionei com o revólver, que levava no bolso, enquanto cruzávamos a vereda até a porta verde. Não podia confiar em que Reavis dirigisse através do deserto sem sofrer um acidente. Tampouco podia me arriscar a dirigir eu mesmo.

Com as luzes acesas e várias pessoas no bar, o lugar parecia mais alegre. O rapaz ruivo estava sentado na mesma cadeira, provavelmente com o mesmo copo de cerveja vazio e tão desolado como sempre. Chamei-o da porta. Saudou-me com uma inflexão de surpresa e esboçou um tímido sorriso do fundo de seu estômago.

- Você consegue dirigir rápido?
- O cascalho mais rápido que conduzi só ia a noventa milhas, colina abaixo.
- Já é muito rápido. Darei-lhe dez dólares para me levar de volta à costa. A mim e a meu

amigo. Eu me chamo Archer.

— Até Los Angeles? Disse como se realmente houvesse anjos ali.

— A Nopal Valley. Iremos pelas montanhas. Dali você poderá pegar um ônibus.

— Ótimo. Meu nome é Bud Musselman, seja dito de passagem. Voltou-se para Reavis com a mão estendida. Reavis lhe respondeu de maus modos.

— Não lhe faça caso, disse ao moço. — Acaba de sofrer uma grave perda financeira.

Musselman se sentou ao volante, com Reavis a seu lado. Eu me sentei na parte de trás do conversível com o revólver nos joelhos. As ruas comerciais começavam a se converter em túneis de luzes de cores sob o céu crepuscular. Sua rápida tumefação noturna estava transformando novamente Las Vegas em uma cidade. Ao longe, a Este, uma parte de lua flutuava perto do horizonte, no céu do ocaso. Contemplei-a de esguelha, por cima de meus ombros e por cima das montanhas, enquanto se elevava lentamente no céu, se fazendo menor. O rapaz dirigia rápido e com firmeza. Nenhum automóvel nos passou. Paramos em um posto de gasolina no meio do deserto. Um cartaz quebrado anunciava: ZOOLÓGICO GRÁTIS. SERPENTES VIVAS.

— Ainda tem a terça parte do tanque, disse o rapaz ansiosamente. — Estamos fazendo uma boa quilometragem, considerando a velocidade.

— Preciso fazer uma ligação telefônica.

Reavis havia se ajeitado no fundo, junto à porta e adormecera. Tinha um braço sobre o rosto, com o punho tensamente apertado. Estendi meu braço sobre ele e afastei a mão de sua fronte úmida. Gemeu em sonhos e logo abriu os olhos, pestanejando ante a luz do tabuleiro.

— Já chegamos? Perguntou-me asperamente.

— Ainda não. Vou telefonar para Knudson. Venha comigo.

Saiu do automóvel e caminhou com os joelhos frouxos ao redor das bombas de gasolina, para a porta aberta, iluminada, do escritório. Olhou ao seu redor, para o deserto, onde as sombras da lua formavam claros-escuros; me deu um rápido olhar e começou a se mover entre as bombas e a porta. Parecia um homem encurralado de um mau filme, disposto a arriscar sua vida bidimensional.

— Estou exatamente atrás de você, lhe disse. — Meu revólver aponta para sua coxa.

Seus joelhos se afrouxaram novamente. Pedi troco ao funcionário e liguei para a delegacia de polícia de Nopal Valley. Reavis estava inclinado junto da parede do telefone, bocejando com frustração e tão perto de mim que podia cheirá-lo. Seu aroma era o de uma louca esperança arruinada. Uma voz metálica raspou meu ouvido esquerdo:

— Polícia de Nopal Valley.

— O chefe Knudson, por favor.

— Não está aqui.

— Pode me dizer onde é possível encontrá-lo?

— Não posso. Quem fala?

— Lewis Archer. Knudson me pediu que o informasse.

— Archer. Ah, sim! Fez-se uma pausa. — Você tem algo para informar?

— Sim, ao Knudson.

— Não está aqui, já lhe disse. Este é seu escritório. Pode informar a mim e nos encarregaremos de lhe transmitir o relatório.

— Está bem, disse com relutância. — Entre em contato com Knudson e lhe diga que esta noite irei à cidade com um prisioneiro. Que horas são?

— Cinco para as nove. É do caso Slocum?

— Sim, estaremos ali à meia-noite. Estamos no deserto. Informe o chefe. Esta informação lhe interessa.

— Está bem, senhor Archer. A voz metálica adquiriu um pessoal matiz de curiosidade. — Você está trazendo o Reavis?

— Não divulgue.

— Não se preocupe. Quer que lhe mande um automóvel para buscá-lo?

— Não é necessário. Não poderá escapar. Desliguei e me encontrei com o áspero olhar de Reavis. Uma vez no automóvel, voltou a dormir.

— Seu amigo parece muito desventurado, disse o rapaz Musselman. — É um revólver isso que leva você ali?

— É um revólver.

— Você não será um valentão ou algo assim, senhor Archer, não é? Não queria... Decidiu pensar melhor a frase.

— Sim? Disse. — Você não queria...?

— Oh, nada!

Não falou mais durante três horas. Mas fez sua tarefa, dirigindo como se gostasse, impulsionando os grandes faróis pelo chão seco. O caminho passava rápido sob as rodas. Pouco depois de meia-noite atravessamos a segunda série de montanhas e divisamos as luzes distantes de Nopal Valley. Nossos faróis deram com um cartaz negro e amarelo: DECLIVE PERIGOSO. CAMINHÕES DESCER EM PRIMEIRA. Descemos.

— Sinto-me como se aterrissasse em um avião, disse o rapaz por cima de seu ombro. Em seguida permaneceu em silêncio, ao recordar seu desgosto por mim e meu revólver.

Inclinei-me para frente. Reavis tinha deslizado no assento, com os braços e ombros estendidos sobre ele, e as pernas sob o tabuleiro e pressionando contra o piso. Seu corpo estava flácido e parecia como morto. Por um instante temi que estivesse. Não pude suportar essa ideia, depois das dificuldades pelas quais tinha passado.

— Reavis, disse, — Acorde. Já quase chegamos.

Gemeu, grunhiu e levantou sua pesada cabeça; desenrolou penosamente seu corpo adormecido. Repentinamente, o rapaz pisou no freio, lançando Reavis contra o para-brisa. Aferrei-me ao assento.

— Cuidado! Em seguida vi o caminhão estacionado no caminho, perto do pé da colina. Atravessamos uns duzentos pés fazendo chiar os freios e paramos de repente. O caminhão estava sem luz e sem motorista.

— Como pensou em parar aí? Disse o moço. Por um lado o pendente subia abruptamente, coberta de rochas, e pelo outro caía verticalmente. Não havia lugar para passar. O feixe de luz de um farol saiu de um flanco do caminhão e foi dar contra o para-brisa de meu automóvel.

— Retroceda, disse ao moço.

— Não posso. O motor está afogado. Todo seu corpo parecia lutar com o arranque. O motor engasgava.

— Apaguem a luz, vociferou alguém. — É ele. O farol se apagou. O automóvel se sacudiu uns pés para trás e o motor afogou novamente.

— Por Deus! O freio! Disse-se o rapaz a si mesmo. Um grupo de homens se movia sob o feixe de luz de nosso farol: seis ou sete pistoleiros com suas armas. Empurrei Reavis para um lado e saí para enfrentá-los. Tinham lenços sobre suas bocas.

— O que é isto? O grande assalto?

— Baixe seu revólver, sócio. Só queremos o seu prisioneiro.

— Terão que tomá-lo.

— Não seja tolo, sócio.

Disparei para o braço em que tinha a arma, apontando ao cotovelo. Havia um silêncio total. O eco do disparo se reproduziu no estreito vale como uma longa e lenta risada se desesperada. Disse a Reavis sem olhar:

— Melhor correr, Pat.

Seus pés arranharam o caminho detrás de mim. O homem ao que eu tinha disparado estava sentado no caminho com a arma entre as pernas. À luz da lua observava o sangue que fluía de sua mão. Os outros homens olhavam alternativamente para ele e para mim em um rápido e tenso ritmo.

— Somos seis, Archer, disse um deles hesitantemente.

— Meu revólver tem seis balas também, disse. — Vão embora. Reavis ainda estava detrás de mim, imóvel mas ansioso.

— Fuja, Pat. Posso pará-los enquanto isso.

— Vá para o inferno, disse.

Rodeou meu pescoço com seu braço e me atirou para trás. Os homens sem rosto se adiantaram como uma onda. Voltei-me para enfrentar Reavis. Seu rosto era uma mancha imprecisa à luz da lua, mas me pareceu que seus olhos e sua boca tinham uma expressão satisfeita. Golpeei-o, mas seu punho também chegou a meu rosto.

— Eu lhe adverti, me disse em voz alta.

Um golpe na nuca me fez estremecer até a ponta dos pés. Separei-me de Reavis e golpeei com minha arma ao homem mais adiantado. A boca do revólver raspou sua bochecha e arrancou o lenço. Caiu. Os outros ocuparam seu lugar.

— Não atirem, gritou o que estava no chão. — Só queremos ele. Recebi outro golpe por detrás, de onde estava Reavis, e apaguei antes de cair ao chão.

Recuperei o conhecimento com relutância, como se já soubesse o que ia ver. O rapaz estava ajoelhado, como se estivesse orando, entre eu e as estrelas. As estrelas estavam no mesmo lugar do céu, mas pareciam velhas e gastas. Senti-me contemporâneo delas. Musselman saltou como um coelho, quando me senti. Ficou de pé e se inclinou sobre mim.

— Mataram-no, senhor Archer, disse com voz alterada. Levantei-me penosamente, me sentindo diminuído e desprezado pelas montanhas.

— O que lhe fizeram?

— Dispararam-lhe uma dúzia de tiros mais ou menos. Em seguida o banharam-no com gasolina, colocaram-no na borda e atearam fogo. Era realmente um assassino como diziam eles?

— Não sei. Onde está?

— Ali.

Segui-o ao redor do automóvel e acendi os faróis. A uns vinte metros do caminho jaziam os restos carbonizados de um homem, em um círculo de artemísias enegrecidas. Dirigi-me ao outro lado do caminho para vomitar. Por uma abertura das montanhas se via uma magra parte de lua, como se alguém cortasse um limão em um grande copo de uma bebida escura. Do estômago só me veio à boca um sabor amargo.

Dezessete

O HOMEM que estava na seção de mensagens falava com um microfone de mão com voz monótona e sem alegria.

— Automóvel dezesseis. Investigue o assalto na esquina de Padilla e Flower. Automóvel dezesseis, à esquina da Padilla e Flower. Desconectou o microfone e chupou um cigarro úmido. — Sim, senhor? Inclinou-se para me olhar pelo guichê. — Você teve um acidente?

— Não foi acidente. Onde está o chefe?

— Saiu para investigar um caso. O que lhe aconteceu?

— Eu falei com você ao redor das nove. Knudson recebeu minha mensagem?

— Não foi comigo com quem você falou. Eu cheguei à meia-noite. Deu outra baforada no seu cigarro e me estudou impassivelmente através da fumaça. — O que dizia essa mensagem?

— Deve estar anotado. Eu liguei eram cinco para as nove. Virou a folha de cima que estava em seu balcão e deu uma olhada na que estava debaixo.

— Você deve ter se equivocado. Aqui não há nada entre as 8 e 45, um caso de embriaguez no State, e as 9 e 25, um ladrão em Vista. A menos que se trate deste assunto do ladrão. Sacudi a cabeça. — Você não terá ligado para o escritório de Xerife?

— Liguei para aqui. Quem estava atendendo?

— Franks.

— Ele é um detetive. Não deveria fazer trabalho de escritório.

— Estava substituindo o Carmody. A mulher de Carmody vai ter um bebê. De que mensagem se tratava? Seu nome?

— Archer. Falarei com o Knudson.

— Você é o detetive particular que está no caso Slocum? Assenti. — Saiu agora. Posso chamá-lo.

— Não se incomode. Eu vou. Franks está por aqui?

— Não, foi para casa. Inclinou-se para frente confidencialmente, enquanto esmagava seu cigarro.

— Quer minha honesta opinião? Franks não está capacitado para esta tarefa. Já fez tolices antes. Era importante a ligação?

Não respondi. Uma horrível figura estava tomando forma na sala austera e cinzenta, uma figura, suspensa quase tangivelmente sobre minha cabeça. Pendurava-se em mim e fazia mais lentos meus passos, quando me dirigi ao automóvel. A ira e o temor se apoderaram de mim ao pôr as mãos sobre o volante. Atravessei dois sinais vermelhos ao sair da cidade.

— Suponho que não voltaremos ali, disse, trêmulo, o rapaz.

— Ainda não. Devo ver o chefe de Polícia.

- Não entendi o que aconteceu. É terrível. Você tentou salvá-lo e ele se voltou contra você.
- Foi estúpido. Pensava que eram seus amigos. Ele não tinha amigos.
- Terrível, disse novamente para si mesmo.

As luzes da galeria da casa dos Slocum estavam acesas, iluminando as maciças paredes e a grama recém-recortada. Era um mausoléu rodeado de flores, iluminado para as visitas. O automóvel negro da polícia, ao pé dos balcões, parecia apto para transportar à morte, silenciosa e rapidamente. Deixei o rapaz no automóvel e subi o caminho. Knudson e Maude Slocum apareceram juntos na frente da casa. Quando me reconheceram, se afastaram perceptivelmente. A senhora Slocum atravessou sozinha a porta, com a mão estendida.

- Senhor Archer, avisaram da delegacia de polícia que você vinha para aqui. Onde esteve?
- Muito longe. Poderia tomar alguma bebida?
- É óbvio, entre. Abriu a porta e a reteve para que eu entrasse. — Quer lhe preparar uma bebida, Ralph? Olhou-a com recriminação, com o olhar duro e perito de um velho inimigo, um velho amante.
- Com prazer, senhora Slocum. Qual é a boa nova, Archer? Disse com expressão carregada de uma falsa amabilidade.
- A boa nova é que tudo anda muito ruim.

Falei com eles por cima de meu copo, na sala onde os Slocum brigaram na noite anterior para em seguida se reconciliar. A senhora Slocum tinha um machucado sobre a bochecha, apenas visível sob uma espessa capa de pó. Usava um vestido de lã cinza que realçava o encanto de suas formas. Tinha os olhos, a boca e as têmporas macilentas, como se seu corpo faminto lhes tivesse tirado tudo o sangue. Knudson se sentou junto a ela, sobre um sofá coberto por um tecido de algodão. Enquanto eu falava, ela inclinava inconscientemente os seus joelhos cruzados para ele.

- Encontrei o Reavis em Las Vegas...
- Quem lhe disse que estava ali? Perguntou Knudson suavemente.
- Descobri andando de um lado a outro. Voltei com ele entre as seis e as sete, junto com um rapaz que pedi para dirigir o automóvel. As nove eu liguei para seu escritório de um posto de gasolina no deserto, e disse que avisassem a você da minha chegada.
- Não recebi a mensagem. Quem estava no escritório?
- Franks. Nem sequer se incomodou em anotar a ligação. Mas deu a informação a algum outro. Sete homens me pararam no atalho de Notch, há menos de uma hora. Utilizaram um caminhão para obstruir o caminho. Atirei num deles. Reavis acreditou que os homens fossem liberá-lo e me atacou por trás. Desmaiei. Em seguida despacharam Reavis com uma dúzia de balaços e lhe atearam fogo com gasolina.
- Por Deus! Disse Maude Slocum, com o rosto como uma máscara da morte. — Que horrível! Knudson mordiscou seu grosso lábio inferior.
- Um linchamento, né? Em vinte anos que trabalho na polícia nunca tive que me haver com um linchamento.
- Guarde-o para suas lembranças, Knudson. Isto é um assassinato. O rapaz que está em meu automóvel é testemunha. Queria saber o que você vai fazer. Ficou de pé. Atrás de uma aparente excitação, podia se supor que tomava as coisas com muita tranquilidade.

— Farei o que puder. A estrada de Notch está fora de minha jurisdição. Liguei para o escritório de Xerife.

— Franks é empregado dele.

— Não se preocupe, irei até o fundo deste assunto. Você pode me dar uma descrição desses homens?

— Estavam cobertos com lenços. Pareceu-me gente do lugar, das fazendas ou os campos de petróleo. Um deles tem um buraco de bala no interior do cotovelo direito. Reconheceria duas das vozes, se as ouvisse de novo. O rapaz pode lhe dar mais informação.

— Farei que o Xerife fale com ele. Pus-me de pé frente a ele.

— Você não parece muito preocupado. Ele compreendeu minha intenção de forçar uma declaração, e estava decidido a evitá-la.

— Esses atos de violência popular são difíceis de dirigir, você sabe. Mesmo que o Xerife consiga prender esses homens, o que não é muito provável, nunca encontraremos um júri que os condene. A senhora Slocum era uma das pessoas mais respeitadas da cidade: cabe esperar que estenda certa indignação por seu assassinato.

— Entendi. Agora a morte da senhora Slocum já é assassinato. E a morte de Reavis é obra de pessoas vigilantes, da justiça popular. Você não é tão estúpido para acreditar isso, Knudson, nem eu tampouco. Sei como se comporta uma multidão. Esses assassinos eram alugados. Aficionados, talvez, mas não o faziam por puro gosto.

— Não vamos ao plano pessoal, disse com um tom carregado de advertência. — Depois de tudo, Reavis recebeu o que lhe era destinado. Aficionados ou não, os homens que o lincharam economizaram dinheiro ao Estado.

— Você pensa que ele matou a senhora Slocum.

— Não tenho a menor dúvida. O médico que a examinou encontrou marcas em suas costas, hemorragias subcutâneas por onde a empurraram. E quem a empurrou parece ser Reavis. Achamos sua boina a uns quinze metros da piscina, detrás das árvores que ocultam o sistema de filtros. Isto prova que ele esteve ali. Acabava de perder seu trabalho, motivo suficiente para um psicopata. E imediatamente depois do crime se escondeu.

— Escondeu-se, sim, mas de maneira pública e lenta. Fez-me gestos para que o levasse ao outro lado dos portões, e parou em um bar para tomar um par de goles.

— Talvez necessitasse de um par de goles. Os assassinos com frequência necessitam. Knudson tinha o ar arrebatado e teimoso de quem tomou uma decisão. Era o momento de jogar a carta que estava reservando.

— O tempo não bate. Marvell não pode ter ouvido o chapinhar da água antes das oito e vinte. E eram exatamente as oito e vinte e três quando eu o recolhi. Agora há pelo menos um quilômetro da piscina até os portões. Knudson mostrou seus dentes. Um tênue reflexo de sua careta passou ao rosto da senhora Slocum, que estava ao lado dele.

— Marvell é um tipo muito imaginativo, disse Knudson. — Hoje tomei outra declaração, depois que se acalmou um pouco. Não está certo de quando ouviu o chapinhar; nem sequer está seguro de ter ouvido um chapinhar. É possível que a senhora Slocum tenha sido assassinada uma hora antes que ele a encontrasse. Não há maneira de saber quanto tempo esteve na água.

— Contudo, não acredito que tenha sido Reavis.

— O que você acredita não é uma prova. Eu lhe dei provas, e são sólidas. Seja dito de passagem, é um pouco tarde para que venha dizer quando recolheu Reavis e saia a defendê-lo. O que ele lhe disse Archer, o convenceu? Tenho entendido que era um rapaz muito convincente. Contive minha

cólera.

— Há outras coisas. Podem esperar que você faça sua ligação telefônica.

Com arrogante lentidão, tirou um charuto de seu bolso, pediu permissão à mulher, mordeu a ponta e a jogou em um cinzeiro, acendeu o charuto, apagou o fósforo e jogou a fumaça em direção a mim.

— Quando precisar de alguém que me diga como realizar minha tarefa oficial lhe enviarei uma carta registrada.

Saiu da sala deixando uma esteira de fumaça, e voltou imediatamente do hall trazendo pelo braço Cathy Slocum. Ela tentava se soltar.

— Largue-me, senhor Knudson. O homem deixou cair o braço como se ela o tivesse fulminado.

— Sinto muito, Cathy, não quis ser rude.

Voltou-lhe as costas e se dirigiu para a porta, esfregando o tapete com suas brancas chinelas de pele. Agasalhada em uma roube rosa acolchoada, com seu brilhante cabelo penteado para trás, tinha o aspecto de uma criança. Knudson a contemplou com uma expressão curiosa e impotente.

— Espere um minuto, querida, disse sua mãe. — O que fazia levantada tão tarde? Cathy parou na porta, mas se negou a se voltar. Seus ombros cobertos de tecido acetinado estavam rígidos e obstinados.

— Estava falando com papai.

— Ainda está acordado?

— Não conseguia dormir, nem eu tampouco. Ouvimos vozes e me enviou para ver quem era. Posso voltar para a cama agora?

— É óbvio, querida.

— Eu gostaria de fazer uma pergunta a Cathy, disse. — Você tem inconveniente, senhora Slocum? Levantou a mão com gesto maternal.

— A pobre garota já teve que responder a tantas perguntas. Não se pode esperar até amanhã?

— Só precisa responder sim ou não. E é uma pergunta fundamental. Pat Reavis a pôs como álibi. A moça girou no vão da porta.

— Não sou uma criancinha, mamãe. É óbvio que posso responder a uma pergunta. Estava de pé com os pés separados e os punhos metidos nos bolsos da roube.

— Muito bem, querida, como quiser. Deu-me a impressão de que era a mãe quem habitualmente cedia.

— Reavis afirmou, disse à moça, — Que veio lhe ver à noite. Ele esteve consigo antes que eu a encontrasse em meu automóvel?

— Não. Não o vi.

— Isso é tudo? Disse Knudson.

— É tudo.

— Venha cá e me dê boa noite com um beijo, disse Maude Slocum. A moça atravessou a sala com ar desinteressado e relutante, e beijou a sua mãe na face. A mulher a rodeou com seus braços, mas a garota se despreendeu rapidamente deles e se afastou.

Knudson olhou-as como se não tivesse conhecimento da tensão que havia entre elas. Parecia se deleitar simplesmente na transação forçada e sem amor do beijo. Seguiu Cathy para fora da sala com um sorriso fixo no rosto e com o charuto aceso inserido em meio do sorriso. Sentei-me no sofá perto do Maude Slocum.

— Reavis estava condenado. Já entendi o que Knudson queria dizer.

— Você ainda está insatisfeito? Perguntou-me ela ansiosamente.

— Me entenda. Reavis não significa nada para mim. É o quadro total que me desconcerta: há grandes lacunas nele. Por exemplo. Você conhece um tal de Walter Kilbourne?

— Mais perguntas, senhor Archer? Estendeu o braço para apanhar uma cigareira de prata que havia na mesinha, junto a ela. Sua mão insegura deixou cair a cigareira ao chão. Os cigarros se esparramaram e comecei a recolhê-los. — Não se incomode, disse, — Por favor, não se incomode. Não importa. As coisas, em geral, parecem se desfazer. Uns poucos cigarros no chão são a menor de minhas preocupações. Continuei recolhendo os cigarros.

— E qual é a maior de suas preocupações? Ainda é essa carta que você me deu?

— Você faz muitas perguntas. Pergunto-me por que as faz. É uma paixão pela justiça não é? Como você vê, lhe devolvo a bola.

— Não sei por que interessa a você. Pus a cigareira cheia sobre a mesa, acendi o cigarro dela e outro para mim. Ela se aproximou agradecidamente. Sua resposta era visível, estava escrita na fumaça que flutuava no ar.

— Porque não o entendo. Você tem inteligência e presença suficiente para um trabalho melhor, de maior hierarquia.

— Como o de seu amigo Knudson? Trabalhei em um departamento de polícia municipal durante cinco anos e em seguida renunciei. Havia muitos casos em que a versão oficial não concordava com os fatos que eu conhecia.

— Ralph é honesto. Foi policial toda sua vida, mas tem uma consciência limpa.

— Provavelmente tenha duas. A maioria dos bons policiais têm uma consciência pública e outra privada. Eu só tenho a consciência privada; é pouca coisa, mas é minha.

— Eu tinha razão com respeito a você. Tem uma paixão pela justiça. Cravou seus olhos profundos em meus e os sondou, como se a paixão pela justiça fosse algo cuja forma ela pudesse ver e recordar, ou um aumento estranho que pudesse se ver com raios X.

— Não sei o que é a justiça, disse. — Mas a verdade me interessa. Não a verdade em geral, se houver, mas a verdade das coisas particulares. Quem fez o quê, quando e por quê. Especialmente, por quê. Pergunto-me, por exemplo, por que você quer saber se estou interessado na justiça. Poderia ser uma maneira indireta de me pedir que abandone este caso.

Ela permaneceu em silêncio durante um momento.

— Não. Não é isso. Tenho também certa avaliação pela verdade. Suponho que é uma avaliação de mulher: quero a verdade, se não machucar muito. E acredito que me inspira certo temor um homem que se interessa intensamente por algo. Você realmente se importa em saber se Reavis era inocente ou culpado, não é verdade?

— E a Knudson e sua limpa consciência não importa?

— Importou, mas não sei se ainda importa. Há muitas coisas que não compreendo. Tampouco

eu, pensei para meus adentros. — Meu estimado marido, por exemplo, se retirou para seus aposentos e se nega a aparecer. Afirma que passará o resto de sua vida em seu quarto, como Marcel Proust. Uma chispa de ódio cintilou, como a aleta de um tubarão, em seus olhos cor de oceano. Esmaguei meu cigarro, que me deixou um sabor ácido no estômago vazio.

— Este Marcel não sei quanto, é um amigo de vocês?

— Bem, vai começar a se fazer de bobo de novo?

— Poderia. Parece estar em moda nesta casa. Você fala gostosamente de abstrações como a verdade e a justiça. Mas não me relatou um só fato que possa me ajudar a encontrar a pessoa que escreveu a carta ou a que matou a sua sogra,

— Ah, a carta! Estamos outra vez na carta.

— Senhora Slocum, disse, — A carta não se refere para mim. Refere-se a você. Você requereu meus serviços para descobrir quem a escreveu, lembra?

— Aconteceram tantas coisas depois, não é? Agora parece carecer de importância.

— Agora que ela está morta?

— Sim, respondeu com calma, — Agora que ela está morta.

— Você pensou que quem escreveu a carta e o assassino podem ser a mesma pessoa?

— Não. Não alcanço, a ver a conexão entre uma coisa e outra.

— Tampouco eu. Com alguma cooperação, talvez pudesse, se você me dissesse o que sabe a respeito das relações entre as pessoas desta casa. Ela elevou os ombros e os deixou cair em um gesto de cansada resignação.

— Não posso me negar a responder perguntas pretextando ser uma criança, como Cathy. Estou terrivelmente cansada. O que você quer saber?

— Quanto tempo faz que conhece Knudson e em que grau o conhece? Deu-me um segundo e lento olhar de sondagem. — Há um ano mais ou menos, mas de modo algum o conheço intimamente.

— Ontem você mencionou uma amiga; seu nome é Mildred Fleming. Talvez ela possa me dar uma versão diferente. Ou tampouco você confia em seus amigos?

— Acho que está ficando insolente, senhor Archer, me respondeu friamente.

— Muito bem, senhora. Jogaremos o jogo de acordo com as regras formais. A menos que você queira dar por terminado em razão de minha insolência.

— Não decidi ainda. Mas lhe direi uma coisa. Conheço Walter Kilbourne. Na realidade, vi-o esta noite. Os pesados pés de Knudson atravessaram o hall e seus ombros inclinados encheram o vão da porta.

— Finalmente tirei o xerife da cama. Encontrar-se-á conosco no Notch.

— Com você, disse, — Não comigo. A senhora Slocum teve a amabilidade de me oferecer outro gole, e eu preciso dele. Amanhã apresentarei uma declaração ante o xerife. Leve o garoto com você. Seu nome é Musselman e está em meu automóvel, provavelmente dormindo neste momento. Certamente encontrará rastros bem marcados ali onde o caminhão deu a volta.

— Muito obrigado pela sagaz sugestão.

Seu tom era irônico, mas parecia aliviado por minha negativa a ir com ele. Ele e o xerife rondariam pelo lugar do crime, reuniriam os restos e voltariam para a cidade. Não ia se fazer nada.

— Cuide de que o rapaz encontre um lugar decente para dormir, por favor. E isto é de minha parte. Devo a ele. Dei-lhe uma nota de dez dólares.

— Como você quiser. Boa noite, senhora Slocum. Obrigado por sua cooperação.

— Foi um prazer.

“Velhos amantes”, pensei novamente. Velhos amantes que levam uma vida dupla. Knudson saiu. Minha simpatia inicial por ele se converteu em alguma coisa um pouco diferente. Contudo, era um homem, e um policial. Não ia tentar alcançar o que queria, passando por sobre o cadáver de uma velha dama. Escolhera um caminho mais difícil. Maude Slocum se levantou e apanhou meu copo vazio.

— Realmente você quer uma bebida?

— um uísque, por favor. Com água.

— Acredito que o imitarei. Serviu-me dois dedos de uísque da garrafa, e quatro dedos para ela. Bebeu-os de um gole. Eu sorvi o meu.

— O que realmente quero são informações sobre o Kilbourne.

— Maldita verdade alcoólica, disse ela surpreendentemente. A ideia do uísque se apossou dela antes que este realmente começasse a fazer efeito. Sentou-se junto a mim pesada e frouxamente. — Não sei nada a respeito de Walter Kilbourne. Quero dizer, nada que vá contra ele.

— Você é uma exceção, acredito. Onde o viu nesta noite?

— No restaurante Boardwalk de Quinto. Pensei que faria bem uma mudança a Cathy depois do horrível dia que tinha passado com a polícia E... Seu pai. Levei-a para jantar em Quinto e vi Walter Kilbourne no restaurante. Vi-o com uma jovem loura, uma jovem realmente encantadora.

— Sua mulher. Conversou com ele?

— Não. Ele não me reconheceu, e eu nunca gostei dele particularmente. Perguntei ao garçom o que ele fazia ali. Ao que parece, seu iate estava no porto.

Era o que eu precisava. O cansaço tinha começado a drenar a energia de meu corpo e começava a atacar minha vontade. Tinha me interrogado mesmo sobre esse momento, muito exausto para ver além dele. Agora podia me ver atravessando o passo a Quinto. Mas devia fazer ainda outras perguntas.

— Como você o conheceu?

— Esteve aqui há um par de anos. Fez um acerto comercial com minha sogra, para procurar petróleo em sua propriedade. Foi quando se produziu uma grande greve do outro lado do vale, antes que viessem para este lado. Kilbourne veio com uma equipe de homens. Estiveram várias semanas em nossa propriedade, fazendo buracos e colocando cargas explosivas. Não recordo qual é o nome técnico disto.

— Prospecção?

— Prospecção. Acharam petróleo de boa qualidade, mas tudo deu em nada. Mamãe, disse movendo os lábios como se a palavra tivesse um gosto estranho, — Mamãe decidiu que as torres de petróleo obstruiriam sua preciosa vista, e rompeu as negociações com Kilbourne. Havia algo mais que isso, é óbvio: não gostava do homem, e acredito que não tinha confiança nele. De modo que continuamos vivendo em uma suave pobreza.

— Não houve outras companhias interessadas? O petróleo está escasseando nesta parte do mundo.

— Na realidade, ela não queria arrendar o lugar a ninguém. Além disso, havia algo no contrato

original com respeito à exploração; dava a opção exclusiva à companhia de Kilbourne.

— Naturalmente.

Sua mão errática se estendeu cegamente para tomar um cigarro. Tirei um da cigarreira, o pus entre os dedos e o acendi. Aspirou-o incontroladamente, como um menino. O uísque se combinou com a fadiga para derrubar seu sistema nervoso. Seu rosto, seus músculos e sua voz estavam se desagregando rapidamente. Aproveitei então para fazer a pergunta mais aguda e observei cuidadosamente seu rosto para registrar seus efeitos.

— Você não continuará vivendo por mais muito tempo nessa suave pobreza, não é? Suponho que você e seu marido entrarão em contato com Kilbourne. É por isso que está aqui agora?

— Não tinha me ocorrido, disse ela. — Mas imagino que é isso o que faremos. Devo falar com James a respeito disso.

Fechou os olhos. Nos lugares onde estavam grudadas ao osso, as carnes de seu rosto caíam em magras dobras macias. As rugas formavam linhas escuras que desciam das comissuras de seus olhos fechados, das aletas do nariz e das bordas de sua mandíbula, como sombras profundas que esboçavam a dissolução.

Dei-lhe boa noite e saí.

* * *

Dezoito

SÓ HAVIA uma luz na parte inferior da casa: um descolorido abajur de parede situada no hall na metade de caminho entre a porta principal e a cozinha. Arrojava um brilho pardacento no canto onde estava o telefone, debaixo das escadas. Em uma mesinha baixa colocada perto do telefone havia um exemplar da lista telefônica de Quinto e Nopal Valley. Procurei o F. Só havia um Franks, um tal Simeón J que residia no 467 de Tanner Terrace. Disquei o número e ouvi meia dúzia de toques do outro lado. Em seguida atendeu uma voz áspera e grave:

— Fala Franks. É a delegacia de polícia? Eu tinha coisas para lhe dizer, mas guardei isso.

Desliguei e ouvi o suave roçar de uns pés que desciam a escada por cima de minha cabeça, um sussurro amplificado pela tabela de ressonância das escadas e meus sentidos aguçados. Um rosto como uma lua pálida em volta de uma bruma de cabelos apareceu por cima do corrimão.

— Quem é? Disse a moça.

— Archer. Desloquei-me para o hall onde ela pudesse me ver claramente.

— Ainda não está na cama, Cath?

— Não me atrevo a fechar os olhos. Vejo constantemente o rosto da avó. Estava agarrada com ambas as mãos ao corrimão de carvalho, como se precisasse se agarrar a uma sólida realidade.

— O que você faz?

— Falo por telefone. Já terminei.

— Ouvi antes quando Knudson telefonava. É verdade que Pat está morto?

— Sim. Gostava dele?

— Às vezes, quando era amável. Era muito divertido. Ensinou-me a dançar, mas não o diga a papai. Ele não matou a minha avó, não é?

— Não sei. Não acredito.

— Eu tampouco. Lançou um olhar furtivo ao hall, que estava envolto em sombras.

— Onde estão os outros?

— Knudson saiu. Sua mãe está na sala. Acredito que adormeceu. Introduziu a mão nas suaves dobras do robe.

— Fico contente de que ele tenha ido embora.

— Eu também devo ir. Fica bem?

— Sim, fico bem. Desceu o resto da escada, fazendo deslizar seu braço pelo corrimão.

— Será melhor que desperte minha mãe e a ponha na cama.

— Sim, possivelmente seja melhor. Seguiu-me até a porta.

— Boa noite, senhor Archer. Sinto ter sido pouco amável com você ontem à noite. Certamente pressentia que ia acontecer algo. Sou muito sensível, você sabe? Ao menos é o que diz o povo. Sou

como um cão que ladra à lua quando há algo no ar.

— Mas você não viu Reavis ontem à noite.

— Não. Tinha medo de que voltasse. Odeio as cenas emocionais. Mas não voltou. Descreveu uma cruz sobre seu peito de seda.

— Que eu morra se não for verdade, disse sorrindo, com um súbito e tenso ar festivo.

— Que coisa horrível quer dizer “que eu morra”? Boa noite, Cathy.

* * *

O número 467 de Tanner Terrace era um edifício branco de um andar situado em um dos subúrbios modestos e se elevava em meio de uma dúzia de casas similares. Todas elas tinham tetos inclinados e inúteis persianas verdes nas duas janelas da frente; em um terreno baldio, uma fila de trailers mostravam seu ar desarraigado e transitório. Quão único distinguiu às casas eram os números. Também na casa do sargento Franks havia luz. Filtrava-se pela borda das persianas fechadas das janelas da frente e orvalhava a grama incipiente.

Passei por diante da casa em meu automóvel, voltei atrás na primeira intercessão e estacionei a uns cinquenta metros da casa. Franks era um policial. Em seu próprio território podia me criar inconvenientes. E não queria problemas. Desliguei o motor e as luzes, me deslizei no assento e dormitei com um olho vigilante. O ruído de um motor que se aproximava despertou um momento antes que potentes focos iluminassem a rua. Endireitaram-se e pararam frente à casa de Franks. Havia três luzes azuis de táxi por cima do para-brisa. Um homem saiu do assento traseiro e atravessou a calçada. Ao andar se inclinava para um lado; na semiescuridão me pareceu que coxeava. A porta da frente se abriu antes que chegasse à escada baixa de cimento. Deslocou-se para a luz. Era um homem baixo e gordo, vestido com uma jaqueta marrom de pele de potro. Sobressaía na parte direita, porque a manga direita pendurava vazia. A porta de rua se fechou atrás dele. O táxi retornou em uma entrada particular para carros e voltou a parar junto à calçada frente à casa. As luzes se apagaram. Esperei um ou dois minutos e descí de meu automóvel sem bater a porta. O taxista estava estendido em seu assento, com a esperança de dormir. Perguntei-lhe:

— Você está ocupado?

— Sinto muito, tenho uma viagem de volta, me respondeu com os olhos entrecerrados.

— aonde?

— A Quinto.

— Eu vou para lá.

— Sinto muito, senhor. Este é um táxi de Quinto. Não posso pegar passageiros em Nopal.

— Pode, se não me cobrar.

— Qual é o ganho então? Sentou-se direito e abriu bem os olhos. Eram azuis e ressaltavam sobre seu rosto fundo. — Ouça, o que está acontecendo? Mostrei-lhe uma nota de dez dólares.

— Seu ganho, lhe disse. A nota rangeu entre meus dedos como se estivesse pegando fogo sob a intensidade de seu olhar.

— Está bem. Acredito que está bem, se o outro tipo não se opuser. Inclinou-se para trás para me abrir a porta. Entrei.

— Não tem por que se opor. Aonde vai, em Quinto?

— Não sei. Suponho que onde o recolhi. Junto à ravina.

— Viu-o antes? Eram muitas perguntas. Voltou-se em seu assento e me olhou.
— Você é um policial?
— Não estou acostumado a ser.
— Olhe. Não aceitei seu dinheiro. Na realidade, não o aceitarei, de modo que desça e me deixe em paz. Estou tentando ganhar a vida honestamente, que diabos!
— Muito bem. Sairei, e você se voltará em seguida para Quinto.
— Pelo amor de Deus, tenha consideração! Esta é uma viagem de sete dólares.
— Cobre os daqui, disse, estendendo a nota de dez dólares. Afastou sobressaltado seus olhos saltados.
— Uh, uh! Não, obrigado.
— Então vá em seguida. Aqui vai haver confusão, e seguramente não quererá ver-se enredado nela.

Antes de sair, guardei a nota entre os almofadões e o assento traseiro, onde os taxistas têm o hábito de olhar. O movimento do táxi fechou a porta. Eu voltei para meu automóvel e esperei. O homem de volumoso flanco direito e manga vazia saiu quase imediatamente. Deu boa noite a alguém e se dirigiu à rua. Chegou à vereda antes de se dar conta de que o táxi sumira. Olhava a um e outro lado da rua, e eu deslizei para baixo em meu assento. Fez com a mão esquerda um gesto de desgosto. Sua voz anunciou claramente sua frustração. Reconheci-a. Quando se voltou para olhar para a casa, as luzes se apagaram. Inclinando-se de ombros para um lado, começou a caminhar para a estrada. Deixei que se adiantasse uma quadra, antes de ligar o motor e partir ao encontro dele antes que chegasse à segunda esquina. Tinha o revólver sobre o assento, junto a mim.

— Quer que o leve? Disse tentando dissimular minha voz.
— Por certo que sim, amigo.

Desceu da calçada à rua, até o círculo de luz que formava a luz da rua por cima de sua cabeça. Um chapéu de feltro manchado de azeite arrojava sombra sobre seu moreno e amplo rosto, no qual brilhava o branco dos olhos.

— A Quinto?
— Hoje é meu feliz...

Reconheceu-me, a mim ou a meu automóvel, e a frase não chegou a se completar. Sua mão esquerda caiu sobre o bolso de sua jaqueta. Abri bem a porta e mostrei meu revólver. Seus dedos retorciam o botão de couro que segurava o bolso.

— Entrei, disse. — Não vai querer que aconteça a mesma coisa ao outro braço, não é? Tenho paixão pela simetria.

Entrou. Dirigi com a mão esquerda em primeira até um espaço às escuras entre as luzes da rua, e me aproximei da calçada. O revólver que tirei de seu bolso cheirava a óleo fresco. Incorporei-o ao arsenal que tinha no porta-luvas.

— Bem, disse. O homem soprava como um touro.

— Não vai muito longe deste modo, Archer. Melhor voltar para casa antes que aconteça algo a você.

Respondi-lhe que me achava muito bem onde estava. Com a mão direita tirei a carteira que havia em seu bolso esquerdo e a abri sob a luz do tabuleiro. Sua carteira de motorista trazia o nome Osear Ferdinand Schmidt.

— Osear Ferdinand Schmidt é um nome muito eufônico, disse. — Vai soar bem em uma acusação de assassinato.

Mandou-me ao diabo. Contive meu impulso de golpeá-lo. Junto à carteira de motorista, uma coberta de plástico transparente continha um pequeno cartão azul que identificava Osear F. Schmidt como Oficial Especial da polícia interna da Pacific Refining Company. Havia algumas notas na parte da carteira destinada a guardar dinheiro, mas nenhuma maior de vinte dólares. Pus as notas em seu bolso e a carteira no meu.

— Devolva-me a carteira, ou farei uma acusação contra você.

— Você vai estar muito ocupado tentando se defender de outra acusação dirigida contra você mesmo. O xerife vai encontrar sua carteira nos matagais da rota do Notch.

Permaneceu silencioso durante um minuto; só se ouvia ranger como um fole sua jaqueta de pele de potro, sob o impulso de sua respiração.

— O xerife me devolverá isso sem me fazer nenhuma pergunta. Como você acredita que foi eleito?

— Agora sei, Osear. Mas acontece que o FBI está interessado nos linchamentos. Tem também um amigo no Departamento de Justiça? Quando me respondeu, sua rouca voz tinha trocado. Agora tinha matizes carregados de temor.

— Está você louco, se tentar se enfrentar conosco, Archer. Pressionei-o duramente com o revólver até fazê-lo gemer.

— Você se sentará na sala de gás antes que eu reserve um leito no cemitério. Enquanto isso, quero conversar com você. Quanto deu ao Franks pela informação e quem lhe deu o dinheiro? Seu cérebro trabalhava pesadamente. Quase podia ouvir seus processos internos.

— Deixará ir embora se disser?

— No momento, sim. Não posso me ocupar de você.

— E me devolverá a carteira?

— Eu guardarei a carteira e o revólver.

— Nunca disparei com esse revólver.

— Nem o fará. Seu cérebro ficou em ação novamente. Transpirava, e começava a ter aroma. Eu desejava que saísse de meu automóvel.

— Kilbourne me deu o dinheiro, disse finalmente. — Acredito que eram quinhentos dólares. Você está louco, se pensa se enfrentar com ele.

— Desça de meu automóvel, lhe disse.

Ali onde Tanner Tenace se une à estrada, virei à esquerda para voltar para Nopal, em lugar de

me dirigir diretamente a Quinto. O caso, estava se resolvendo mais rapidamente do que eu esperava, e estava escapando do meu controle. Segundo os dados que eu tinha, parecia como se Kilbourne tivesse levado uma dupla vida, que nunca apareceria nas páginas de esportes: tinha pago a Reavis para que liquidasse a senhora Slocum e em seguida tinha pago para que liquidassem Reavis antes que pudesse falar. Eu não gostava desta teoria: explicava as coisas mais óbvias, as mortes e o dinheiro, mas não oferecia nenhum indício a respeito do resto. Entretanto, era a melhor teoria sobre a que eu podia trabalhar. De qualquer maneira, não podia agir sem consultar o meu cliente. A mulher de James Slocum não estava por cima de toda suspeita, mas ela não tinha recorrido a mim para que lhe atasse um laço ao redor de seu formoso pescoço.

Tinha passado a hora do fechamento, e a rua principal estava quase deserta. Uns poucos bêbados atrasados transitavam pelas calçadas, sem vontade de terminar a noite e enfrentar a manhã. Alguns foram com mulheres para ter a segurança de que ainda podiam se divertir, de que haveria portas, nas escuras paredes, que se abririam a romances pagos. As mulheres eram do tipo que raramente aparecem à plena luz, ou que, quando o fazem, parecem mortas. Dois policiais civis testavam portas nas calçadas opostas da rua.

Ao passar pelo bar de Antônio, vi uma luzinha atrás do balcão, metade eclipsada pela cabeça de um homem. Freei o automóvel e me aproximei da calçada. Tinha dez mil dólares no bolso que teriam sido difíceis de explicar, se a polícia me revistasse, e mais difícil ainda que me permitissem sobreviver se algum outro os encontrasse em meus bolsos. Envolvi o pacote em uma parte de papel de jornal e o atei com fita isolante. Tinha falado com o Antônio uma vez só e nem sequer sabia seu sobrenome, mas era o único homem em quem confiava em Nopal Valley. Quando golpeei sobre o vidro foi à porta, e a abriu umas quatro polegadas, mas mantendo-a sujeita com uma cadeia.

— Quem é? Seu rosto estava nas sombras. Eu mostrei o meu. — Sinto muito, não posso atender depois de hora.

— Não quero uma bebida, quero que me faça um favor.

— Que tipo de favor?

— Que guarde isto em sua caixa forte até manhã. Introduzi um extremo do pacote pela estreita abertura. Observou-o sem tocá-lo.

— O que há dentro?

— Dinheiro. Uma quantidade de dinheiro.

— Quem é o proprietário do dinheiro?

— Estou tentando encontrá-lo. Guardará isso?

— Você deveria levá-lo à polícia.

— Não confio na polícia.

— Mas confia em mim?

— Parece que sim. Tomou o pacote de minhas mãos e disse:

— Guardarei. Devo também lhe pedir desculpas pelo que aconteceu ontem à noite em meu bar.

Disse-lhe que esquecesse.

Dezenove

A CASA da meseta estava escura e silenciosa. Nada se movia, dentro ou fora, exceto as cigarras que perambulavam pelos campos vazios fazendo soar suas campainhas. Bati na porta dianteira e esperei, tremendo dentro de minhas roupas. Não havia vento, mas a noite estava fria. O chiado dos insetos ressonava como o vento nas árvores outonais. Tentei abrir a porta. Estava fechada. Bati novamente. Depois de muito tempo, apareceu uma luz no hall e se ouviram passos que se arrastavam para a porta. Sobre minha cabeça, se acendeu a luz da galeria, e a porta se abriu, lentamente. Era a senhora Strang, a caseira, com seu cabelo grisalho pelo tempo atado em duas tranças e os olhos inchados e avermelhados pelo sonho. Observou-me.

— É o senhor Archer?

— Sim. Gostaria de ver a senhora Slocum. Suas mãos agarraram o pescoço de sua bata de raiom azul. Debaixo dela apareceu uma camisola de flanela rosado.

— A senhora Slocum está morta, disse com um gesto de pesar.

— Você não está se referindo a Maude Slocum. Vi-a a menos de duas horas.

— Ah! Você fala da jovem senhora Slocum. Está na cama, acredito. Que é onde você deveria estar. Estas não são horas da noite...

— Já sei. Mas preciso vê-la. Você a despertará?

— Não sei se devo fazê-lo. Ela se incomodará.

— Despertarei eu mesmo, se você não o fizer.

— Por certo que não. Moveu-se para me fechar a porta, mas em seguida mudou de opinião. — É realmente tão importante?

— É questão de vida ou morte. Eu não sabia da vida de quem ou da morte de quem se tratava.

— Bom, entre. Pedirei-lhe que desça.

Deixou-me na sala e saiu arrastando os pés. As duas tranças que caíam sobre suas costas pareciam duras e secas, como flores guardadas em um velho livro esquecido. Quando voltou, seu rosto e seu corpo pareciam carregados de ansiedade.

— A porta está fechada com chave, e ela não responde. Fui ao seu encontro, atravessei rapidamente com ela o hall até as escadas.

— Você tem uma chave?

— Aquela porta não tem chave, disse, ofegando. — Tem ferrolho por dentro.

— Me mostre.

Subiu afanosamente as escadas diante de mim, e no andar de cima me levou até a última porta. Esta consistia em painéis de um pesado carvalho. Pus o ombro contra ela, mas não consegui movê-la.

A caseira tomou meu lugar frente à porta e gritou.

- Senhora Slocum! Exclamou com desespero.
- Você está certa de que está aí dentro? Perguntei.
- Tem que estar aí. A porta está fechada com ferrolho.
- Terei que arrombá-la. Você tem uma barra de ferro, uma pinça ou algo assim?
- Vou procurar. Na sala de trás há ferramentas.

Apaguei a luz do hall e vi que havia luz atrás da porta. Inclinei-me novamente contra ela e escutei. Não se ouviam roncões, nem a respiração dos ébrios; não se ouvia nada. Maude Slocum dormia muito profundamente. A senhora Strang voltou, movendo seu corpo com expressão de terror. Suas mãos venosas sustentavam uma curta barra de ferro com um extremo chato, como as que se usam para abrir caixas. Tirei-a de suas mãos e inseri o extremo chato entre a porta e o vão. Algo rugeu e cedeu quando a puxei. Desloquei a barra e puxei com força novamente. A madeira se rompeu e a porta se abriu.

Havia uma penteadeira com três espelhos contra a parede, a minha direita, e uma cama Hollywood grande com a colcha estendida, a minha esquerda, junto às janelas. Maude Slocum estava entre eles. Seu rosto tinha uma cor cinza escura com tonalidades azuis, como um retrato de Vão Gogh da época de sua maior loucura. Seus belos dentes brancos brilhavam em um ricto estereotipado entre seus lábios cor púrpura, o que lhe dava um grotesco toque ao seu rosto. Ajoelhei-me junto a ela, tomei o pulso e tentei ouvir os batimentos de seu coração. Estava morta. Levantei-me e me dirigi para a caseira. Esta caminhava lentamente pelo quarto, terrivelmente tensa.

- Aconteceu algo? Sussurrou, embora conhecesse a resposta.
- A senhora está morta. Chame à polícia e tente entrar em contato com o Knudson.
- Oh! Exclamou. Voltou-se, e o peso da morte a jogou contra a porta.

Cathy Slocum passou ao seu lado ao entrar. Desloquei-me para ocultar o cadáver com meu corpo. Minha expressão deteve a moça. Ficou parada em frente a mim, esbelta e macia, envolta em sua bata de seda branca. Seus olhos tinham uma expressão sombria e acusadora.

- O que aconteceu? Perguntou.
- Sua mãe está morta. Vá para o seu quarto. Todos seus músculos se endureceram, mantendo seu corpo ereto. Seu rosto era uma trágica máscara branca.
- Tenho direito de ficar.
- Você vai sair daqui, disse e dei um passo para ela. Deu um olhar ao que havia atrás de mim. A máscara branca se desmoronou repentinamente como gesso. Estendeu uma mão sobre seu rosto.
- Como pode ela estar morta? Eu... A dor lhe fechou a garganta e a reduziu a silêncio. Pus uma mão sobre suas costas estremecida, voltei-a para a porta e a empurrei para fora.
- Olhe, Cathy. Não posso fazer nada por você. Vá e procure seu pai. Balbuciou entre soluços:
- Não quer sair da cama... Diz que não pode.
- Pois bem, se coloque na cama com ele. Não era algo adequado para dizer, mas sua reação me chocou. Seus dois pequenos punhos golpearam meu rosto e me fizeram perder o equilíbrio.
- Como se atreve você a dizer algo tão sujo? E prosseguiu berrando todos os palavrões anglo-

saxões que toda estudante conhece.

Retirei-me ao quarto onde jazia, silenciosa, a mulher e fechei a porta atrás de Cathy. O pesado ferrolho de ferro estava pendurado solto e inútil em seu buraco; os parafusos que o seguravam tinham sido arrancados da armação, mas o fecho ainda funcionava. Dirigi-me para as janelas, que se alinhavam em número de três por cima da cama. Tinham estruturas de ferro, davam ao teto de telhas da galeria e estavam todas abertas. Mas havia telas de cobre, atrás da armação de vidro, nos marcos metálicos, e firmemente presas. Ninguém podia ter entrado ou saído do quarto depois de ter sido puxado o ferrolho. Voltei para a mulher que jazia no chão. Uma manta de lã se achava sob um de seus ombros, como se a tivesse esfregado em uma convulsão. Usava o mesmo vestido com que eu a tinha visto antes, levantado por cima de suas coxas pálidas. Senti o impulso de baixá-lo para cobrir as pernas estendidas que eu tinha admirado. Minha experiência me reteve. Maude Slocum pertencia já à estricnina, à polícia e à negra morte.

A luz no quarto vinha de um abajur fluorescente de dois tubos situada em uma mesa oposta à porta. Uma máquina de escrever portátil jazia descoberta diretamente sob a luz; nela havia uma folha de papel branco, sobre a que se liam algumas linhas. Passei ao redor do cadáver para lê-las.

Meu coração: Sei que sou uma covarde. Há coisas que não posso enfrentar, com as quais não posso conviver. Acredite, meu amor, é melhor para todos. Já vivi o suficiente, de todos os modos... É sulfato de estricnina. Acredito que seja de uma receita da Olivia Slocum. Não estarei linda, sei. Mas talvez agora tenha a segurança de que não me despedaçarão. Sinto que não posso escrever mais, minhas mãos estão...

Isto era tudo. Um pequeno vidro medicinal de cor verde estava aberto junto a máquina de escrever; sua negra tampa metálica estava ao lado. Na etiqueta se via uma caveira e ossos cruzados, em cor vermelha. Dizia também que a receita, ordenada pelo doutor Sanders para a senhora Olivia Slocum, tinha sido preparada pela Farmácia de Nopal Valley em 4 de maio desse ano, e devia se considerar como feita segundo instruções. Olhei o interior da garrafa sem tocá-la e vi que estava vazia.

Sobre a mesa não havia nada mais, mas em sua parte dianteira havia uma ampla gaveta. Tirei uma cadeira do caminho e, cobrindo as mãos com meu um lenço, abri a gaveta pela metade. Havia alguns lápis com a ponta feita, um batom gasto, fivelas para o cabelo, peso-de-papéis e uma confusão de folhas. A maioria delas eram boletas financeiras e receitas médicas. Um talão de cheques de um banco de Nopal Valley mostrava um saldo de trezentos e trinta e seis dólares e alguns centavos, depois de uma retirada de duzentos dólares dois dias antes. Pinçando entre os papéis com um lápis sem ponta, encontrei uma carta pessoal, escrita a máquina em uma só folha que trazia o cabeçalho da Warner Brothers. Começava com entusiasmo:

Minha querida Maudie:

Desde o tempo da bagunça, como costumava o velho a dizer antes que o enterrassem, o que me alegrou muito porque nunca gostei do velho bêbado, que não ouço notícias de você. Quebremos o silêncio e falemos de peito aberto. Como vai a última campanha contra o clã Slocum, e também o que aconteceu com ele? As notícias daqui são muito boas. O patrão me aumentou para cento e vinte na semana passada e disse a Dom Farjeon, que contou a sua secretária, que me contou, que eu nunca cometia um engano, exceto em assuntos do coração, rá rá rá...! Mas, do que estou rindo? Mas a notícia mais importante é, adivinha qual? E guarde-a em segredo: Inglaterra, querida. O patrão vai fazer um filme na Inglaterra que começará no mês seguinte e me levará consigo... De modo que um destes dias, logo, escape dos problemas e preocupações da sex domestique e vamos celebrar no Musso com um grande almoço. Você sabe onde me encontrar. Enquanto isso, carinhos a Cathy; você sabe o que penso do resto da turma Slocum. Até logo.

A carta não tinha data e estava assinada “Millie”. Olhei para a mulher estendida sobre o chão e me perguntei se o almoço se teria realizado. Perguntei-me também se Mildred Fleming teria ido a Inglaterra e o que saberia “dele”. Mais que à deidade, “Ele” soava a Knudson. E este logo estaria ali.

Abri um pouco mais a gaveta. Um recorte de jornal dobrado, preso na abertura entre o fundo da gaveta e o dorso, ficava quase fora da vista. Puxei-o e o desdobrei sob a luz. Era um comprido artigo jornalístico encabeçado por uma fotografia a duas colunas de dois homens. Um deles era Knudson, e o outro um jovem moreno que usava uma camisa branca rasgada. “Captor e Capturado”, dizia o título. “O tenente de detetives Ralph Knudson, da polícia de Chicago, leva Charles “Cappie” Mariano, presidiário assassino de três pessoas que escapou da Penitenciária Joliet na segunda-feira passada. O tenente Knudson seguiu o rastro dele pelo submundo de Chicago e o capturou no dia seguinte.” O jornal dava detalhes da façanha que eu li lenta e cuidadosamente. A data era 12 de abril, mas não havia indicação do ano. Dobrei o recorte novamente, coloquei-o onde o tinha encontrado e fechei a gaveta.

A mensagem da máquina de escrever atraiu minha atenção novamente. Havia algo estranho nela, algo que eu não sabia o que era e que precisava de explicação. Sem uma clara ideia do que fazia, tirei de meu bolso a carta que Maude Slocum tinha me dado e a estendi sobre a mesa, junto à máquina. “Estimado senhor Slocum.” Era como uma lembrança de algo que eu tinha ouvido há muito tempo, muito antes da guerra. “Os lírios quando apodrecem cheiram muito mal.” A mulher que jazia no chão logo apodreceria. A carta já não importava.

Fixei minha atenção nas palavras iniciais da carta: “Estimado senhor”, e logo voltei para a nota da máquina: “Meu coração”; depois voltei a observar a carta que pus sobre a mesa. As letras eram idênticas; os “o” estavam ligeiramente fora da linha, e os “a” tinham uma fenda apenas perceptível no meio da curva. Embora eu não fosse perito em escrita a máquina, me parecia que a nota do suicídio de Maude Slocum e a carta à seu marido tinham sido escritas na mesma máquina.

Estava tentando achar sentido nesta descoberta quando ouvi ruído de passos no hall. A porta se abriu e Knudson entrou no quarto. Permaneci de pé e o observei como um dissecador que estuda um animal sob o bisturi. Sua reação foi a de um ser humano. Quando viu o rosto escurecido sobre o chão, todo seu corpo se dobrou. Quase caiu ao chão, mas se recuperou e se apoiou contra o marco da porta. Um policial uniformizado olhou para o quarto por cima do ombro de Knudson. Este fechou a porta sobre o rosto indagador. Voltou-se para mim. Sua pele sem sangue tinha uma suja cor amarelada e seus olhos cintilaram.

— Maude está morta? Perguntou lentamente e com a voz carregada, de dor.

— Está morta. A estricnina age com rapidez.

— Como você sabe que é estricnina?

— Se vê no rosto. Além disso, há uma nota na máquina. Acredito que é dirigida a você. Olhou para a mulher estendida sobre o chão, entre nós, e vacilou.

— Dê-me a nota.

Permaneceu com o ombro apoiado contra o marco da porta. Via-se que não queria passar junto

a ela nem por cima. Tirei a folha da máquina e a entreguei. Leu-a uma e outra vez, formando as sílabas com seus pesados lábios. Apareceram gotas de suor em seu rosto, e se juntaram nas comissuras como lágrimas.

— Por que ela se matou? O esforço que fez para falar torceu sua boca para um flanco e assim ficou.

— Isso é o que eu pergunto a você. Você a conhecia melhor que eu.

— Eu a amava. E acho que ela não me amava. Não o suficiente. A dor agia sobre ele como o soro da verdade. Esqueceu-se de que eu estava ali ou de quem era eu. Talvez se tinha esquecido de quem era ele mesmo.

Lentamente começou a recordar. Suas forças se reagruparam ao redor de seu pétreo ego. Pude ver que um duro orgulho masculino voltara para seu rosto, endurecendo a boca e a mandíbula, e mascarando a dor de seus olhos. Pegou a nota do suicídio com compridos e suaves dedos e a guardou em um bolso.

— Eu acabo de chegar, disse. — Não disse nada. Você não encontrou este papel, adicionou segurando o bolso.

— E você é Jorge VI, rei da Inglaterra, não o ex-tenente Knudson da polícia de Chicago. Segurou-me com sua mão direita pela lapela de meu paletó e tentou me sacudir.

— Você fará o que eu disser! Tirei-lhe a mão de um golpe. A carta que tinha em minha mão se desprende de meus dedos e caiu no chão. Agachou-se e a pegou em um só movimento.

— O que é isto?

— A carta que eu devia investigar. Foi escrita na mesma máquina que a nota do suicídio. Reflita nisto. E quando tiver terminado de refletir pense nesse outro: seu empregado Franks recebeu quinhentos dólares pela informação de que eu me dirigia para aqui com Reavis. Walter Kilbourne o pagou. Posso identificar o chefe do grupo que linchou Reavis como um dos homens de Kilbourne.

— Você fala muito. Leu a carta, grunhindo com impaciência, e logo fez uma bola com ela e a pôs junto à outra.

— Está destruindo provas, Knudson.

— Já disse que você fala muito. Eu sou o juiz aqui do que sejam provas.

— Não será por muito tempo. Pode tomar isto como uma ameaça, se o desejar. Inclinou-se para mim, me mostrando os dentes.

— Quem ameaça a quem? Estou farto de você. Já pode sair da cidade.

— Fico. Aproximou-se mais ainda. Seu fôlego era fétido e quente como o de um animal carnívoro.

— Você vai sair da cidade nesta mesma noite, agora. E não vai voltar. Posso colocá-lo na prisão por longo tempo, Archer. Você trouxe Reavis sob coação atravessando uma fronteira estatal. Você sabe o que isto significa para a lei.

Tinha me apanhado. Eu mesmo tinha me empacotado e entregue a ele. Lágrimas amargas saíram de meus olhos e queimaram meu rosto. Pôs a mão direita debaixo de sua jaqueta e tirou o revólver da cartucheira.

— Vai embora ou banca as consequências de ficar? Não respondi.

Abri a porta e saí, passando na frente do policial que estava no hall. Tempos e lugares passavam por minha cabeça em uma grande confusão. Iriam chegar o tempo e o lugar para me enfrentar de novo com Knudson.

* * *

Vinte

A SENHORA Strang veio a meu encontro ao pé da escada.

— Senhor Archer, alguém quer falar com você no telefone. É uma mulher. Há um momento que está na linha, mas eu não queria interrompê-lo enquanto falava com o Chefe de Polícia.

— Não, disse, — Teria sido um crime de lesa majestade. Olhou-me preocupada.

— Ao menos espero que ainda esteja na linha. Disse que esperaria. Você está bem, senhor Archer?

— Estou bem.

Sentia um vazio na cabeça e uma dura bola amarga no fundo do estômago. Tinham me arrebatado o caso justamente quando começava a se esclarecer.

— Fala Archer, disse no tubo do telefone.

— Bom, por favor não desligue. Você estava dormindo? A voz era lenta e morosa, como uma fragrância: era Mavis Kilbourne, em um lisonjeador estado de ânimo.

— Sim. Tinha pesadelos. A respeito de uma elegante daminha que parecia ser uma ladra e cujo sobrenome é Armalíos. Riu: foi como uma corrente de montanha por baixo da linha das neves.

— Não sou realmente uma ladra, nem sequer uma daminha. Depois de tudo, Apanhei o que era meu. Você não está de muito bom humor, não é?

— Tente melhorar se puder. Diga-me como soube que eu estava aqui.

— Não sabia. Liguei para sua casa e para seu escritório em Los Angeles. Ali me deram esse número. Nem sequer sei onde você está, exceto que é em Nopal Valley. Eu estou em Quinto. O operador interrompeu e pediu outra moeda de dez centavos. Escutou-se claramente na linha a campainha do telefone público.

— Estou ficando sem moedas, disse Mavis. — Posso vê-lo em Quinto e conversar com você?

— Por que este súbito interesse às três da manhã? Em meu bolso não tenho mais que um revólver.

— São três e meia, disse, e seu bocejo ressonou no tubo. — Estou morta de cansaço.

— Você não é a única.

— De qualquer maneira, me alegro que tenha um revólver. Pode precisar dele.

— Para quê?

— Não posso dizer por telefone. Preciso que faça algo por mim. Me aceita como cliente? Novamente, o tom de sereia, como violinos distantes em uma bonita festa.

— Já tenho um cliente, menti.

— Não pode trabalhar para ambos? Não sou orgulhosa.

— Eu sou.

— Sei que lhe fiz uma suja mutreta, disse baixando a voz. — Mas tinha que fazê-lo. Queimei o filme, e não explodiu como você disse.

— Esqueça-o. O problema é que esta pode ser outra suja mutreta.

— Não é. Realmente preciso de você. Talvez não pareça assustada, mas na verdade estou.

— Pelo quê?

— Disse-lhe que não posso contar por telefone. Venha a Quinto e direi. Por favor, venha. Estávamos no mesmo.

— Em que parte de Quinto você está?

— Em um restaurante junto à praia. Mas é melhor que não nos encontremos ali. Conhece o grande ancoradouro onde atracam os iates?

— Sim, disse. — É um lugar perfeito para uma emboscada.

— Não seja assim. Estarei no extremo do ancoradouro. Não há ninguém ali a esta hora da noite. Você virá?

— Dê-me meia hora.

* * *

Quinto era como qualquer pequeno porto de mar às quatro da madrugada. As ruas escuras e vazias iam dar ao oceano escuro e vazio. A atmosfera estava muito limpa, mas se formaram gotinhas de água em meu para-brisa, e um aroma marinho, amargo e fresco, invadia a cidade deserta. De noite, era o avanço do mar, cheio de frios ventos de maré e negrume submarino. O reflexo de um semáforo estendeu uma longa mancha vermelha sobre o asfalto onde a 101 atravessava a cidade. Quatro ou cinco grandes caminhões se reuniram na parada de caminhões como búfalos em uma laguna. Quando virei a direita para entrar na autoestrada, pude ver os motoristas inclinados sobre seus desjejuns e a uma garçonete de finas sobranceiras e nariz escoiceado fumando um cigarro junto à porta da cozinha. Teria sido muito agradável parar ali para comer três ovos, conversar um pouco e em seguida ir dormir no motel. Virei bruscamente à esquerda na intercessão seguinte e os pneus gemeram como se compadecendo de si mesmos: é tão tarde, estamos tão cansados! “Terminem com isso!” Disse para mim mesmo e aos pneus.

O ancoradouro de Quinto era uma continuação da rua, e levava o caminho asfaltado até 10 metros além da muralha do mar. Por debaixo do ancoradouro, as longas ondas brancas rumorejavam na areia e lambiam os velhos pilares que o sustentavam, em um trabalho de lenta e firme destruição. Meus faróis iluminaram os brancos corrimões que havia em ambos os lados. Não se via nada neles de um extremo ao outro, e o caminho que tinha entre os mesmos estava deserto. No extremo externo, um grupo de pequenos edifícios se apinhava frente à noite: uma cabana onde se vendiam anzóis e outros elementos para pesca, um local de venda de salsichas quentes, uma loja de lembranças marinhas e uma oficina de carpintaria de navios, todos fechados e às escuras. Parei do lado de terra, junto a um telescópio público, e me pus a caminhar. A culatra de madeira polida dê minha pistola automática estava fria e úmida em minha mão.

O aroma do mar, as algas, os peixes e as ásperas águas em movimento penetrou com maior intensidade em meu nariz. Alagou minha consciência como uma lembrança longínqua. A maré subia lentamente e descia, arrojando tênues brilhos entre as tábuas do ancoradouro. E todo este subia e descia em uma rígida e rangente mímica, em sua lenta e longa dança de dissolução. Cheguei à ponta e

não vi ninguém nem ouvi nada, exceto meus próprios passos, o rangido das vigas e o estalo das ondas contra os pilares. Havia uma distância de três metros até a água escura. A terra mais próxima que havia frente a mim era o Havaí. Voltei as costas ao Havaí e me encaminhei para a costa. Mavis tinha mudado de opinião e me deixara plantado. O último adeus a Mavis, sussurrou meu cérebro frio. Não era uma pessoa em quem se pudesse confiar, não era confiável, não se podia contar com ela. Ou talvez tinha sido obrigada a mudar de opinião. Meus pés se arrastavam sobre as tábuas. Muito tarde, muito velho, muito cansado, suspirava a onda no fundo de minha mente.

Uma alvorada incerta se estendia como leite derramado pelo céu, em cima das montanhas. A seus pés, as ruas de Quinto se estendiam como uma teia de aranha invisível adornada com luzes. Velozes caminhões provenientes de São Francisco, Portland e Seattle se dirigiam para o Sul pela 101 como estrelas fugazes. A minha direita, o comprido arco do dique se curvava para o ancoradouro. Em seu extremo, uma luz vinda de uma torre se acendia e se apagava, iluminando o estreito canal com intermitentes franjas de um verde acinzentado. Atrás do dique, umas quarenta ou cinquenta embarcações, enfileiradas, flutuavam na concha protegida. Havia cisnes e patinhos feios, navios de carreira velozes como flechas e grandes barcos de pesca do tipo Monterrey, iates de prazer e chatas, navios de luxo e canoas. Em um ou dois dos navios de pesca brilhavam longínquas luzes.

Enquanto observava, apareceu outra luz que criou numa tripla janela um agudo contraste amarelo com uma cabine escura. O comprido casco que havia debaixo parecia se mover, embora estivesse ancorado e imóvel na água. Estava pintado de uma cor tão branca que parecia brilhar por sua própria luminescência. Dessa distância, parecia um pequeno iate, mas comparando-o com os outros navios conjecturei que tinha uns vinte metros de comprimento: com exceção dos pesqueiros, era o maior navio do porto. Kilbourne teria eleito esse tipo de barquinho para navegar.

A luz se extinguiu, como por telepatia. Forcei a vista, tentando adivinhar o que acontecia nas três janelas oblongas que já não podia ver. Uma mão invisível puxou a perna das minhas calças. Saltei para trás, puxei minha pistola e fiz entrar uma bala na antecâmara. O vento assobiava em meu pescoço. Apareceu uma mão por cima das tábuas, no bordo do ancoradouro. Um cabelo leve ondeou por baixo de uma boina. Uma voz sussurrou:

— Sou eu.

— Não brinque de esconde-esconde, grunhi, porque havia ficado nervoso. — Uma bala de quarenta e cinco pode lhe arruinar a figura.

Ela se mostrou e parou: era uma escura forma esbelta, com suéter e calças, projetada contra as escuras águas cinzentas. Tinha linhas de carreira, para uma longa e veloz viagem noturna, e seios cheios como grandes velas.

— Gosto da minha figura tal como é, disse adotando uma pose de modelo. — Você não gosta dela, Archer?

— É coisa sua, disse, e adicionei mentindo descaradamente: — Você só me fascina como fonte de ganhos.

— Muito bem, senhor. Será melhor que desçamos. Aqui nos verão.

Estendeu sua mão para segurar a minha. Estava fria como um peixe. Achava-se parada em uma escadinha com corrimão que descia até a água, por baixo do ancoradouro. Descemos a uma plataforma flutuante perto do bosque de pilares. O bote e a plataforma se elevavam e desciam junto com as ondas.

— De quem é o bote?

— É uma lancha do iate. Vim à costa nela.

— Por quê?

— Os táxis aquáticos fazem muito ruído, e além eles assim saberiam aonde fui.

— Entendi. Agora sei tudo.

— Não seja intratável, Archer. De qualquer maneira, qual é seu nome de batismo?

— Lew. Mas pode me chamar Archer.

— Sinto tê-lo assustado, Lew, disse com sua vozinha afrodisíaca. — Não quis realmente fazê-lo. Tinha que me assegurar de que era você.

— A quem você esperava mais?

— Bom, podia ter sido Melliotas.

— Quem demônios é Melliotas? Ou você inventou o nome?

— Se acreditar que Melliotas é uma ficção, vá ao navio e veja-o.

— É o navio da família? Perguntei assinalando o grande casco que se via no outro lado do porto.

— Sim, disse apontando seu nariz para ele. — De certa família. Tome por exemplo o grande amigo de meu marido, Melliotas. Ontem à noite meu caro marido me teve presa em meu beliche enquanto o estimado Doutor Melliotas me dava uma dose de morfina para me fazer dormir.

Ofereci-lhe um, cigarro, que ela pegou mecanicamente. Enquanto o acendia, olhei-a nos olhos. Suas pupilas, de um cinza escuro, eram tão diminutas como as de um pássaro.

— Você vê, disse. — Não sou uma mentirosa. Sinta meu coração.

Sua mão pressionou a minha contra suas costelas, debaixo do seio esquerdo. Senti um batimento do coração na ponta de meus dedos, mas o que senti era meu próprio coração.

— Viu?

— Por que ainda não está dormindo?

— Não dormi. A morfina só estimula. Sou como um gato. Mas agora estou sentindo os efeitos. Será melhor que me sente. Ainda com sua mão em meu pulso, se sentou ao pé do corrimão e me fez sentar junto a ela. — Poderia lhe mostrar a marca da agulha, mas não seria próprio de uma dama, não é?

— Sempre a dama! Disse. — Quem é você, Mavis? Bocejou e se estirou. Não a olhei e ela parou.

— Uma moça trabalhadora. Ao menos era. Queria ser ainda. Mas eu ia lhe falar do doutor Melliotas. Ele dirigia o automóvel quando Rico o levou para sua casa. Lembrei do homem com o qual tinha lutado no barracão de Reavis.

— Não me pareceu que tivesse aspecto de médico.

— Diz-se médico ele mesmo, mas tem alma de selvagem, se é que tem alguma. É uma espécie

de hidroterapeuta e dirige um sanatório em Veneza. Walter tem espasmos de cólon e esteve indo no Melliores durante anos. Até leva-o consigo nos cruzeiros, o que é muito conveniente quando quer me fazer dormir. Mas esta noite os enganei. Não dormi e ouvi o que aconteceu. Ouvi meu marido conspirando para assassinar um homem. Pat Ryan, o homem por quem você me perguntou. Walter deu ordens a um homem chamado Schmidt para que matasse Ryan. Um par de horas depois, Schmidt voltou a bordo e disse que já fizera. Escrutinou meu rosto. — Não significa isto nada para você?

— Muito. Alguém disse por que precisavam matar Reavis?

— Ninguém disse, mas eu sei. Inclinou a cabeça para mim, estirando seu suave lábio inferior.

— Você não me prometeu que trabalhará para mim.

— Você não me disse o que quer que eu faça. Não sou um pistoleiro de aluguel como Schmidt.

— Só quero que se faça justiça. Quero que acuse Schmidt e o meu marido pelo assassinato de Pat.

— Terá que me dizer por quê.

— Direi-lhe tudo, se isso ajudar. Quero que meu marido morra ou se afaste de minha vida, mas não tenho coragem para conseguir por mim mesma.

— Temo que seja muito grande para mim sozinho, mas talvez podemos atacá-lo mediante Schmidt. Há uma coisa que não entendo: o que Kilbourne faz para intimidá-la. Você tem um medo mortal dele.

— Tinha. Agora não. Não estaria aqui se o temesse, não é?

Mas sua voz ficou tênue e aguda, e dirigia olhares ao iate. Um pescueiro Monterrey riscou um semicírculo e se enfiou no canal. Magros reflexos de luz, como placas metálicas, caíam sobre a água e se dissolviam.

— Conte-me a história verdadeira, Mavis. Não temos tempo de discutir.

— Sim. A história verdadeira. Sua boca se fechou depois destas palavras. Seu rosto e seu corpo estavam tensos, em luta com o sono. — Sinto-me drogada, Archer. A morfina está começando a fazer efeito.

— Caminhemos.

— Não. Fiquemos aqui. Em seguida precisarei voltar para o navio. Não sabem que saí.

Lembrei-me da luz que se acendia e se apagava e me perguntei o que significaria. Mas ela tinha começado a falar de maneira fluída e constante, como se estivesse sob os efeitos do pentotal.

— Sou em parte responsável pelo que ocorreu. Fiz uma coisa suja, acredito; de qualquer maneira não era uma ingênua quando me casei. Tinha vivido de maneira irregular durante muito tempo, obtendo o que podia, trabalhando de garçõete, fazendo trabalhos adicionais e tentando obter pequenos papéis em espetáculos. Conheci-o em uma festa, no ano passado. Na época fazia de vez em quando trabalhos de modelo, e me contrataram para que assistisse à festa, mas Kilbourne não sabia, ao menos é o que acredito. Seja como for, gostou muito de mim; ele era cheio de dinheiro, eu gostei muito dele. Ele queria uma dona-de-casa, uma mulher vistosa e uma companheira de cama, e me comprou como tivesse comprado uma potranca para seu estábulo. Divertimo-nos durante dez noites e nos casamos em Palm Springs. Mas no fim de semana descobrimos que nós não gostávamos um do outro. Perguntei-lhe por que se casara comigo, e me disse que em definitivo sairia mais barato.

De modo que torturei sua vaidade; Kilbourne é tremendamente vaidoso. Tivesse-o deixado então, se tivesse sabido quão intratável era... Mas só descobri mais tarde. Enquanto isso eu tinha novos brinquedos com os quais jogar e nada realmente do que me queixar. Em seguida apareceu Patrick Ryan, no inverno passado. Durante a guerra tinha saído com ele um par de vezes, e eu gostava do rapaz. Uma noite o encontrei no Cairo. Desembarçamo-nos de Kilbourne e saí com Ryan. Sua casa era horrivelmente desagradável, mas ele foi bom. Recordou-me que até o sexo pode ser algo bom, e acredito que me apaixonei por ele em um momento de descuido. Sua voz era ofegante e seca. Movia seu ombro para mim com desassossego. — Você queria a história verdadeira. Não me faz ficar muito bem.

— Nenhuma história verdadeira faz ficar bem. Prossiga.

— Sim.

Apoiou-se em mim levemente e segurei pelos ombros; Seus ossos eram pequenos e afiados sob suas arredondadas carnes.

— Na época precisávamos de um chofer. Nosso chofer anterior tinha sido preso por violação de liberdade condicional. Kilbourne tem um fraco por ex-presidiários; diz que são fiéis servidores. Disse-lhe que admitisse Pat Ryan, para eu tê-lo por perto. Precisava de alguém, e Pat dizia que me amava, íamos fugir juntos e começar uma nova vida em alguma parte. Suponho que no concernente aos homens sou de uma vergonhosa fraqueza. Não falei a você dos anteriores a Kilbourne, nem penso fazê-lo. Seja como for, Kilbourne nos descobriu. Pode ter dito a Pat, para lhe pedir algum pequeno favor. Assim, um dia Kilbourne me embebedou, me deixou sozinha com Pat e pagou um homem para que nos filmasse. Projetou-me isso na noite seguinte, com mordazes comentários. Nunca pude me repor, nem me reporei.

— Mas o filme já não existe mais.

— Não. Destruí-a ontem à noite.

— Ele não precisa do filme para conseguir o divórcio.

— Você não compreende, disse ela. — Ele não quer se divorciar. Pedi-lhe o divórcio todos os dias durante os últimos seis meses. Quer me manter sob sua mão durante o resto de sua vida, e esta é a maneira de obtê-lo. Se eu me desencaminhasse uma só vez, ia permitir que Rico vendesse o filme para ser distribuído. O teria exibido durante anos em reuniões de homens, convenções e night-clubes. Meu rosto é conhecido. O que eu podia fazer?

— O que fez. Ele sabe que o filme foi destruído?

— Não lhe disse. Não sei como reagirá. Seria capaz de qualquer coisa.

— Então, largue-o. Já não pode prejudicá-la, se você estiver certa de que só havia uma cópia.

— Havia só uma cópia. Paquerei com Rico e lhe tirei ao menos essa confissão. Mas temo Kilbourne. Não se deu conta da contradição: seu sentimento era muito real.

— É um mau hábito que você tem.

— Você não conhece Kilbourne, respondeu com arrebatamento. — Não há nada que não seja capaz de fazer. E tem o dinheiro e os homens para fazê-lo. Ontem à noite matou Pat...

— Mas não por você, Mavis, embora isso pode ter contribuído. Talvez Kilbourne tampouco pôde esquecer o filme, mas tinha outras razões. Pat trabalhava para Kilbourne, você sabia disso? Recebeu dinheiro dele até o dia em que morreu.

— Não!

— Ainda se preocupa com Pat?

— Não depois de que terminou comigo. Mas não merecia morrer.

— Tampouco você. Casou-se erradamente uma vez e foi para a cama com outro. Por que não sai da circulação por um tempo?

— Ficar com você? Voltou-se pela metade para mim e seu seio direito tremeu contra meu braço.

— Não quero dizer isso. Comigo não estaria segura. Tenho uns amigos no México com os quais poderia ficar segura. Porei-a em um avião.

— Não sei. Não sei o que fazer.

Recostou-se contra mim, no meio de meus braços e se deslizando sobre meu peito. Do outro lado do porto se ouviram as primeiras explosões de um motor. Os barulhinhos se converteram em um firme rugido e uma lancha bordeou a popa do iate e se encaminhou para o ancoradouro. Sua escura e afiada proa cortava como uma tesoura as águas metálicas. Na cabine, um homem me observava com um binóculo. Fazia-o parecer um grande sapo de olhos saltados. Mavis se pendurava flacidamente em meus braços. Levantei-a e a sacudi.

— Mavis! Precisamos fugir.

Seus olhos se abriram parcialmente, mas só se via o branco. Levantei-a com ambos os braços e a subi pela escadinha. Um homem com terno listrado e um chapéu de tecido lavável estava escondido no ancoradouro perto da ponta da escadinha. Era Melliot. Endireitou-se e se deslocou rapidamente para me fechar o caminho. Era constituído como um piano de cauda, baixo e longo, mas seus movimentos eram ágeis como os de um bailarino. Uns olhos negros brilhavam em seu rosto de gárgula.

— Saia da frente! Disse-lhe.

— Nada disso. Dê meia volta e desça outra vez.

A moça suspirou e se agitou ao ouvir sua voz. Odiei-a como um homem odeia às vezes a sua mulher, ou um detento suas algemas. Era demasiado tarde para correr. O homem tinha a mão direita em seu bolso, com algo mais que um punho me apontando.

— Desça, disse.

O motor da lancha se extinguiu atrás de mim. Olhei para baixo e a vi atracando junto à plataforma de desembarque. Um marinheiro de rosto pálido se separou do volante e saltou a terra com a amarra. Kilbourne estava sentado na cabine, observando a cena com complacência. Um par de binóculos estavam pendurados de seu longo pescoço em uma capa, e sobre seus joelhos tinha uma escopeta de dois canos.

Levei Mavis Kilbourne para seu marido, que a esperava.

Vinte e Um

A CABINE principal do iate era escura e fria. A luz da alvorada se filtrava fracamente através das janelas com cortinados e formava manchas brilhantes sobre os móveis de mogno embutidos. Uma das paredes estava quase totalmente coberta por uma grande fotografia mural dos escarpados de Acapulco, e se via o iate de Kilbourne navegando entre eles. Nossos pés eram silenciosos como os de empregados de pompas fúnebres, por causa dos grossos tapetes que cobriam o chão. Kilbourne se dirigiu à ponta da mesa que ocupava o centro da cabine, e se sentou frente a mim.

— Sente-se, senhor Archer, se sente. Permita-me lhe oferecer um desjejum. Tentou esboçar um sorriso cordial, mas a boca e os olhos eram muito pequenos para contê-lo. A voz que saía de seu grande rosto rosado era pequena, mal-humorada e preocupada.

— Precitaria estar mais faminto do que estou, disse.

— Bom, se você me permitir eu comerei um pouco.

Deu um olhar ao homem do terno listrado, que estava inclinado contra a escotilha com uma arma na mão.

— Melliores, diga ao garçom que me traga o café da manhã. E vamos iluminar um pouco o indivíduo. Não tive ainda uma boa oportunidade de ver o rosto de nosso amigo.

Melliores acendeu uma luz do teto, e logo se inclinou para fora da escotilha para falar com alguém que estava no alto da escada. Pensei em dar um pulo, e meus joelhos ficaram tensos ante a ideia. Mas sem uma arma não havia esperança. E Mavis estava inconsciente em um beliche situado justamente diante da cabine. Não podia abandoná-la: não tinha podido fazê-lo quando tive uma oportunidade melhor. De qualquer maneira, era ali onde eu queria estar. Kilbourne era o homem com quem eu devia falar. Repeti-me mesmo: era ali onde queria estar. Se repetisse muito, talvez chegasse a acreditar. Ouvia-se um golpe seco do outro lado da mesa. Kilbourne tinha tirado minha pistola e a colocara sobre a polida superfície de mogno ao alcance de sua mão. Pequenas unhas brilhavam como capas de mica nas pontas de seus dedos grossos e brancos.

— Você perdoará esta exibição de armas, espero. Eu sou um pacifista, mas entendo que você é um homem violento. Espero que você não nos obrigue a usar estas ridículas armas. A violência física sempre me embrulha o estômago.

— Você tem sorte, disse. — Nem todo mundo pode se dar ao luxo de que outros cometam os crimes por ele.

Melliores se voltou rapidamente e me olhou com três olhos. Seus dois olhos próprios eram

escuros e cintilantes. Preferi o olho único da arma. Não podia olhá-lo fixamente, mas não me importava.

— Por favor, senhor Archer, disse Kilbourne enquanto levantava a mão, imaculada como a de um policial e em um gesto próprio de um policial. — Não deve saltar a conclusões apressadas antes de saber a verdade das coisas. A verdade é mais simples do que você supõe e, realmente, não é absolutamente sinistra. Precisei adotar um ou dois recursos extralegais, admito, com o fim de proteger meus interesses. Se um homem não defender seus próprios interesses, não pode esperar que outro o faça. Esta é uma das verdades básicas que aprendi quando era um mascate no Ypsilanti. Tive humilde começo, como você vê. E não me proponho retornar a eles.

— Suas lembranças me fascinam. Posso tomar notas?

— Por favor, disse novamente. — Compartilhamos uma mútua desconfiança, é óbvio, mas entre nós não há nada mais que desconfiança. Se pudéssemos ser totalmente francos um com o outro...

— Serei franco com você. Acredito que você pagou Reavis para que matasse a senhora Slocum, e em seguida pagou a outro para matar Reavis. Se for assim, não vou permitir que se saia bem.

— A decisão não está em suas mãos, não é?

Observei que a mesa, fixada ao piso, começou a tremer ligeiramente sob meus braços. Na popa, tinham ligado os motores diesel. Na frente, um ruidoso elevador de carga estava levantando a âncora. A hélice girou na água e toda a embarcação sacudiu.

— Depois do assassinato, disse, — O rapto é coisa simples. Mas me lembrei do que eu tinha feito com Reavis e me senti hipócrita. O remorso e o temor se mesclaram em minhas veias para formar uma mescla amarga.

— Voltemos para suas afirmações. São certas em menos da metade. Eu não tenho nada a ver com a morte da idosa senhora. Ryan concebeu o plano por sua conta e o executou sozinho.

— Ele estava ao seu serviço e você se beneficiou com a morte dela.

— Precisamente. Seus dedos se entrelaçaram como um par de sapos. — Você compreende a situação, no fim das contas. Por mais inocente que eu fosse, não podia permitir que apanhassem Ryan e o interrogassem. Dei-lhe dinheiro para que escapasse. Nesta medida, confesso que fui cúmplice de um crime. Se Ryan tivesse sido levado a julgamento, eu teria sido arrastado para ele, quisesse ou não.

— De modo que você tinha que silenciá-lo.

— Antes que o promotor do distrito pudesse tomar um depoimento. Precisamente. Você vê, em uma atmosfera de sinceridade, podemos nos entender.

— Há um ponto em que não nos entendemos. Você não explicou uma coisa importante: por que Reavis queria matá-la? O que ele fazia em Nopal Valley, acima de tudo?

— Deixe-me contar desde o começo.

Inclinou-se sobre a mesa com as mãos ainda entrelaçadas. Eu não podia entender seu interesse em me dar explicações, mas enquanto durasse eu poderia utilizá-las.

— Ryan trabalhou para mim durante menos de um ano. Era meu motorista e na realidade andou fazendo outras pequenas tarefas para mim.

Seus pequenos olhos ardilosos ficaram em branco e com expressão imbecil durante um momento, enquanto examinava o passado e a parte de Ryan nele. No quarto que não se via, sua mulher respirava suave e ritmicamente. Um formoso casamento norte-americano, me disse mesmo. Não havia dúvida de que o mesmo Kilbourne tinha alugado Pat para que fizesse amor com sua mulher.

— Em princípios deste ano, continuou, — Ficou inconveniente, por diversas razões, ter Ryan como membro de minha casa. Mas não quis perder todo contato com ele. Tenho inimigos, é óbvio, e Ryan podia se converter em instrumento voluntário deles. Coloquei-o na lista de pagamentos da companhia e procurei uma local onde pudesse usá-lo. Como você provavelmente sabe, fiz algumas negociações com a defunta senhora Slocum. Mas você talvez não saiba que antes que terminassem, gastei quase cem mil dólares na exploração de sua propriedade. Ocorreu-me que podia ser conveniente ter um representante em sua casa, como amparo parcial de meu investimento. Se outros grupos interessados no vale lhe fizessem propostas, eu saberia. De modo que arrumei as coisas para que os Slocum contratassem Ryan como chofer. Não tinha ideia de que assumiria suas responsabilidades tão seriamente. Levantou ambas as mãos e golpeou a mesa com elas. Debaixo das mangas de sua jaqueta azul de lã, a carne de seus antebraços tremeu durante um momento.

— Está certo de que não tinha nenhuma ideia disso? Disse. — Você devia saber que era um psicopata, capaz de algo.

— Não. Não sabia. Achava-o inofensivo. Sua voz era muito séria. — Me entenda bem. Não pretendo estar livre de culpa. Em um sentido moral, sei que sou responsável pela morte dela. Até pode ser que em alguma ocasião, pensando em voz alta, tenha lhe desejado a morte. Acredito que aconteceu uma situação deste gênero há umas poucas semanas. De qualquer maneira, Ryan sabia que a contínua presença dela no cenário me custava centenas de dólares por dia.

— Para que andar com sutilezas? Ele trabalhava para você. Você queria que ela morresse. Ele a matou.

— Mas eu não o incitei ao crime. Nunca. Em nenhum momento. Se tivesse planejado um assassinato, Ryan seria o último homem a quem teria escolhido como agente. Era um enganador, e eu não tinha confiança nele.

Isto fazia sentido para mim. Todo o relato parecia ter sentido, de uma maneira absurda. Contra minha vontade e meu melhor julgamento, me surpreendi acreditando pela metade.

— Se você não lhe disse que a matasse, por que o fez?

— Direi-lhe por quê.

Inclinou-se para mim e entreabriu os olhos. Suas pálpebras superiores caíam em espessas dobras que se justapunham. Os olhos eram de uma cor indeterminável, insípidos e opacos como pedras sem polir.

— Ryan viu a oportunidade de me tirar uma grande quantidade de dinheiro. Ao menos o que para ele era uma grande quantidade. Ao matar a senhora Slocum, me comprometia junto com ele. Seu compromisso era também o meu. Eu devia ajudá-lo a sair de cena, e ele sabia. Agora, não admitiu isto quando veio me ver, mas certamente era sua ideia. Pediu-me dez mil dólares, e tive que

dá-los. Quando não se preocupou em não ser capturado, tive que tomar outras medidas. Teria sido mais judicioso eliminá-lo do principio, mas meus impulsos me detiveram. No fim, não tive outra solução a não ser agir. Por isso, embora não possa pretender que minhas razões neste lamentável assunto fossem totalmente puras, tampouco eram totalmente negras.

— Às vezes prefiro algo bem negro e sólido a um cinza matizado.

— Você não tem minha responsabilidade, senhor Archer. Há uma grande companhia que depende de mim. Um só passo em falso de minha parte pode destruir o meio de vida de milhares de pessoas.

— Pergunto-me se for você é realmente tão importante, disse. — Acredito que a vida seguirá sem você.

— Essa não é a questão, disse sorrindo como se houvesse dito algo engenhoso. — A questão é se a vida pode seguir sem você. Tive um grande trabalho para lhe explicar minha posição. Tinha a esperança de que se você a compreendia, adotaria uma atitude algo diferente para mim. Você é um homem inteligente, senhor Archer. E para lhe ser franco, eu gosto de você. Por outra parte, detesto matar, como já lhe disse. Além disso, minha mulher parece admirá-lo, e se eu o eliminasse, ela certamente saberia e até poderia tentar provocar dificuldades. Também posso dar conta dela, é óbvio. Até posso suportar a ideia de outra morte, se você me demonstrar sua necessidade. Mas eu gostaria de dirigir este assunto de uma maneira racional, civilizada. Não o faria você?

— Escuto. Quanto?

— Bem. Excelente, disse e franziu sua pequena boca como um querubim. — Acredito que você tem meus dez mil dólares. Não sei com certeza, mas o considero razoável, não é? Se você admitisse que os tem, isso seria uma prova muito valiosa de sua boa fé.

— Tenho-os, disse. — Fora de seu alcance.

— Guarde-os. São seus, disse agitando a mão com gesto opulento e régio.

— O que devo fazer em troca?

— Nada. Absolutamente nada. Irá desembarcar em São Pedro, e simplesmente se esquecerá de minha existência. Prossiga com seus assuntos ou tire umas longas férias e se divirta.

— Já tenho o dinheiro.

— Mas não o meio de gozá-lo. Isto ainda está em minhas mãos.

O iate começava a navegar em mar aberto. Dei uma olhada ao homem do terno listrado, ainda parado na porta com seus três olhos sobre mim. Tinha as pernas abertas e lutava contra os movimentos do navio. A arma permanecia firme. Enquanto o olhava, passou-a de uma mão à outra.

— Descanse, Melliores, disse Kilbourne. — Estamos bem longe da costa. Voltou-se para mim.

— Bem, senhor Archer. Aceita o dom da liberdade nestes termos?

— Pensarei bem.

— Não quero apressá-lo. Sua decisão é importante para ambos. Em seguida seu rosto se iluminou como quem ouviu os passos da amada. — Meu café da manhã, acredito.

Chegou sobre uma bandeja de prata que era quase muito larga para passar pela porta. O mulato de jaqueta branca que o trazia transpirava sob seu peso. Kilbourne prorrompeu em expressões de alegria ante cada prato, à medida que levantava a coberta metálica. Depois de Walter Kilbourne, a comida era seu único verdadeiro amor. Comeu com paixão; uma boa porção de presunto, quatro ovos, seis torradas, um rim, um par de trutas de rio, oito panquecas com oito pequenas salsichas, um

prato de framboesas, um pouco de creme e muitas xícaras de café. Finalmente, se reclinou em seu assento e disse ao garçom que levasse os pratos vazios.

— Bem, senhor Archer, disse enquanto seus brancos dedos formigavam em seus magros cachos de cabelo rosados. — Qual é sua decisão?

— Ainda não terminei de pensar. Uma coisa, como você sabe que poderá confiar em mim?

— Não sei. Antes de manchar as mãos com seu sangue, estou disposto a correr certos riscos. Mas acredito reconhecer os homens honestos. Esta capacidade é a base de meu êxito, para lhe ser totalmente franco. Sua voz ainda estava carregada da paixão da comida.

— Há uma contradição nessa lógica, disse. — Se eu aceitar seu sarnento dinheiro, você já não poderá confiar em minha honestidade.

— Mas você já tem o meu sarnento dinheiro, senhor Archer. E o colocou em lugar seguro mediante seus próprios esforços previdentes. Não se necessita nenhum esforço adicional de sua parte, exceto, conforme presumo, você o limpará totalmente antes de gastá-lo. Dou-me conta, é óbvio, quão estúpido seria me colocar em total dependência de sua honestidade, ou da de qualquer um. Naturalmente, espero que você assine um recibo, indicando a natureza dos serviços realizados.

— Quais?

— Exatamente o que você fez. Uma nota simples. “Pela captura e entrega de Pat Ryan.” Isto bastará. Com isto mato dois pássaros de um tiro. Anulo meu pagamento a Ryan, que é a única prova real contra mim na morte da senhora Slocum. E o que é mais importante, me protegerá em caso de que sua honestidade chegue a fraquejar e se abra julgamento pelo assassinato de Ryan.

— Em tal caso, serei um encobridor.

— E muito ativo. Precisamente. Você e eu estaremos na situação de ter que cooperar um com o outro.

Compreendi as implicações do assunto. Vi se formar em minha mente um quadro de mim mesmo, cinco anos, dez anos mais tarde, fazendo trabalhos sujos para Kilbourne e sem poder dizer que não. Fechou-me a garganta. Mas lhe respondi muito razoavelmente.

— Não posso me arriscar até esse ponto. Há meia dúzia de homens implicados na morte de Ryan. Se qualquer deles fala, se desentupirá o assunto.

— De modo algum. Só um deles tinha alguma conexão comigo.

— Schmidt. Suas sobranças subiram pela testa como surpresas larvas rosadas.

— Você conhece o Schmidt? Você é rápido, realmente.

— Conheço-o o suficiente para não desejar sua companhia. Se a polícia lhe puser a mão em cima, e o fará, ele falará e jogará tudo a perder.

— Sei. A boca de querubim sorriu brandamente.

— Por sorte, você pode se tranquilizar. Osear Schmidt saiu com a maré esta manhã. Melliot se encarregou dele por todos nós.

O homem do terno listrado estava sentado sobre o banco de couro localizado ao longo do biombo. Mostrou seus dentes em um branco e feliz sorriso, e bateu no cano de seu revólver.

— Notável, disse. — Ryan se encarrega da senhora Slocum. Schmidt se encarrega de Ryan. Melliot se encarrega de Schmidt. Você converteu tudo num sistema.

— Alegria-me que goste.

— Mas, quem se encarregará de Melliores?

Kilbourne afastou a vista de mim para pousá-la sobre o pistoleiro, cuja boca estava novamente sem expressão, e logo voltou a me olhar. Pela primeira vez nossos interesses constituíram um triângulo, o qual me aliviou de certa pressão.

— Você faz perguntas muito complexas, respondeu. — Por respeito a sua inteligência informarei que Melliores se encarrega de si mesmo há vários anos. Uma moça de meu conhecimento, uma de minhas empregadas, para ser exato, desapareceu em Detroit. Poucos dias mais tarde, seu corpo apareceu no Rio Detroit. Buscava-se para ser interrogado a certo médico sem título que não nomearemos. Na época, eu estava para ir a Califórnia e me ofereci para levá-lo em meu avião particular. Isto responde a sua pergunta?

— Sim. Queria saber exatamente o que me oferecia. Agora que sei, não quero. Olhou-me com incredulidade.

— Não quer me dizer seriamente que deseja morrer.

— Espero sobreviver, disse. — Você é muito ardiloso para me liquidar antes de recuperar seus dez mil dólares. Esse dinheiro realmente lhe importa, não é?

— O dinheiro não significa nada para mim. Olhe, senhor Archer, estou disposto a duplicar a soma. Tirou uma carteira de cantos dourados de um bolso interior e pôs dez notas sobre a mesa.

— Mas vinte mil é meu limite absoluto.

— Com exceção de seu dinheiro. Não quero.

— Advirto-lhe que sua posição para a negociação é fraca. Chega um ponto em que os benefícios diminuem, e é mais barato e mais conveniente fazê-lo matar.

Olhei para Melliores. Seus olhos brilhantes estavam cravados em Kilbourne. Sopesou a arma em sua mão e formulou uma pergunta com suas negras sobrancelhas franzidas.

— Não, lhe disse Kilbourne. — O que você quer, se não é dinheiro, senhor Archer? Talvez mulheres, ou poder, ou segurança? Posso achar um lugar em minha organização para um homem em quem se pode confiar. Francamente, se eu não gostasse de você, não esbanjaria palavras.

— Você pode confiar em mim, disse, embora o temor à morte tinha secado meus lábios e posto em tensão os músculos de minha garganta.

— Isso é precisamente o que eu gosto de você. Você tem certa teimosa honestidade...

— Mas eu não gosto de você, disse, ou melhor, grasei. O rosto de Kilbourne estava sem expressão, mas puxava seus brancos dedos com petulância.

— Melliores, daremos ao senhor Archer um pouco mais de tempo para pensar. Tem o tranquilizante?

O homem do terno listrado se levantou com urgência. Colocou sua morena mão em um bolso e a tirou agitando uma coisa de couro brilhante e como uma pera alongada. Moveu-a no ar com demasiada rapidez para que eu pudesse evitar.

Vinte e Dois

ESTAVA caminhando pelo leito de cascalho de um rio seco. Papagaios com vozes de cascalho grasnavam e voavam pelo ar tenso e colorido. Uma moça passou a meu lado com silencioso andar com seus cabelos dourados ondeando para trás por causa de seu movimento. Tropecei atrás dela e caí de joelhos; ela se voltou para me olhar e riu. Tinha o rosto de Mavis, mas sua risada era como o grasnido dos papagaios. Entrou em uma escura caverna à beira do rio seco. Segui na escuridão seu cabelo cintilante.

Quando se voltou para me olhar e rir pela segunda vez, tinha o rosto de Gretchen Keck, e sua boca estava manchada de sangue. Estávamos no corredor de um hotel tão interminável como o tempo. Nuvens de pó se levantavam de seus pés à medida que caminhava. O pó cheirava a morte em meu nariz. Abri passagem detrás dela pelos resíduos que cobriam um puído tapete: velhas fotografias e recortes de jornais, anúncios fúnebres, preservativos usados e cartas de amor unidas com uma fita rosa, cinzas e bitucas de cigarros marrons e brancos, garrafas de uísque vazias, vômitos secos e sangue seco, mantimentos ao meio comer em pratos gordurentos. Atrás das portas numeradas se ouviam gemidos e risadas sufocadas, uivos de êxtase e uivos de dor. Olhei para frente, com a esperança de que não se abrisse nenhuma porta.

A moça parou na última porta e se voltou novamente: era Cathy Slocum e me fazia gestos. Segui-a ao quarto, que cheirava a jasmims. Uma mulher jazia sobre a cama sob um manto negro de polícia. Retirei o manto de seu rosto e vi espuma. Alguém andava as tontas pela porta, atrás de mim. Atravessei o quarto até a porta-janela e a abri. O fecho fez barulho. Olhei para trás, por cima do ombro, e vi um rosto carbonizado e sem traços. Disse que não fui eu. O homem calcinado caminhou para mim; suas pegadas eram suaves como cinzas. Inclinei-me pela janela e olhei para baixo: lá longe, pela rua, os automóveis avançavam em procissão como formigas. Deixei-me cair e despertei.

O sangue pulsava em meu cérebro como uma intensa onda sobre uma praia deserta. Jazia de costas sobre algo que não era duro nem macio. Levantei a cabeça, e senti um ponto nos olhos. Tentei mover as mãos; não se moviam. Meus dedos estavam em contato com algo áspero, úmido e insensível. Permaneci quieto durante um momento, com a esperança de que a áspera superfície intumescida não fosse a minha própria pele. Um suor frio me fazia cócegas no rosto e nas laterais. Havia no aposento uma luz amarela que vinha de uma janela elevada com uma rede de arame, na parede coberta de tecido. Olhei meus braços imobilizados e vi que estavam atados com uma camisa de força de tecido marrom. Minhas pernas estavam livres; nem sequer usava calças, mas ainda tinha meus sapatos. Levantei as pernas e me compus para me sentar na borda da cama de armar. Soou um ferrolho e me levantei frente à porta recoberta de couro, enquanto esta se abria. Melliotas entrou. Uma pequena mulher de cabelo cinzento entrou atrás dele. Ele usava calças brancas e exibia um

branco sorriso mediterrâneo. Um pelo encaracolado como astracá cobria seu torso nu do pescoço até o umbigo. Uma espessa pele negra cobria os seus pés nus.

— Bem, bem. Bom dia novamente. Espero que tenha gozado seu descanso. Sua careta era uma paródia do anfitrião cordial.

— Seus serviços são desprezíveis. Tire-me isto. Envergonhei-me de minha voz, que saiu fina e seca.

— Seria impudico tirar, disse olhando a mulherzinha. — Deve ter algo em cima na presença das damas, não é verdade senhorita Macón?

Ela usava um uniforme branco de enfermeira; O topete de sua frondosa cabeleira cinzenta chegava um pouco acima da cintura do homem. Seus olhos de mocho sorriram olhando aos negros olhos brilhantes do homem. Riu com uma risada sufocada. Apontei a cabeça para o abdômen peludo e arremeti. Saltou rapidamente para o lado como um toureiro. Golpeou-me com o joelho contra um lado do meu rosto e me jogou contra a parede acolchoada. Fiquei sentado no chão e levantei novamente. A mulherzinha ensaiou uma risadinha afogada.

— É muito violento, doutor. Age como um desequilibrado, não é?

— Sabemos como tratar com ele, senhorita Macón, disse, e se voltando para mim: — Sabemos como tratar com você.

— Tire-me isto, disse, e quando fechei a boca meus dentes rangeram por sua conta.

— Não posso. Você está alterado. É minha responsabilidade fazer com que não cometa tolices durante um tempo, até que se acalme. Ela se inclinou contra a coxa dele, retorcendo sua mão miniatura no cinto de lona do homem e olhando com admiração a fonte de tão sutis palavras.

— Já matei um homem, disse. — Acredito que você será o segundo.

— Ouçam-no! Disse ela sorrindo afetadamente. — Também é assassino.

— Direi-lhe minha opinião, disse Melliotés. — Acredito que um tratamento hidroterápico lhe vai fazer muito bem. Fazemo-lo, senhorita Macón?

— Vamos.

— Faremos um tratamento hidroterápico, disse sorrindo. Fiquei onde estava, com as costas contra a parede. O homem apanhou um molho de chaves e me golpeou com elas no rosto.

— Você será o segundo, disse. Brandiu as chaves novamente. Perdi o ritmo de seus discordantes sons. Um raio caiu ferozmente sobre minha cabeça. Uma gota de sangue serpenteou por meu rosto, deixando um úmido rastro de caracol.

— Venha, disse ele, — Enquanto possa.

Fui. Chegamos a uma sala como uma abóbada sepulcral, com ladrilhos brancos e frios. A luz matutina penetrava por uma claraboia do teto e reluzia sobre uma fila de torneiras de cromo e mangueiras localizadas ao longo de uma parede. O homem me segurou pelos ombros enquanto a mulher desabotoava as correias que cruzavam por minhas costas. Tentei lhe morder as mãos. Ele fez ressonar as chaves. Melliotés me tirou a camisa de força e a jogou na mulher. Ela apanhou, enrolou-a e se apoiou contra a porta com a camisa nas mãos. Havia um alegre sorrisinho de espera em seu rosto, o sorriso de um bebê que ainda não nasceu. Olhei meus braços. Brancos e intumescidos, se endireitavam lentamente como serpentes no começo da primavera. Um jorro de água me golpeou, me fez cair sobre o chão de ladrilhos e rodar até a parede. Sentei-me, ofegante. Por cima do rugido da

água, a mulher fez ouvir uma risada de infantil prazer.

Melliotes estava reclinado tranquilamente contra a parede oposta. Gotas de água brilhavam como sobre seu pelo. Uma de suas mãos sustentava uma torneirinha unida a uma branca mangueira de borracha. A outra estava apoiada sobre uma barra de cromo fixada à parede. A água fria corria por meu rosto. Dirigi-me para ele caminhando sobre as mãos e os joelhos, de gatinhas, com o rosto dobrado. A água correu debaixo de mim e me pôs de costas. Voltei-me sobre os pés e saltei em direção a ele; mas fui detido no meio do ar e arrojado de volta contra a parede. Levantei-me novamente. Melliotes desprendeu outra mangueira e apontou com ela como um atirador perito.

— Olhe esta, disse. — É minha melhor. Um magro jorro de água atravessou a sala e me golpeou no peito. Quando olhei para baixo, uma letra M de seis polegadas estava impressa em vermelho sobre minha pele e dela emanavam gotinhas de sangue. — Falando de matar, como você falou há um momento, esta pequena fonte mata.

Atravessei a sala e pus uma mão sobre sua garganta. Ele se sacudiu e me fez cambalear; estava muito fraco para permanecer de pé. A correnteza mais forte me lançou de novo contra a parede. Permaneci imóvel onde tinha ficado, até que a porta se fechou e a chave girou na fechadura. Em seguida me sentei. Meu peito e meu estômago estavam cobertos de rodela vermelhas que estavam ficando azuis. Tinha marcado seu monograma.

A porta era de aço esmaltado, rigidamente ajustada ao marco. Abria-se para fora, não tinha trinco de meu lado. Empurrei-a duas vezes com o ombro e logo renunciei. A claraboia tinha um vidro opaco reforçado por uma rede de arame. Mas ficava a uns três metros e meio do chão, fora de todo alcance. Tentei subir pela parede me apoiando nas barras e mangueiras, mas tudo o que consegui foi uma ducha que não precisava. Fechei a torneira que tinha aberto acidentalmente e observei a água com aversão. Corria para uma depressão central no piso, onde fluía por um deságue. Este se achava coberto por uma tampa metálica circular. A tampa se elevou quando pus minhas unhas debaixo dela. Observei de joelhos um tubo de quatro polegadas que era a única saída, e tive desejos de ser um rato de sarjeta. Uma úmida ideia rondava por minha cabeça como um animal semiafogado. Havia outra saída da branca sala. Estava hermeticamente fechada, pois tinha sido construída para conter água. Se acontecesse de encher de água, poderia chegar flutuando até o forro do teto. Era um experimento perigoso, mas não tanto como permanecer ali esperando que Melliotes pensasse em outras brincadeiras. A primeira coisa que tinha que fazer era fechar o deságue.

Tirei os sapatos e as meias, e encaixei a ponta de um sapato na abertura, preenchendo o resto com as meias. Em seguida abri todas as torneiras completamente. A água assobiava, brotava e salpicava as paredes. Esquivei-me o melhor que pude; Melliotes tinha me provocado hidrofobia. Parado no fundo mais longínquo, observava como a água chegava sucessivamente aos meus calcanhares, meus joelhos e minha cintura. Em quinze ou vinte minutos estava flutuando. Estava agradavelmente quente, e gradualmente perdi o temor. Pus-me de costas e esperei que o teto estivesse mais perto. Quando levantei a cabeça, pude ouvir o assobio do ar pelas frestas da claraboia. Depois de algum tempo, durante o qual me elevei segura e imperceptivelmente junto com a água, fiquei muito perto do forro do teto para poder tocá-lo com a mão.

Mantive-me flutuando verticalmente e soquei a claraboia. Atirei o murro sem mirar; sabia que se meu punho atravessasse o vidro me destroçaria a mão. O golpe sacudiu o vidro reforçado, mas ricocheteou ineficazmente. Respirei profundamente e mergulhei em busca de um de meus sapatos. A água era transparente e tranquila, exceto ali onde os jorros borbulhavam e se chocavam contra a parede. Um raio de sol penetrou pela claraboia e converteu a massa líquida em um cubo de pálida luz esverdeada. Choquei-me contra o chão e apanhei o outro sapato. Doíam-me os ouvidos pela pressão das toneladas de água que havia em cima de mim.

Produziu-se um movimento repentino na água, um tremor e uma vibração que me revolveram o estômago. Tinha acontecido algo que não entrava em meus planos; parecia que tinha engenhado isso para morrer como um rato em um poço. Comecei a fechar as torneiras. Mas meus pulmões precisavam de ar e acima já não sobrara muito. Com o sapato na mão, juntei as pernas para dar um salto para cima. Outro tremor sacudiu a água. Ouviu-se um rangido metálico em direção à porta. Tinha sido construída para reter água, mas não com a sala cheia dela. Enquanto voltava bracejando lentamente, a porta branca se inflou como uma vela e desapareceu em um agitado tumulto. A pressão liberada da água me arrastou com ela. Estendi minha mão livre para me aferrar a algo, mas sem conseguir.

Fui varrido através da porta, arrojado contra a parede oposta do corredor e obrigado a dar uma cambalhota ao longo dele. Senti o vão de uma porta com a mão e me aferrei a ele, enquanto a água me fustigava. A corrente diminuiu quase tão subitamente como tinha começado, e o nível da água baixou. Achei o chão e me afirmei no vão. Melliotas estava na sala com a mulher. Esta lutava com a água, chapinhando com braços e pernas. Ele se inclinou sobre ela e a levantou em seus braços. Ela se encarapitou sobre ele, como um bonito recém-nascido sem cabelo que choramingava. Eu ainda tinha na mão o sapato, um sólido calçado de salto reforçado com ferro.

Acertei Melliotas na cabeça, que caiu sobre a água com a mulher encarapitada nele: papai chimpanzé e seu bebê.

Observei a sala. O uniforme branco da mulher, um cesto para papéis, um disperso buquê de flores, papéis e roupas soltas flutuavam sobre a maré minguante. Havia uma mesa branca de carvalho, uma poltrona de couro e um sofá, tudo marcado pela água. Um papel de escritório tinha o cabeçalho:

SANATÓRIO PARTICULAR ANJO DA MERCÊ
HIDROTERAPIA E IRRIGAÇÃO DE CÓLON
QUARTOS PARTICULARES
DR. G. M. MELLIOTES

Seguia um endereço de Veneza e um número de telefone. Pesadas cortinas vermelhas da janela se arrastavam pelo piso empapadas. Através das ripas da persiana veneziana pude ver uma ensolarada grama com flores e cadeiras de coberta. Um magro ancião com um traje tropical de algodão estava caminhando de uma cadeira à outra, se é que podia se chamar caminhar a aquilo. Movia-se de maneira errática, em diversas direções à um mesmo tempo, como se tivessem lhe extirpado os terminais de seu sistema nervoso. O Sanatório Particular “Anjo da Mercê” podia ter um padre permanentemente. Uma coisa pequena, viscosa e enfurecida me arranhou as pernas. Afastei-me. Eu não gostava do contato com ela.

— Está se afogando! Gritou a mulher. — Não consigo virá-lo.

Melliotes estava com os braços e as pernas estendidos sobre o úmido chão escuro, com o rosto em um atoleiro de água. Olhei a ensanguentada parte traseira de sua cabeça e não senti nenhuma pena. Puxei-o por um braço e uma perna e o virei. Tinha os olhos em branco, com fibras vermelhas. Seu peito ofegava como o de um cão cansado. A mulher rodeou a mesa e abriu uma gaveta. Voltou para mim sustentando com ambas as mãos o revólver de Melliotes. Eu não tinha a menor intenção de morrer em semelhante companhia, e lhe dei um tapa. Grunhiu guturalmente e cobriu o magro peito com os braços.

— Quero minha roupa, disse. — E vista algo você também. Não posso suportar seu aspecto.

Sua boca se abria e se fechava como a de um peixe. Recolhi o revólver e ela fez o que lhe disse. Abriu a porta de um armário e retirou um vestido de algodão. Minhas roupas estavam emboladas no chão do armário. Agitei o revólver em direção à mulher e lhe disse:

— Agora desapareça.

Ela saiu, depois de dar um olhar em Melliotes. Sua comovedora partida me rasgou o coração. Coloquei minha roupa.

* * *

Vinte e Três

O REVÓLVER era um Smith & Wesson calibre 38, com cano de aço azul de seis polegadas e número de série 58237. Embainhei-o no bolso de meu paletó. O traje de linho listrado de Melliot es estava pendurado em um cabide no armário. Em seu bolso interior encontrei minha pistola automática e minha carteira. Coloquei-as onde deviam estar e me dirigi à porta. A respiração de Melliot es sossegou, mas ainda dormia o sono dos que receberam um paulada. Meus sapatos soltaram água pelo chão do corredor. Em ambos os lados deste havia pesadas portas, todas fechadas e com chave. O corredor estava tão escuro e desagradável como o de meu sonho. A única luz vinha de uma porta com cortinas que havia no outro extremo. Abri-a e pus um pé na entrada quando ouvi alguém gritar atrás de mim. Era uma mulher, e os gritos estavam afogados por grossas paredes a prova de ruídos. Voltei-me para a sala.

— Deixem-me sair! As consonantes se apagavam e só se ouviam as vocais. — Por favor, me deixem sair! Os gritos se ouviam mais fortes em uma porta que nas outras. Quando golpeei à porta, a mulher disse: — Quem é? Deixe-me sair.

Pfui! Mavis novamente. O coração caiu aos pés e ricocheteou para subir até minha garganta. Menino que se queima não consegue ficar longe do fogo. “Ao diabo contigo, Mavis”, pensei mesmo, mas só eram palavras. O que fiz foi voltar aonde estava Melliot es, apanhar suas chaves e as testar na porta até que encontrei a que abria a porta. Mavis retrocedeu e me olhou. Em seguida correu para meus braços, com um pequeno suspiro choroso.

— Archer, você veio!

— Estou aqui há algum tempo. Parece que sou um bom residente.

— Seja como for, está aqui.

Voltou para a sala e se sentou sobre o beliche. Era uma cela semelhante a que eu tinha ocupado, com janela de rede metálica e paredes acolchoadas. Os anjos da mercê cuidavam bem a seus pacientes.

— Que tipo de clientela tem Melliot es? Pálida e aturdida, ela mesma parecia um doente mental. Movia a cabeça para frente e para trás, e seus olhos oscilavam também para frente e para trás como movidos por seu próprio peso.

— Nunca estive aqui antes, e adicionou no mesmo tom tranquilo e abandonado: — Vou matá-lo. Havia escamas de sangue seca em seu lábio inferior, onde tinha se mordido.

— Já houve muitas mortes. Ânimo Mavis. Desta vez irá para o México sem dúvida nenhuma.

Inclinou-se para frente com os olhos fechados e apoiou sua pequena cabeça sobre minha coxa.

Seu cabelo se dividiu na nuca e caiu para frente, ao redor de seu rosto, como duas asas brilhantes. Desde esse esconderijo, sussurrou:

— Só se você for comigo.

Continuamos de onde tínhamos parado. O iate e a câmara de água, Kilbourne e Melliores, eram personagens e cenas de um sonho de morfina. Recordei os traços apagados pelo fogo de Pat Reavis, e me separei dela.

— Irei consigo até o aeroporto. Até comprarei uma passagem, de ida somente.

— Tenho medo de ir sozinha. Sua voz era um sussurro, mas seus olhos brilhavam detrás da trama de seus cabelos. Respondi que eu tinha medo de segui-la. Ela ficou de pé repentinamente e deu um chute contra o chão.

— O que acontece, Archer, tem alguma namorada? Ela era muito má atriz e eu estava perturbado.

— Oxalá tivesse.

Parou frente a mim com as mãos nos quadris e me acusou de impotentia coeundi, embora não fossem estas as palavras que usou.

— Os homens lhe mimaram da escola primária, não é? Mas não tem sentido estar aqui nos lançando adjetivos. Em dois minutos sairei daqui. Pode vir comigo, se quiser. Até o aeroporto.

— Até o aeroporto, me imitou ela. — Achei que você gostava de mim.

— E gosto. Mas tenho duas boas razões para continuar livre. Uma, o que aconteceu a Reavis. Outra, o caso que tenho entre mãos.

— Acreditava que trabalhava para mim.

— Trabalho para mim mesmo.

— De qualquer maneira, não sou eu a parte melhor do caso?

— O todo é sempre maior que as partes, disse, mas não ouvi o som de minha própria voz.

Ouviu-se fechar-se com estrépito uma porta de automóvel, e passos, cada vez mais fortes, que caminhavam sobre cimento. Alguém pesado e veloz vinha pelo caminho. Ela ouviu o ruído e ficou congelada: uma ninfa em uma urna. Tirei minha pistola e olhei pelo corredor. A porta com cortinas da frente tinha ficado ligeiramente entreaberta, como eu a tinha deixado. Apareceu uma sombra sobre a cortina e a porta rangeu. Voltei para a sala e examinei o carregador de minha pistola automática. Estava cheio e a bala se achava ainda na recâmara. Os passos se aproximaram da porta aberta da sala em que nos achávamos e ficaram mais lentos. Mavis me tocou o ombro.

— Quem é? Disse.

— Fica quieta. Os pesados pés deixaram de se ouvir. Moveram-se com indecisão e em seguida se afastaram. Saí ao corredor. Kilbourne se dirigia rapidamente para a porta da frente, aberta. — Pare! Disse e disparei um balaço na parede próxima dele.

A bala fez um buraco de seis polegadas no gesso e o deteve ali onde estava. Voltou-se lentamente e levantou os braços lentamente, como sob pressão hidráulica. Levava um chapéu de feltro e um

fresco terno escuro com um cravo de pintas rosadas na lapela. Seu rosto exibia as mesmas pintas rosadas.

— Melliotas tinha razão, disse. — Não devia deixá-lo viver.

— Você cometeu uma série de enganos. Há ainda centenas de pessoas vivas... A porta de automóvel se fechou de novo, de maneira quase inaudível. Passei o revólver azul a Mavis.

— Sabe usá-lo?

— Sim.

— Leve-o a sala e fique ali.

Afastei Kilbourne com o cotovelo, corri para a porta dianteira e me deslizei atrás dela. Subiu à entrada um homem cujo nariz ressonava como uma fanfarra de trompetistas ao respirar. Quando o chofer de Kilbourne atravessou a porta, travei suas pernas com meu pé. Caiu pesadamente sobre mãos e joelhos, e lhe bati na cabeça com a culatra do meu quarenta e cinco. A porta se fechou de repente. Seu eco voltou do outro extremo do corredor amplificado, junto com a ruidosa explosão de uma arma de fogo. Ela saiu à porta, ao meu encontro.

— Tive que fazê-lo, disse com voz trêmula. — Tentou me tirar o revólver. Teria matado a ambos.

— Não me meta nisto.

— É verdade, ia me matar.

Explodiu em gritos histéricos. Olhou para as mãos como se fossem brancos pássaros maus. Um mago perverso chamado Kilbourne os tinha posto por encantamento. Kilbourne estava sobre o chão, com o ombro apoiado contra o beliche. Era um monte de carne luxuosamente embelezada para a morte, com uma só flor que tinha comprado para si mesmo. Um cravo mais escuro tinha brotado em uma órbita. O revólver de Melliotas jazia sobre seu regaço.

— Me levará ao aeroporto? Agora?

— Agora não. Sempre faz o que não deve.

— Está morto?

— Todo mundo está morrendo.

— Fico contente. Mas me tire daqui. É horrível.

— Devia tê-lo pensado há um minuto.

— Não me engane, pelo amor de Deus. Tire-me daqui.

Olhei-a e pensei em Acapulco, nas bonitas e quentes águas de pesca, os altos escarpados e as longas e lentas noites de tequila. Dez milhões de dólares e Mavis: tudo o que tinha que fazer era um pequeno suborno. Passou pelo olho secreto de minha mente como um filme feito há muito tempo. Tudo o que devia fazer era tirar da lata e adicionar um novo diálogo. Nem sequer o diálogo era necessário. Tinha golpeado o chofer antes do balaço. Melliotas estava inconsciente. E a bala alojada no cérebro de Kilbourne vinha de seu próprio revólver. Mavis e eu podíamos ir e esperar a que o testamento fosse autenticado. Dei um longo e duro olhar a todo o corpo dela e ao seu rosto vazio. Deixei-a na lata. Ela compreendeu minha intenção ainda antes que eu falasse.

- Não vai me ajudar, não é?
- Você sabe ajudar muito bem a si mesma. Entretanto, não o suficiente. Eu poderia lhe encobrir, mas você deixaria escapar algo quando viessem os homens do promotor do distrito. Em tal caso, seria assassinato em primeiro grau, e eu estaria comprometido nele.
- Você está preocupado por seu próprio ossudo cangote!
- É o único que tenho. Mavis trocou de tática.
- Meu marido não fez testamento. Sabe quanto dinheiro tem?
- Tinha.
- Mais que você, provavelmente.
- Não poderá gastá-lo, se estiver morta ou na prisão.
- Não, não se pode. Mas você está desejando me enviar para ali. Sua boca expressou a piedade que sentia por si mesmo.
- Não por muito tempo. Provavelmente nem sequer vá para a cadeia. Pode alegar homicídio sem premeditação ou se aferrar à morte em defesa própria. Com os advogados que pode pagar não passará nenhuma noite na prisão.
- Está mentindo.
- Não, disse parada frente a ela. — Gosto de você.
- Se realmente gostasse, me tiraria daqui. Poderíamos ir juntos. A qualquer parte.
- Também pensei nisso. Mas não farei isso.
- Não me deseja? Disse com ar aflito e perplexo. — Disse que sou bonita. Poderia fazê-lo feliz, Lew.
- Não pelo resto de minha vida.
- Não sabe. Não me provou. Senti vergonha por ela e por mim mesmo. O filme de Acapulco se agitava como uma serpente brilhante no fundo de minha mente.
- Há um telefone no escritório de Melliores, disse. — Ligue para a polícia. É melhor, se for alegar defesa própria.

Começou a chorar, soluçando violentamente com a boca aberta e os olhos apertados. Sua intensa e genuína aflição era mais comovedora que qualquer de suas poses. Quando procurou algo sobre o qual chorar, lhe ofereci meu ombro. E a levei lentamente pelo corredor até o telefone.

* * *

Vinte e Quatro

O SEGURANÇA do estúdio era um fornido ex-policial que era ornamento de uma deliciosa cortesia. Inclinou-se para a abertura de sua janela.

— A quem você queria ver?

— A Mildred Fleming, É secretária de um dos produtores ou diretores.

— Ah, sim! A senhorita Fleming. Um momento, por favor. Chamou por telefone e logo olhou para cima com sobrancelhas interrogativas.

— A senhorita Fleming quer saber quem é.

— Lewis Archer. Diga-lhe que Maude Slocum me enviou.

— Quem o enviou?

— Maude Slocum.

O nome despertou inesperadas ressonâncias em meu interior. O homem falou novamente pelo telefone e se levantou sorrindo.

— A senhorita Fleming estará com você em breve. Sente-se, senhor Armature.

Sentei-me em uma cadeira de cromo, no fundo afastado do grande e arejado corredor. Era a única pessoa vivente deste lado do vidro, mas as paredes estavam cobertas de gigantescas fotografias. As estrelas do estúdio e famosos atores me contemplavam de um elevado mundo irreal onde todos eram jovens e enormemente alegres. Uma das potranças de cabelos claros me recordou Mavis; um dos jovens morenos podia ter sido Pat Ryan totalmente polido e provido de dentes de porcelana. Mas Pat estava em algum lugar sob uma laje. E Mavis estava na corte de justiça conversando com seus advogados a respeito da liberdade sob fiança. Os finais felizes e as laranjas maiores, a Califórnia as reservava para exportação.

Uma mulher baixa, com uma blusa colorida, apareceu por uma porta de vidro, que fechou com chave atrás dela. Seu cabelo curto tinha reflexos azulados escuros que sentavam tão bem a sua pequena cabeça como uma capa de laca da China. Seus olhos, de cor marrom escuro e experimentados, aguentavam certa carga. Pus-me de pé e fui ao seu encontro, enquanto ela avançava para mim movendo seu corpo formal com rápida e nervosa energia.

— Senhorita Fleming? Eu sou Archer.

— Olá, disse me estendendo uma firme mão fria. — Achei ouvir dizer que seu nome era Armature.

— Isso ele entendeu.

— Fico contente que não seja assim. Tivemos uma vez um ajudante de diretor chamado Organic, mas ninguém o pôde levar a sério. Trocou o nome, ficou Goldfarb, e conseguiu progredir muito.

Falava com uma velocidade de cem palavras por minuto, o ritmo da datilógrafa que eu tinha na mente.

— Também disse que Maude Slocum o enviou. Ou é outro de seus típicos equívocos?

— Disse isso, mas não é exatamente assim.

O sorriso abandonou seus olhos e me estudou de pés a cabeça com um rápido olhar duro. Alegrei-me de me ter posto um terno limpo ao sair da Corte de Justiça. Aos cinco ou dez anos, ela ainda recordaria o desenho de minha gravata, e poderia assinalar a minha entre uma série de fotografias de malfeitores.

— Bem, me disse com hostilidade. — Você me dirá o que vende e eu lhe direi até que ponto não me interessa, seja o que for. Estou ocupada, amigo. Você não deveria fazer estas coisas.

— Vendo meus serviços.

— Oh, não, isso não! É um palhaço nato.

— Sou detetive particular. Até ontem à noite trabalhava para a senhora Slocum.

— Fazendo o que?

— Investigando certo assunto.

— É curioso que não me tenha isso dito, disse. Pareceu interessada novamente. — A vi o almoço anteontem. O que aconteceu ontem à noite? Despediu-o?

— Não. Ela renunciou.

— Não o entendo, disse, mas compreendeu a firmeza de meu tom. A emoção fluiu a seus olhos, escura como tinta.

— Ontem à noite se suicidou. Mildred Fleming caiu sentada e se aferrou a borda de um banco de plástico verde.

— Você está brincando.

— Está absolutamente morta.

— Mas, por que, em nome de Deus? Brotaram de seus olhos algumas lágrimas que percorreram suas bochechas corroendo sua espessa maquiagem. Limpou-se com um lenço de papel. — Me perdoe. Eu gostava muito dela, conhecia-a desde a escola secundária.

— Ela também. Por isso gostaria de falar com você. Deslocou-se como um colibri para a porta de saída.

— Vamos ao outro lado da rua. Convido-o para um café.

A drogaria da esquina tinha tudo o que deve conter uma drogaria, exceto produtos farmacêuticos. Periódicos e revistas, projetores de cinema e pernas de pau, óculos para o sol, cosméticos, trajes de banho e vinte espécimes diversos de paroquianos que observavam a porta em busca de um rosto familiar. Havia um bar no fundo, com cabines ao longo da parede, a maioria delas vazias na calma da sesta. Mildred Fleming deslizou para uma das cabines e levantou dois dedos em direção à garçonete que estava atrás do balcão. A garçonete veio trazendo duas grandes xícaras e as passou a minha acompanhante.

— Moça tola! Disse quando a garçonete se retirou. — Acredita que tenho influência. Já ninguém tem influência. Inclinou-se sobre a mesa cheia de marcas e sorveu seu café. — Bom, me conte da pobre Maude. Sem um café não poderia suportá-lo.

Eu tinha ido vê-la a em busca de informação, mas primeiro lhe contei o que eu julgava conveniente que soubesse: o que tinha acontecido a Olivia Slocum na água, a Pat Ryan com o fogo e Maude com a estricnina. Omiti Kilbourne e Mavis, e o que cada um tinha feito ao outro. Ela escutou com calma, embora no final necessitava de sua maquiagem mais que antes. Não disse uma palavra até que mencionei Knudson e o fato de que tinha me expulsado da cidade.

— Não deve lhe prestar muita atenção. Imagino como ele se sente. Não sei se devo dizer isto a você...

— Não precisa me dizer isso. Knudson gostava dela, era muito óbvio.

Eu procurava uma greta em suas defesas. A maioria das boas secretárias têm uma debilidade profissional: reúnem informação internamente, e depois de reuni-la têm que contar a alguém. Sentiu-se picada.

— Se já conhece toda a história, por que veio até aqui?

— É muito pouco o que sei. Não sei quem afogou Olivia Slocum, nem por que Maude Slocum tomou estricnina. Vim a vê-la porque era sua amiga mais íntima. Pensei que tinha direito de saber o que tinha acontecido e que desejaria me ajudar a ir até o fundo do assunto. Ela se sentiu gratificada.

— Quero ajudá-lo. Sempre fui confidente de Maude e posso lhe dizer que teve uma vida trágica. Pediu mais café e logo se voltou para mim. — No concernente à sogra, você não disse que esse homem a tinha matado, Pat Ryan?

— Essa é a teoria de Knudson, e a maioria dos indícios a apoia. Não tenho uma teoria alternativa, mas tampouco a aceitei.

— Não pensa que Maude... Seus olhos brilharam sombriamente na escura cabine.

— Não.

— Fico contente de que assim seja. Todos que a conheceram lhe dirão que era incapaz de machucar alguém. Era uma criatura amável, apesar de tudo.

— De tudo?

— De toda sua vida desordenada. Tudo o que a levou a se suicidar.

— Então, você sabe por que o fez.

— Acredito saber. Viveu crucificada durante quinze anos. É a única mulher que conheci que quis fazer o correto e não pôde. Tudo era excelente em Maude, exceto sua vida. Cometeu um par de enganos que não pôde apagar. Contarei com uma condição. Você tem palavra de honra?

— Tenho palavra. Fui oficial durante a guerra. Seu firme e agudo olhar me esquadrinhou novamente.

— Acredito que confiaria em você na medida em que confie em mim mesma, não mais. Dê-me sua palavra de que Cathy nunca saberá disto e que não a afetará. Adivinhei o que ia me dizer.

— Não posso garantir, se houver outras pessoas que saibam.

— Ninguém exceto eu, disse. — E Knudson, é óbvio, e talvez a mulher de Knudson.

— De modo que Knudson tem mulher.

— Não vive com ela há quinze ou dezesseis anos, mas são casados para sempre. Ela nunca se divorciará dele, faça o que faça. Odeia-o. Acredito que ela odeia todo mundo. Se alegrará quando souber que Maude se matou.

— Você conhece a mulher, não é?

— Sim, conheço-a! Vivi em sua casa durante quase um ano e a conheço mais do que queria. Eleanor Knudson é uma dessas duras e virtuosas mulheres que não dariam nem dois centavos para fechar os olhos de um morto. Maude também viveu ali. Fomos companheiras de quarto; assim começou tudo. Estávamos cursando o segundo ano em Berkeley.

— A senhora Knudson tinha uma pensão em Berkeley?

— Alugava quartos para moças. Seu marido era sargento da polícia de Oakland. Ela era mais velha que ele; nunca entendi como conseguiu apanhá-lo. Provavelmente foi a história comum do inquilino e da dona-de-casa: proximidade, cuidado maternal e mais proximidade. Ela era inteligente e não tinha aspecto ruim, para quem gosta do tipo de mulher fria como o aço. De qualquer maneira, ela e Knudson já eram casados há vários anos quando fomos morar ali.

— Você e Maude, quer dizer?

— Sim. Fizemos o primeiro ano no Colégio para Professores de Santa Bárbara, mas não pudemos permanecer ali. Ambas precisávamos trabalhar e não havia muito trabalho em Santa Bárbara. O pai de Maude era fazendeiro em Ventura, foi ali onde fizemos a escola secundária, em Ventura, mas a crise o arruinou. Meu pai havia morrido e minha mãe não podia me ajudar. Já era muito difícil manter a ela mesma. De modo que Maude e eu fomos para a grande cidade. Ambas sabíamos datilografia e taquigrafia, e vivemos disso, fazendo taquigrafia pública e passando a máquina dissertações. A vida era difícil naqueles dias. Pagávamos à senhora Knudson dez dólares por mês pelo quarto, e fazíamos a comida. Até pudemos assistir a algumas das aulas.

— Eu estava por ali naqueles dias, disse. Sorveu os restos de seu café e acendeu um cigarro, me olhando sombriamente através da fumaça.

— Eram dias muito tristes. Havia filas de um quilômetro de comprimento nas cozinhas de campanha das missões religiosas em São Francisco e Oakland, mas nós íamos fazer carreira e conquistar o mundo. Em seguida me dei conta de que só era minha ideia. Maudie foi comigo porque eu precisava. Era mais inteligente que eu e melhor. Era do tipo feminino puro, sabe como é? Tudo o que ela realmente queria era um marido, um lar e a oportunidade de criar honestas criaturas como ela. Mas se envolveu com um homem que nunca ia poder se casar com ela enquanto vivesse. Ao menos enquanto Eleanor Knudson vivesse. Observei como acontecia tudo sem poder impedir. Pareciam um para o outro, Maudie e Ralph, como nas histórias de amor. Ele era todo um homem e ela toda uma mulher, e a esposa uma cadela frígida. Era impossível que vivessem na mesma casa sem se apaixonar um pelo outro.

— E fazer música juntos?

— Maldito seja! Cuspiu repentinamente. — É uma atitude desprezível. Era o certo, veja. Ela tinha vinte anos e era orgulhosa. Nunca tinha ido com um homem. Ele era o homem para ela e ela a mulher para ele. Eram como Adão e Eva. Maudie não tinha a culpa de que ele já estivesse casado. Entrou no assunto com a ingenuidade de uma criança, e o ele mesmo. Simplesmente aconteceu. E era autêntico, insisti, — Olhe o quanto durou.

— Eu vi. Agitou-se desassossegadamente, enquanto esmiuçava a bituca de seu cigarro em seus dedos pequenos e duros.

— Não sei por que conto a você estas coisas. O que significam para você? Alguém lhe paga?

— Maude me deu duzentos dólares, que já se esfumaram. Mas uma vez que entro em um caso

tento permanecer nele até o fim. É mais que curiosidade. Ela se suicidou por alguma razão. Devo a ela ou a mim mesmo descobrir essa razão, chegar a ver todo o assunto com clareza.

— Ralph Knudson conhece as razões. Eleanor Knudson as conhece. No fim das contas foi ideia dela. Maude precisou passar seus melhores anos com um homem de quem não gostava, e acredito que simplesmente se cansou disso.

— O que quer dizer com que teve que se casar com Slocum?

— Ainda não me deu a sua palavra, com respeito à Cathy.

— Não precisa se preocupar com Cathy. Sinto pena pela garota. Seria incapaz de lhe fazer algum mal.

— Suponho que depois de tudo não importa. James Slocum deve ter sabido que não era filha dele. Disseram que era prematura, mas sem dúvida Slocum sabia.

— Então, Knudson é o pai de Cathy.

— Quem mais podia ser? Quando soube que Maude estava grávida, pediu o divórcio a sua mulher. Ofereceu-lhe tudo o que tinha. Não houve nada a fazer. De maneira que Knudson deixou a sua mulher, seu trabalho e desapareceu. Quis levar Maudie consigo, mas ela se negou. Tinha medo e pensava na criança que levava em suas vísceras. James Slocum quis se casar com ela, e ela aceitou.

— Como ele entrou em cena?

— Maude estivera escrevendo a máquina para ele durante todo o inverno. Estava fazendo trabalho de graduação em drama e parecia em boa posição, embora não tenha sido esta realmente a razão pela qual se casou com ele, ao menos não a única razão. Ele tinha tendências homossexuais, você sabia? Ele dizia que precisava dela, que ela podia salvá-lo. Não sei se o conseguiu ou não. É provável que não.

— Ainda estava tentando, disse. — Você deveria fazer meu trabalho, senhorita Fleming.

— Quer dizer que sou boa observadora? Sim, sou. Mas no concernente a Maudie não precisava ser: fomos como irmãs. Analisamos todo o assunto antes que desse a resposta a Slocum. Eu a aconselhei que se casasse com ele. Cometi um erro. Frequentemente cometo erros, disse com um sorriso amargo. — Seja dito de passagem, não sou senhorita. Meu nome é senhora Mildred Fleming Kraus Peterson Daniels Woodbury. Fui casada quatro vezes.

— Congratulações, quatro vezes.

— Sim, respondeu secamente. — Como lhe dizia, cometo erros. Pela maioria deles, pago eu mesma as consequências. Mas por este, Maude pagou as consequências. Ela e Slocum abandonaram o colégio antes de terminar o semestre da primavera e foram viver com a mãe dele, em Nopal Valley. Estava decidida a ser uma boa esposa e uma boa mãe, e o foi durante doze anos. Doze anos. Em 1946, viu uma fotografia de Knudson no Los Angeles Theme. Ele era tenente de polícia em Chicago e tinha apanhado a um criminoso. De repente se deu conta de que ainda o amava e que estava perdendo a sua vida. Veio aqui e me contou tudo. Disse-lhe que fosse a Chicago. Ela tinha algum dinheiro economizado e foi. Knudson ainda vivia sozinho. Durante aquele outono, o chefe de polícia de Nopal Valley foi despedido por se deixar subornar. Knudson solicitou o posto e o obteve. Queria ficar perto de Maude e ver a filha. De modo que finalmente se reuniram, em certo sentido. Mildred suspirou. — Acredito que Maude não podia resistir a tensão de ter um amante. Não era feita para a intriga.

— Não. Isso não acontecia.

— Maude tinha muito maturidade para saber o que tinha que fazer, se pudesse. Devia ir com Knudson desta vez. Mas era muito tarde. Tinha que pensar em Cathy. O pior era que Cathy não gostava de Knudson. Em troca, era louca pelo Slocum.

— Muito louca, disse.

— Sei o que você quer dizer. Seus escuros e aguçados olhos se velaram, mas em seguida limpavam o véu. — É óbvio, ela acredita que Slocum é o pai. Penso que é melhor que siga acreditando, você não acha?

— Não é meu problema.

— Tampouco o meu. Por sorte. Aconteça-lhe o que acontecer, sinto por ela. É lamentável. É uma criatura maravilhosa. Acredito que irei lá no fim de semana... Quase me esqueci do funeral. Quando é?

— Não sei. É melhor que ligue para a casa. Ficou rapidamente de pé e me ofereceu a mão.

— Devo ir agora. Tenho um trabalho para terminar. Que horas são? Olhei meu relógio.

— Quatro horas.

— Adeus, senhor Archer. Obrigado por me escutar.

— Sou eu quem deve agradecer.

— Não. Tinha que falar com alguém. Senti-me culpada. Ainda me sinto.

— Culpado de quê?

— De estar viva, suponho.

Deu-me um penoso sorriso e saiu rapidamente. Permaneci sentado com uma terceira xícara de café e pensei em Maude Slocum. A sua era uma dessas histórias sem vilões nem heróis. Não havia ninguém a quem admirar, nem a quem acusar. Todo mundo tinha feito mal a si mesmo e tinha feito a outros. Todo mundo tinha fracassado. Todo mundo tinha sofrido. Talvez Cathy Slocum fosse a que tinha sofrido mais que todos. Minhas simpatias estavam transladando da mulher morta à moça viva. Cathy tinha nascido inocentemente no meio do conflito. Tinha absorvido ódio e tinha sido educada em um inferno onde nada era real, exceto seu amor pelo pai.

Que não era seu pai.

* * *

Vinte e Cinco

A VIAGEM para Quinto, em um velho ônibus cheio de turistas de fim de semana, foi longo, lento e quente. Uma moça que exalava bafos de cerveja e de perfume com aroma de malva me brindava o relato de seus triunfos no boliche, no Boliche Waikiki de vinte pistas, no bulevar Figueroa. Na junção de Quinto, me despedi rapidamente dela e caminhei até o ancoradouro. Meu automóvel estava onde o tinha deixado. Um multa por estacionamento estava encostada no limpador de para-brisas. Rasguei-a em oito pedaços e os joguei no oceano um por um. Não tinha intenção de voltar para Quinto, se pudesse evitar.

Dirigi-me novamente a Nopal Valley. A rua central estava obstruída pelo trânsito do anoitecer e os automóveis estacionados se alinhavam ao longo das calçadas. Um deles saiu diante de mim e ocupei seu lugar. Caminhei uma quadra até o Antônio e me sentei ao final do balcão, cheio de gente. Antônio me viu e me fez um gesto de reconhecimento. Sem dizer uma palavra, foi até a caixa forte e a abriu. Quando devia receber meu pedido, trazia nas mãos o embrulho. Agradei-lhe. Disse-me que não havia por quê. Pedi uma aguardente dupla e ele me trouxe; Paguei-lhe. Acendeu-me o cigarro. Bebi a aguardente de um gole e saí com o dinheiro no bolso.

Gretchen Keck estava parada na frente da cozinha, atrás da porta do trailer. Usava um avental e calças. Tinha seu louro cabelo levantado em um coque alto preso com um elástico. O ovo que estava fritando chispava e estalava como uma diminuta metralhadora que aguçava a minhas tripas famintas. Não percebeu a minha presença até que bati na porta aberta. Então me viu. Levantou a frigideira e a brandiu como um pau. O ovo caiu no chão e ficou ali com a gema jorrando.

- Afaste-se de mim.
- Dentro de uns minutos.
- Você é um sujo detetive, não é? Um dos que mataram Pat. Não tenho nada para dizer.
- Eu sim.
- Não a mim. Não sei nada. Pode ir. Com a frigideira levantada e disposta a jogá-la, podia parecer ridícula. Entretanto, não tinha nada de ridícula.
- Antes de morrer, disse rapidamente, — Pat me deu algo para você...
- Antes que você o matasse, quer dizer.
- Cale-se e me escute, moça. Não tenho todo o dia para lhe dedicar.
- Está bem. Termine seu discurso. Sei que você mente, policial. Você está tentando me estender uma armadilha. Só que eu não sei nada. Como eu poderia saber que ele ia matar alguém?
- Deixe isso e me escute. Vou entrar.
- Jamais! Atravessei a soleira, lhe arranquei a frigideira de ferro e a coloquei na única cadeira.
- Pat não matou ninguém. Entendeu?

— O jornal dizia que sim. Agora sei que você mente. Mas sua voz tinha perdido sua apaixonada convicção. Sua suave boca se entreabriu em expressão de incerteza.

— Não acredite em tudo o que ler nos jornais. A senhora Slocum morreu acidentalmente.

— Por que mataram Pat então, se ele não a tinha assassinado?

— Porque ele disse que o tinha feito. Pat ouviu quando um policial me dizia que ela estava morta, e convenceu o homem para o qual trabalhava de que ele a tinha matado.

— Pat não era tão louco.

— Era mais louco ainda. Seu patrão lhe deu dez mil dólares para que fugisse da lei. Pat pagou por um crime que não tinha cometido.

— Deus! Seus olhos se abriram cheios de admiração. — Eu lhe disse que era inteligente.

— Também tinha coração. Esta mentira deixou um gosto de bÍlis em minha língua.

— Quando viu que não ia sair deste assunto, me deu os dez mil dólares para que os entregasse a você. Disse-me que você era sua herdeira.

— Não! Ele lhe disse? Seus olhos azuis se arregalaram. — O que mais disse?

— Disse que desejava que você recebesse o dinheiro com uma condição: que abandonasse Nopal Valley e fosse para algum lugar onde pudesse levar uma vida decente. Disse que valia a pena, se você fizesse isso.

— Farei isso, disse começando a chorar. — Disse dez mil dólares?

— Exato, respondi e lhe estendi o pacote. — Não os gaste na Califórnia porque podem seguir sua pista. Não diga a ninguém o que eu lhe contei. Vá para outro estado, ponha-os no banco e compre uma casa ou algo assim. Isso é o que Pat queria que você fizesse com o dinheiro.

— Disse isso? Tinha esmigalhado o envoltório e apertava as brilhantes notas contra seu peito.

— Sim, respondi, e lhe disse o que ela queria ouvir, porque não havia nenhuma razão para não fazer: — Também me disse que a amava.

— Sim, sussurrou ela. — Eu também.

— Tenho que ir agora, Gretchen.

— Espere um minuto. Levantou-se movendo a boca torpemente, tentando expressar uma pergunta.

— Por que você...? Quero dizer, acredito que era realmente seu amigo, como você disse. Perdoe-me. Acreditei que você era um policial. E é justamente você vem me trazer o dinheiro de Pat.

— Guarde-o, disse. — Saia da cidade nesta mesma noite, se puder.

— Sim. Sem dúvida. Farei o que Pat queria que fizesse. Realmente, era um grande moço, depois de tudo. Voltei-me e me dirigi para a porta para que não visse meu rosto.

— Adeus, Gretchen.

O dinheiro não seria para ela um bem permanente. Compraria um casaco de visom ou um automóvel veloz, e acharia um homem que roubaria um ou destroçaria o outro. Provavelmente, outro Reavis. Contudo, lhe dera lembranças diferentes das que tinha. Ela não tinha recordações e eu tinha muitas. Não queria lembranças de Reavis ou Kilbourne.

* * *

A senhora Strang me fez entrar no quarto de James Slocum. Era um quarto muito varonil, provido de cadeiras de couro vermelho e sólidos móveis escuros. Gravuras de velhos veleiros, como portei ras abertas sobre um mar imóvel, adornavam as paredes com painéis de carvalho. Uma das

paredes estava totalmente coberta de prateleiras embutidas e transbordantes de livros. Era o tipo de quarto que uma mãe esperançada podia decorar para o filho.

O filho da Olivia Slocum estava sentado em um extremo da grande cama. Pálido e magro. À cinzenta luz do crepúsculo que entrava pelas janelas, parecia uma imagem em prata de um homem. Francis Marvell estava sentado em uma cadeira junto a ele. Ambos estavam atentos a um tabuleiro de xadrez com peças de marfim brancas e negras que repousava sobre a beira da cama, entre eles. A mão de Slocum emergiu de sua manga de seda escarlata e moveu um cavalo preto.

— Pronto.

— Muito bem! Disse Marvell. — Mas, muito bem! Slocum afastou seu olhar sonhador do tabuleiro e o dirigiu para mim.

— Sim?

— Você disse que receberia o senhor Archer, balbuciou a mulher.

— O senhor Archer? Oh, sim! Entre senhor Archer. A voz de Slocum tinha um fraco e vago tom mal-humorado.

A senhora Strang saiu do quarto. Permaneci onde estava. Havia entre Slocum e Marvell uma atmosfera especial, um círculo de intimidade em que eu não me atrevia a entrar. Tampouco eles desejavam que eu entrasse. Suas cabeças estavam dirigidas para mim com o mesmo ângulo impaciente, com o mesmo desejo de que me fosse e os deixasse prosseguir sua complexa partida de xadrez.

— Espero que esteja bem disposto, senhor Slocum. Não encontrei nada melhor para dizer.

— Não sei. Sofri uma terrível série de comoções. A compaixão por si mesmo ressonava detrás de suas palavras como um rato detrás da parede. — Perdi a minha mãe, perdi a minha mulher e minha própria filha se virou agora contra mim.

— Eu estou junto a você, querido amigo, disse Marvell. — Você sabe que pode contar comigo. Slocum sorriu fracamente. Dirigiu sua mão para a de Marvell, que repousava frouxamente perto do tabuleiro, mas parou antes de tocá-la.

— Se você veio pela peça, me disse Marvell, — Temo ter que lhe confessar que a abandonamos. Depois de tudo o que aconteceu, passarão meses ou anos antes que eu possa voltar para mundo da imaginação. O pobre James talvez nunca volte a atuar.

— Não é uma grande perda para o teatro, disse Slocum com tranquila tristeza. — Mas o senhor Archer não está interessado na peça, Francis. Suponho que a esta altura já sabe que é um detetive. Imagino que veio buscar seu pagamento.

— Já me pagou.

— Melhor. De mim nunca receberá um centavo. Posso arriscar uma conjetura a respeito de quem lhe pagou.

— Não é necessário. Foi a sua esposa.

— É óbvio, foi ela. E quer que lhe diga por quê? Inclinou-se para frente, se aferrando às colchas. Seus olhos brilhavam de febre ou de paixão. O rosto de prata tinha um aspecto enfermiço e fundo, como o de um velho.

— Porque você a ajudou a assassinar a minha mãe, não é verdade? Não é verdade? Marvell estirou suas pernas e ficou de pé, afastando o olhar com impressão de embaraço. — Não, Francis, por

favor não vá. Quero que ouça isto. Quero que saiba com que tipo de mulher tive que conviver. Marvell se afundou de novo na cadeira e começou a morder os nós dos dedos, — Me ocorreu ontem à noite. Fiquei aqui deitado, pensando a noite toda e de repente compreendi tudo claramente. Ela sempre odiou a minha mãe, queria seu dinheiro, ia me abandonar. Mas não se atreveria a assassiná-la sem ajuda. Você ia dar ao assunto o toque profissional, não é assim?

— E qual foi minha contribuição particular?

— Você administrou o calmante necessário, senhor Archer, disse com voz suave e maliciosa. — Sem dúvida, Maude afogou mamãe ela mesma. Ela não era mulher de delegar essa tarefa. Você esteve ali para assegurar de que se acusasse Reavis do fato. Minha suspeita se confirmou ontem, quando foi encontrada a boina de Reavis na grama junto à piscina. Eu sabia que Reavis não a tinha deixado ali. Tinha-a deixado no assento dianteiro do automóvel. Eu mesmo a vi no automóvel. Sugiro que você também a viu ali e que compreendeu a utilidade que podia lhe dar.

— Não sou muito sugestionável, senhor Slocum, mas suponhamos que seja verdade o que você diz, o que pensa fazer?

— Não posso fazer nada. Com os olhos dirigidos ao forro do teto e as mãos agora unidas, tinha o aspecto de um santo louco. — Para castigar você, eu teria que proclamar minha vergonha, a vergonha de minha mulher, ante o mundo. Pode ficar tranquilo, a menos que tenha consciência. Ontem à noite cumpri com meu dever no que concerne a minha mãe morta. Disse a minha mulher o que disse a você. Ela se suicidou. Era o correto.

Tive desejos de lhe dizer algumas palavras duras, mas me refreei. Slocum tinha se afastado da realidade. Se eu lhe dissesse que levou a sua mulher ao suicídio por razões falsas, só teria conseguido afundá-lo ainda mais nesse mundo irreal. Maude Slocum não se matou porque assassinou a sogra. O relato de seu marido a respeito da boina só tinha lhe demonstrado que não era Reavis o assassino. O que significava que fora algum outro. Disse a Marvell:

— Se você se interessar por este homem, procure um bom médico.

Olhou-me pestanejando e balbuciou algo incoerente. O rosto de Slocum ainda estava voltado para o forro do teto, com um triste sorriso de santidade. Retirei-me. Do corredor lhe ouvi dizer:

— É a sua vez, Francis.

Caminhei sozinho pela casa, pensando em Maude Slocum e procurando Cathy. Os aposentos e os corredores estavam vazios e silenciosos. A onda de violência que tinha sacudido a casa se apaziguou e tinha retirado a vida dela. A galeria, a sala e os terraços estavam mortos, com exceção das flores que flamejavam à luz minguante. Evitei a piscina, que brilhava através das árvores como uma arma branca. Ao final do fúnebre caminho de ciprestes, cheguei ao jardim da idosa.

Cathy estava sentada em um banco de pedra, como uma ilha no meio do lago de flores. Seu rosto estava voltado para o Oeste, onde um momento antes o sol tinha morrido gloriosamente. Seu olhar juvenil atravessava a muralha de pedra do jardim para pousar sobre as montanhas. Observava suas massas purpúreas como se formassem as paredes de uma enorme prisão onde tivesse sido condenada a viver sozinha para sempre. Chamei-a através do portão:

— Cathy, posso entrar? Voltou-se lentamente, com as enormes e antigas montanhas em seus olhos. Sua voz soou inexpressiva.

— Olá, senhor Archer. Entre. Levantei o trinco de madeira e passei ao jardim.

— Não feche, disse ela, — Pode deixar aberto.

— O que faz?

— Estou pensando. Passou a um lado no banco para me deixar lugar. A superfície de cimento ainda retinha o calor do sol.

— No quê?

— Em mim. Pensava que isto tudo era tão belo, e agora não significa nada. Coleridge tinha razão com respeito à natureza. Você vê a beleza nela se a tem em seu coração. Se seu coração está desolado, o mundo é um vazio. Leu sua “Ode à Angústia”? Respondi que nunca a tinha lido. — Agora a compreendo. Se tivesse a coragem de minha mãe, me mataria. Mas suponho que ficarei sentada: esperando que me aconteça algo. Algo bom ou algo mau, na realidade não importa. Não soube o que dizer. Optei por algo corriqueiro.

— Todas as coisas ruins já aconteceram, não é?

— Exceto a desolação que há em meu coração. A não ser por sua absoluta seriedade, a frase teria sido tola.

— Conte-me tudo.

— O que quer dizer? Enfrentou meu olhar. Durante um longo momento nos olhamos um ao outro. Seu corpo se diminuiu e se contraiu, enquanto se afastava de mim.

— Não sei o que quer você dizer.

— Você matou a sua avó, disse. — Deve me falar disso. Inclinou sua cabeça e os ombros, e permaneceu sentada assim, com os olhos secos e tranquilos.

— Todo o mundo já sabe?

— Ninguém sabe, Cathy. Só eu e Ralph Knudson.

— Sim. Ele me falou hoje. O senhor Knudson é meu pai. Por que não me disseram isso antes? Nunca teria enviado aquela carta.

— Por que a enviou?

— Odiava minha mãe. Ela enganava o meu pai... O senhor Slocum. Um dia os vi juntos, ela e o senhor Knudson, e quis fazê-la sofrer. Pensei que se meu pai, se o senhor Slocum, descobrisse, a abandonaria e poderíamos ficar juntos. Sempre estavam brigando ou sem se falar. Queria separá-los para que houvesse paz. Mas pelo visto a carta não produziu nenhum efeito.

Por um momento pareceu uma mulher; mais ainda, uma sem idade falando com uma antiga sabedoria. Voltou a ser uma menina, uma irritada menina tentando explicar o inexplicável: como se pode cometer um assassinato com as melhores intenções do mundo.

— Por isso tomou o caminho mais difícil, disse. — Pensou que o dinheiro de sua avó os separaria. Sua mãe iria com seu amante e você poderia viver feliz com seu pai.

— Com o senhor Slocum, me corrigiu. — Ele não é meu pai. Sim, pensei isso. Sou um ser horrível, adicionou e começou a chorar.

Um rouxinol que se achava entre os ciprestes começou a cantar. Os soluços da moça e a ave deram ao crepúsculo um ar de loucura. Passei um braço pelas costas estremecidas de Cathy.

— Sou horrível. Devo morrer.

— Não, Cathy. Já morreu muita gente.

— O que vão fazer comigo? Mereço morrer. Realmente odiava a minha avó. Queria matá-la. Atormentou o meu pai desde que era um menino. Ela o fez o que é. Você sabe o que é um complexo de Édipo, não é?

— Sim. Também ouvi falar do complexo de Electra. Ela passou por cima minhas palavras. Era melhor assim, porque não devia tê-las dito. Ela já sabia muito, mais do que podia suportar.

Parou de chorar, mas o pássaro continuava cantando na árvore, como uma consciência desencarnada.

— Cathy, eu não vou fazer nada. Não tenho direito.

— Não seja bondoso comigo. Não mereço nada bondoso de ninguém. No momento em que decidi senti como se estivesse separada de todo ser humano. Compreendo o que quer dizer quando se fala da marca de Caim. Eu a tenho. Cobriu a testa com a mão como se realmente pudesse estar marcada.

— Compreendo como se sente. Eu fui responsável, em certo sentido, pela morte de Pat Reavis. Uma vez matei um homem com minhas próprias mãos. Fiz para salvar minha vida, mas ainda tenho seu sangue em minhas mãos.

— Você é muito bom comigo, e também foi o senhor Knudson, meu pai. A última palavra soou de maneira especial em seus lábios, como se designasse algo grande, misterioso e novo. — Culpou-se a si mesmo de todo o acontecido. Agora você se culpa. Mas eu fui a única que o fez. Até tentei que jogasse a culpa no Pat. Essa noite o vi aqui. Menti a você quando disse que não o tinha visto. Queria sair com ele. Tentei, mas não pude. Ele estava bêbado, e o mandei embora. Em seguida vi a boina que tinha deixado no automóvel, e foi então quando me decidi. Foi terrível. Uma vez que vi o que podia fazer, me senti como se precisasse, você sabia?

— Acredito que sei.

— Senti como se tivesse vendido minha alma ao diabo, ainda antes de acontecer... Não, não devo dizer que aconteceu, porque eu fiz que acontecesse. Contudo, penso que se tivesse podido sair daqui, não teria acontecido. Quando vi você sair da casa entrei em seu carro. Mas você não quis levar.

— Sinto muito.

— Não se lamente. Não podia evitar. O que você podia fazer comigo? De qualquer maneira, me deixou aqui. Eu sabia que minha avó estava sentada aqui, no jardim. Não pude voltar para a casa sem fazê-lo. Fui até a pia e joguei a boina de Pat na grama; em seguida a chamei. Ela devia vir ver o que acontecia e eu a empurrei na água. Em seguida entrei na casa e me deitei. Não pude dormir toda a noite, nem tampouco ontem à noite. Você acredita que poderei dormir esta noite, agora que outras pessoas sabem?

Voltou seu rosto para mim. Tinha uma expressão atormentada. Suas carnes tinham uma cor cinza quase transparente, como a última luz que caía sobre o jardim.

— Espero que sim, Cathy.

— Você acredita que sou maluca? Durante anos tive medo de enlouquecer.

— Não, disse, embora não tivesse a menor ideia.

Uma voz de homem a chamou de algum lugar fora da visão. O pássaro voou da árvore e revouou ao redor de outro, de onde lançou um novo grito. Cathy levantou a cabeça como um cervo.

— Estou aqui, e adicionou com a mesma voz clara: — Pai. Era a estranha e antiga palavra. Knudson apareceu na porta. Quando me viu, franziu o cenho.

— Disse-lhe que fosse embora e não voltasse. Deixe-a tranquila.

— Não, disse Cathy, — Ele foi amável comigo.

— Venha aqui, Cathy.

— Sim, pai.

Foi até ele, com a cabeça inclinada e vigilante. Knudson lhe falou em voz baixa e ela caminhou em direção à casa. Movia-se de maneira vacilante, como um viajante em um lugar novo, e se perdeu entre as sombras dos ciprestes. Fui até o portão e enfrentei Knudson na estreita abertura que havia entre os postes de pedra.

— O que você vai fazer com ela?

— Isso é meu assunto. Tirou o paletó. Estava com roupa de civil, e sem a cartucheira.

— Agora também é meu assunto.

— Você cometeu um engano. Vários enganos. Agora vai pagar. Mostrou-me um punho. Pus-me fora de alcance.

— Não seja infantil, Knudson. Derramar sangue não ajudará a nenhum de nós. Nem a Cathy.

— Tire o paletó, disse, e colocou o seu sobre a porta oscilante. Eu joguei o meu sobre ele.

— Se insistir.

Retrocedeu até o gramado e eu o segui. Foi uma briga longa, dura e inútil. Mas foi preciso levá-la até o fim. Ele era maior e mais pesado que eu, mas eu era mais rápido. Dava-lhe três por cada um. Derrubei-o seis vezes antes que parasse, prostrado de costas e com ambas as mãos sobre o rosto. Eu tinha os dois polegares deslocados e inchados, e o olho direito quase fechado por um soco sobre a pálpebra. Estava totalmente às escuras quando terminamos. Sentou-se depois de um momento e falou com respiração entrecortada.

— Tinha que brigar com alguém. Slocum não é rival para mim. Você briga bem, Archer.

— Fui treinado por profissionais. O que você vai fazer com Cathy?

Levantou-se lentamente. Tinha o rosto sulcado por sangue negro que gotejava de um extremo do queixo e manchava sua camisa. Cambaleou e quase caiu. Sustentei-o com minha mão.

— Oficialmente, você quer dizer? Murmurou através de seus lábios inchados. — Apresentei minha renúncia esta tarde. Não disse por quê. Nem você tampouco dirá.

— Não. Ela é sua filha.

— Ela sabe que é minha filha. Virá comigo a Chicago. Ali a porei em uma escola e tentarei lhe dar um lar. Soa impossível? Vi se corrigirem casos piores que o de Cathy, e chegar a serem pessoas normais. Não frequentemente, mas acontece.

— Se houver alguém que possa reagir bem, essa é Cathy. O que Slocum diz?

— Slocum não pode me deter. Nem vai tentar. A senhora Strang virá comigo; ela e Cathy se gostam muito.

— Boa sorte, então.

A nosso redor e por cima, a escuridão era imensa. Nossas mãos se buscaram e se apertaram.

Deixei-o ali e fui tratar da vida.

Fim